

Somos o Brasil

NELSON RODRIGUES

WE ARE BRAZIL



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.us*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."


Somos o
Brasil
NELSON RODRIGUES
WE ARE BRAZIL



Somos o Brasil

NELSON RODRIGUES

WE ARE BRAZIL

BNDES

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA

© 2013 by Espólio de Nelson Falcão Rodrigues.

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A.

Rua Nova Jerusalém, 345 — Bonsucesso — 21042-235

Rio de Janeiro — RJ — Brasil Tel.: (21) 3882-8200 — Fax: (21)3882-8212/8313

Capa: Sérgio Campante Fotos de capa: Em cima, torcedores paulistas comemorando gol do Brasil contra o Peru na Copa do Mundo de 1970; em baixo, Jairzinho, Rivelino, Carlos Alberto, Pelé e Wilson Piazza comemoram a vitória do Brasil contra a Itália, na Copa do Mundo de 1970. Arquivo | Agência O Globo.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

R611s

Rodrigues, Nelson, 1912-1980

Somos o Brasil / Nelson Rodrigues. — 1. ed. — Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

il.

Edição bilíngue ISBN 978.85.209.3821-8

1. Futebol — Crônicas. 2. Crônica brasileira. I. Título.

13-05452

CDD: 869.98

CDU: 821.134.3(81)-8

Patrocínio / Sponsorship





SUMÁRIO

Capa

Nota do editor

Mensagem do BNDES

Abaixo a humildade!

Brasil vacila entre o pessimismo mais obtuso e a esperança mais frenética

A piada imortal

A canção do Bi

Brasileiro,da cabeça aos sapatos

Brasil, Brasil, Brasil

References

NOTA DO EDITOR

Se tentássemos definir a qualidade maior de um bom cronista, poderíamos afirmar que é sua capacidade de captar instantâneos, de falar dos fatos cotidianos por pontos de vista inusitados, criando “retratos” que dizem mais sobre o olho que viu do que propriamente sobre o visto. Quando o cronista é Nelson Rodrigues, no entanto, tais instantâneos discursivos conjugam traços memorialistas e confessionais, revelam o flerte descarado da realidade com a ficção e não só subvertem a perspectiva habitual, como também criam novos ângulos e imagens nada menos que geniais.

Nelson Rodrigues não é, portanto, apenas o maior dramaturgo do nosso país ou o autor dos famosos contos de “A vida como ela é...”; Nelson Rodrigues é o cronista esportivo mais importante que tivemos, aquele que definiu o gênero entre nós e influenciou as gerações que vieram depois dele.

Se restringirmos o foco, o que poderemos dizer das crônicas dedicadas apenas ao futebol, esporte que era a sua paixão? É quase uma das tais unanimidades tão rechaçadas pelo autor — “Toda unanimidade é burra. A maioria geralmente está errada.” — apontar o futebol na

sua obra como a melhor e mais evidente metáfora do Brasil e dos brasileiros. O olhar contundente do cronista, revelado a cada texto, parte da crítica à humildade do nosso povo, que motivou o autor a cunhar o “complexo de vira-latas”, e culmina num sentimento de nação vencedora promovido pela pátria de chuteiras.

Mais do que imagens pontuadas por crônicas e excertos, o que pretendemos apresentar é um percurso marcado pela paixão; paixão que, em Nelson, se desdobra em dois níveis: um mais restrito, bairrista, que se dá pelo Fluminense Football Club e, com ele, pela cidade do Rio de Janeiro, numa espécie de patriotismo carioca; e outro mais amplo, que se volta para a seleção brasileira, elemento que nos dá unidade e é capaz de infundir um orgulhoso sentimento de patriotismo nacional. Nossa opção por costurar este livro com as linhas verde-amarelas fornecidas pelo futebol das crônicas de Nelson Rodrigues se pauta, portanto, pela abrangência. Afinal, o que Nelson revelava ali não era só o futebol: o seu olhar orgulhoso se espantava e desvendava o Brasil moderno que emergia.

Observador atento das muitas transformações por que passavam o país e o mundo, tanto no papel de cidadão quanto no de operário da palavra, Nelson testemunhou a criação da Petrobras, vibrou com a Fundação de Brasília, registrou a chegada de Neil

Armstrong à Lua, criticou o novo padrão estético que elimina as curvas das moças e tratou, também de forma apaixonada, de outros tantos acontecimentos marcantes ao longo das décadas de 1950, 1960 e 1970. Com seu olhar agudo, o cronista vivenciou a trajetória de um Brasil que ia se transformando paulatinamente, dando adeus à imagem agrária e fincando seus pés com força no asfalto. Além disso, soube como ninguém captar a potência dos mais desvalidos, basta-se pensar que sua obra ficcional é toda ambientada no subúrbio. Sua voz "profética" antecipou o que ele mesmo não chegou a presenciar. Aqui, temos a trajetória de um país registrada pelo pernambucano que não hesitou em se tornar carioca, pois nós todos somos o Brasil e assim é o mundo todo, em periferias que se agigantam e tomam, em mutação, os centros e os destinos.

Editor's Note

If we tried to set the greatest quality of a good chronicler, we could assert that it is his ability to capture snapshots, to talk about daily life facts by means of unusual points of view, creating "portraits" that tell more of the eye that saw than properly of what was seen. However, when the chronicler is Nelson Rodrigues, such discursive snapshots combine memoir and confessional traits, reveal the

shameless flirtation between reality and fiction, and not only subvert the usual perspective, but also create new angles and images that are nothing less than brilliant.

Thus, Nelson Rodrigues is not only the greatest Brazilian playwright or the author of the famous short stories from "Life As It Is..."; Nelson Rodrigues is the most important sportswriter Brazil has ever had, the one who defined the genre in the country and influenced the generations that came after him.

If we restrict the focus, what can we say about chronicles dedicated only to soccer, sport which was his passion? It is almost one of such unanimities so repulsed by the author — "Every unanimity is stupid. The majority is usually wrong." — pointing the soccer in his work as the best and most obvious metaphor of Brazil and Brazilians. The striking look of the chronicler, revealed in each text, comes from the criticism to the humility of Brazilian people, that motivated the author to coin the "mongrel complex", and culminate in a feeling of a winning nation promoted by the homeland in cleats.

More than images punctuated by chronicles and excerpts, what we intend to present is a path marked by passion; passion which, in Nelson, unfolds itself into two levels: one narrower, parochial, for Fluminense Football Club and, with it, for the city of Rio de Janeiro, in a kind of carioca patriotism; and a broader one, that turns to the Brazilian national team, the element that gives unity to the country, and is capable of infusing a proud feeling of national patriotism. Our decision to sew this book with the green and yellow sewing threads provided by the Nelson Rodrigues' soccer chronicles was established, therefore, because of its range. After all, what Nelson revealed in there was not only soccer: his proud look was amazed and has unveiled the modern Brazil that emerged.

Keen observer of many transformations in the country and the world, in the role of citizen as well as in the role of worker of the word, Nelson witnessed the creation of Petrobras, vibrated with the founding of Brasilia, recorded the arrival of Neil Armstrong on the Moon, criticized the new aesthetic standard which eliminates the curves

of the young women, and wrote, also passionately, about many other significant events throughout the 1950s, 1960s and 1970s. With his keen eye, the chronicler experienced the trajectory of a Brazil that was gradually transforming, waving goodbye to the agrarian image and firmly digging its feet on the asphalt. Furthermore, he knew better than anyone how to capture the power of the underdogs; it is a matter of thinking that his fictional work is all set in the carioca's suburbs. His "prophetic" voice anticipated what he himself did not actually witness. Here we have the story of a country recorded by a man from Pernambuco who did not hesitate to become a carioca, because we all are Brazil, and so is the whole world, in outskirts that are magnified and, mutating, take centers and destinies.

MENSAGEM DO BNDES

Se um país é delimitado por suas fronteiras, uma nação é determinada pelo conjunto de bens simbólicos que constituem sua identidade. O Brasil, país de dimensões continentais, tem na paixão pelo futebol um dos principais elementos definidores de seu povo e de sua cultura.

O que marca os textos reunidos nesta publicação é uma profunda sensibilidade a esse aspecto. Estes fragmentos e crônicas do escritor, jornalista e dramaturgo Nelson Rodrigues mostram um torcedor apaixonado e também um exímio observador do cotidiano brasileiro do século XX. Suas crônicas oferecem um interessante retrato da época, com um enquadramento atrevidamente otimista, e revelam uma sociedade em construção e em busca de uma identidade.

O futebol, nesse cenário, funciona como elemento central para a construção de um espírito nacional, a ponto de uma piada feita por Garrincha, minutos antes do início de uma partida, ser tratada como mito fundador do *verdadeiro Brasil*.

As crônicas aqui reunidas revelam também um cenário de grande transformação, marcado pela modernização da sociedade brasileira e por importantes mudanças na economia nacional.

Financiando tanto o processo de industrialização (que possibilitou o crescimento dos núcleos metropolitanos, a diversificação da produção nacional e a intensificação das relações comerciais com outros países) quanto importantes obras de infraestrutura (que contribuíram para o escoamento da produção, a integração do território e a melhoria na vida de milhões de brasileiros), o BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social), fundado em 1952 ainda como BNDE, desempenhou papel fundamental na transformação do país.

Passadas seis décadas, o Brasil mudou de forma ainda mais profunda: aprimorou sua democracia, tornou-se um país ainda mais urbano, ampliou a produtividade agrícola, consolidou a estabilidade econômica e sofisticou sua produção. Durante todo esse período, pôde contar com o BNDES, cuja atuação se ajustou a cada conjuntura, apoiando projetos ligados a setores como indústria, infraestrutura, agronegócio, comércio e serviços, inclusão social, meio ambiente e cultura, entre outros.

Sempre conectado ao momento histórico do país, o BNDES está empenhado atualmente na preparação para os grandes eventos esportivos dos próximos anos: a Copa do Mundo, em 2014, e as Olimpíadas do Rio, em 2016. Por isso, vem financiando a construção e a modernização dos estádios que receberão os jogos, as obras de infraestrutura urbana das cidades-sede e a expansão dos serviços de hotelaria e turismo necessários para acolher os nossos futuros visitantes, os quais terão a oportunidade de conhecer um país moderno, que conta com uma rica cultura e um povo alegre, hospitaleiro e trabalhador.

Esta publicação pretende apresentar parte da produção de um importante escritor brasileiro, além de tratar do desenvolvimento recente do país, abordando as dimensões simbólica e econômica, fundamentais para a sua formação. Ao patrociná-la, o BNDES reafirma seu otimismo em relação ao Brasil e ao seu povo. Tal qual no futebol, vitórias nos campos econômico e social merecem ser celebradas, mas um êxito sempre é seguido de outros desafios. Ainda há muito o que fazer e o BNDES continuará trabalhando para ampliar o desenvolvimento sustentável do Brasil.

BNDES

Message from BNDES

If countries are defined by their borders, nations are classified by the set of symbolic assets that shape their identities. For Brazil, a country of continental magnitude, one of the most defining features of its people and culture is soccer.

A deep understanding concerning this aspect permeates the texts united in this publication. The writings and excerpts from the writer, journalist and playwright Nelson Rodrigues reveal a fanatic supporter and a keen observer of every day life in Brazil in the 20th century. His essays offer an interesting insight into the time, with a brazenly optimistic viewpoint, unearthing a society in the making and in search of an identity.

Soccer, within this scenario, plays a core role in constructing a national spirit, to the extent that, as one of Rodrigues' text reveals, a joke Garrincha made minutes before a match became a founding myth of the real Brazil.

The texts within also bring to light a scenario of sweeping transformation, marked by the modernization of Brazilian society and important changes in the country's economy.

The Brazilian Development Bank (BNDES), founded in 1952 as the BNDE, has financed not only industrialization (which in turn fostered the growth of metropolitan centers, diversified national output and intensified trade relations abroad), but also important infrastructure works. This helped the flow of production, integrating the territory and improving the standard of living of millions of Brazilians. This was the Bank's fundamental role in transforming the country.

Six decades later, Brazil has changed even more: improving its democracy, becoming a more urban country, expanding its agricultural productivity, consolidating its economic stability and upgrading its production. Throughout this entire period, the country was able to rely on the BNDES, whose efforts were adjusted to meet needs, supporting projects linked to sectors such as industry, infrastructure, agro-business, trade and services, social inclusion, the environment and culture, among others.

Permanently connected to the country's history, the BNDES is currently involved in

preparing for the large sporting events to be held in the coming years: the 2014 World Cup and the 2016 Olympic Games in Rio de Janeiro. For this, the bank has financed the construction and modernization of stadiums that will host the games, as well as urban infrastructure works in host cities and expanding hotel and tourism services required to receive our future visitors. This is so they can have the opportunity to visit a modern country, with rich culture and welcoming people, who are high-spirited and hard-working.

This publication aims to present a part of the production of an important Brazilian writer, besides covering the country's recent development by addressing symbolic and economic aspects that have been vital in forming a nation. The BNDES' sponsorship reaffirms its optimism in relation to the country and its people. Much like in soccer, victories in the economic-social field warrant celebration, but success is always accompanied by more challenges. There is still much to do, and the BNDES will keep working to expand sustainable development in Brazil.





Abaixo a humildade!

Eu sempre me lembro daquele personagem de Dickens que vivia clamando pelas esquinas: — “Eu sou humilde! eu sou muito humilde! eu sou o sujeito mais humilde do mundo!” Era demais, como se vê. Mas, essa humildade espetacular e, por vezes, agressiva, já intimidava e acuava vizinhos, parentes, conhecidos e, até, desconhecidos. Quando ele passava na rua, havia, de imediato, o cochicho invejoso e consagrador: “Lá vai o humilde!” E o Fulano não parava em casa, vivia saindo, para melhor passear e melhor exibir a sua insolente humildade.

Pois bem: — o brasileiro tem um pouco do personagem de Dickens. Eu disse “um pouco” e já amplio: — tem muito. Se examinarmos a nossa história individual e coletiva, esbarraremos, a cada passo, com exemplos, inequívocos e indeléveis, de humildade. Por exemplo: — a recentíssima jornada do escrete brasileiro em canchas europeias. Foi algo de patético. No dia mesmo do embarque, vem o nosso técnico e, a babar de humildade, anuncia: — “Nós vamos aprender!” Vejam vocês: — aprender! Vinte e quatro horas depois, a declaração soava e ressoava no berro impresso das manchetes. Quem dizia isso não era um qualquer, mas alguém investido da autoridade e da clarividência de técnico do time.

Quem leu ou escutou a advertência teve todo o direito de pensar que o escrete era analfabeto em futebol. De qualquer maneira, não se podia desejar uma humildade mais compacta e mais refalsada. Um retrospecto de nossos resultados internacionais teria, talvez, justificado uma manifestação erecta e viril, e não esse esgar de subserviência. Afinal, éramos, na pior das hipóteses, os vice-campeões do mundo. E fizéramos, na Suíça, um jogo pau a pau com os divinos húngaros.

E, assim, imersos até o pescoço numa vil modéstia, lá partiram os nossos craques para aprender na Europa.

Mas já não constituíram uma equipe briosa, entusiasta, segura de si mesma e dos próprios méritos. Com um piparote o sr. Flávio Costa dizimara toda a euforia, devastara todo o *élan* dos nossos rapazes. Ao sair daqui, o escrete estava amadurecido para a derrota. O raciocínio é claro: — se íamos aprender, nada mais natural que os mestres europeus nos infligissem pesadas derrotas.



O jornalista Mário Filho, irmão de Nelson Rodrigues, apoiou fortemente a construção do estádio, inaugurado em 1950, cujas obras só se concluíram em 1965. Em função disso, o estádio foi batizado oficialmente com seu nome, embora seja mais conhecido como Maracanã.

Journalist Mario Filho, Nelson Rodrigues' brother, strongly supported the construction of the stadium, opened in 1950, which works were only completed in 1965. As a result, the stadium was officially named after him, although it is best known as Maracana.

Eis a verdade: — a primeira derrota da representação, o primeiro empate, o primeiro fracasso foi quando se disse, aqui, que “íamos aprender”. Essa humildade real e não simulada é que nos desfibrou em Lisboa, na Suíça, em Praga, em Milão, em Londres. Como explicar o colapso de Wembley? Foi a humildade, sempre a humildade. Dias antes, com efeito, o sr. Sílvio Pacheco concedera entrevista, em Londres. Perguntado se o escrete brasileiro tinha alguma possibilidade no mundial de 58, respondeu com pomposa e hedionda certeza: — “Nenhuma!” Em suma, o presidente da CBD desfraldou a humildade nacional com o impudor de uma manchete. Com dois anos de antecipação, ele derrotou a equipe nacional. Como explicar essa instintiva, essa incontrolável tendência para a autonegação? Será o servilismo colonial que acometeu também o futebol?

Ou expulsamos de nós a alma da derrota ou nem vale a pena competir mais. Com uma humildade assim abjeta, ninguém consegue nem atravessar a rua, sob pena de ser atropelado por uma carrocinha de Chicabon.

Manchete Esportiva, 19/5/1956

Down With Humility!

I always remember that character from Dickens who was always shouting on the corners: — “I am humble! I am very humble! I am the most humble guy in the world!” It was just too much, as you can see. But this spectacular and, sometimes, even aggressive humility has already intimidated and cornered neighbours, relatives, acquaintances and even strangers. When he passed in the street, the jealous and consecrator whispering immediately started: “There goes the humble!” And John Doe never kept at home, he went out all the time, in order to walk around and best display his cheeky humility.

Well then: — Brazilians have a bit of this Dickens’ character in them. I said “a little” and now I magnify: — a lot. If we examine our individual and collective history, we will, at every step, bump into examples of clear and indelible humility. For instance: — the very recent journey of the Brazilian team in European fields. It was pathetic. On the very day of the shipment, our coach comes and, drooling with humility, announces: — “We will learn!” Imagine that: — learn! Twenty-four hours later, the statement sounded and resounded in the printed scream of the headlines. It was not said by an ordinary person, but by the team coach, someone invested with the authority and the clarity of being a coach.

Anyone who has read or heard the warning had all right to think that the team was illiterate in soccer. Anyway, you could not wish for a more compact and fake humility. A retrospective of our international results would, perhaps, justifiy an erect and manly manifestation, rather than this grimace of subservience. After all, we were, at worst, the vice-world champions. And we had played, in Switzerland, a game head to head with the divine Hungarians.

And so, immersed to the neck in a vile modesty, our superstars left to learn in Europe. But they were no longer a proud, enthusiastic team, sure of itself and its merits. With a flick, Mister Flavio Costa decimated all the euphoria, devastated the whole *élan* of our boys. When the team left, it was ripe for defeat. It’s a clear train of thought: — if we were going to learn, it was just natural that the European masters would inflict us heavy defeats.

Here’s the truth: — the first defeat of the representation, the first tie, the first failure was when it was said here that “we would learn”. This real and not simulated humility is what took our fiber in Lisbon, in Switzerland, in Prague, in Milan, in London. How to explain the collapse of Wembley? It was humility, always humility. Days before, indeed, Mister Silvio Pacheco granted an interview in London. When asked if the Brazilian team had any chance in the 1958 World Cup, he replied with pompous and hideous certainty: — “Not a single one!” In short, the president of CBD[1] unfurled the national humility with the impudence of a headline. Two years ahead of time, he defeated the national team. How to explain this instinctive, uncontrollable tendency to denial? Does colonial servility also affect the soccer?

We either drive out the defeat from our souls or it is not even worth competing anymore. With such an abject humility, one can’t even cross the street at risk of being hit by a Chicabon pushcart.[2]

Manchete Esportiva, 5/19/1956



No Maracanã inaugurado, o uruguaio Obdulio Varela venceu, no palavrão, o escrete e toda a nação.

At the inaugurated Maracana, Uruguayan Obdulio Varela won, swearing, the team and the whole nation.



Jogo final da Copa do Mundo de 1950. Na imagem, o goleiro uruguaio Máspoli aparece caído e em segundo plano se vê Zizinho, considerado o melhor jogador do torneio.

Final match of the 1950 World Cup. In the image, the Uruguayan goalkeeper Maspoli appears fallen and, in the background, there is Zizinho, considered the best player of the tournament.

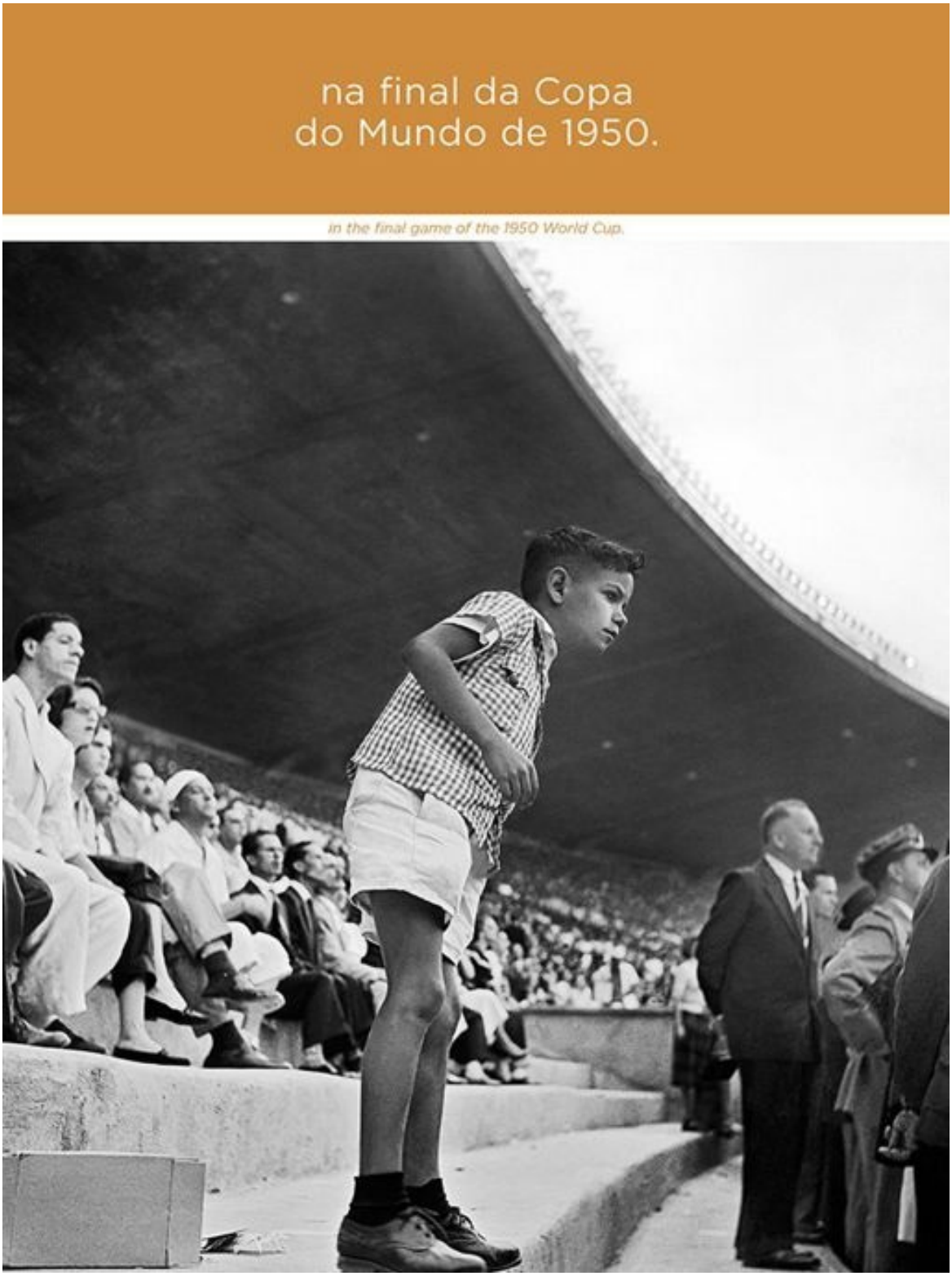
e por dentro...

and on the inside...



Em 50, quase houve um suicídio nacional quando não fomos campeões do mundo.

In 1950, there was almost a national suicide when we were not world champions.

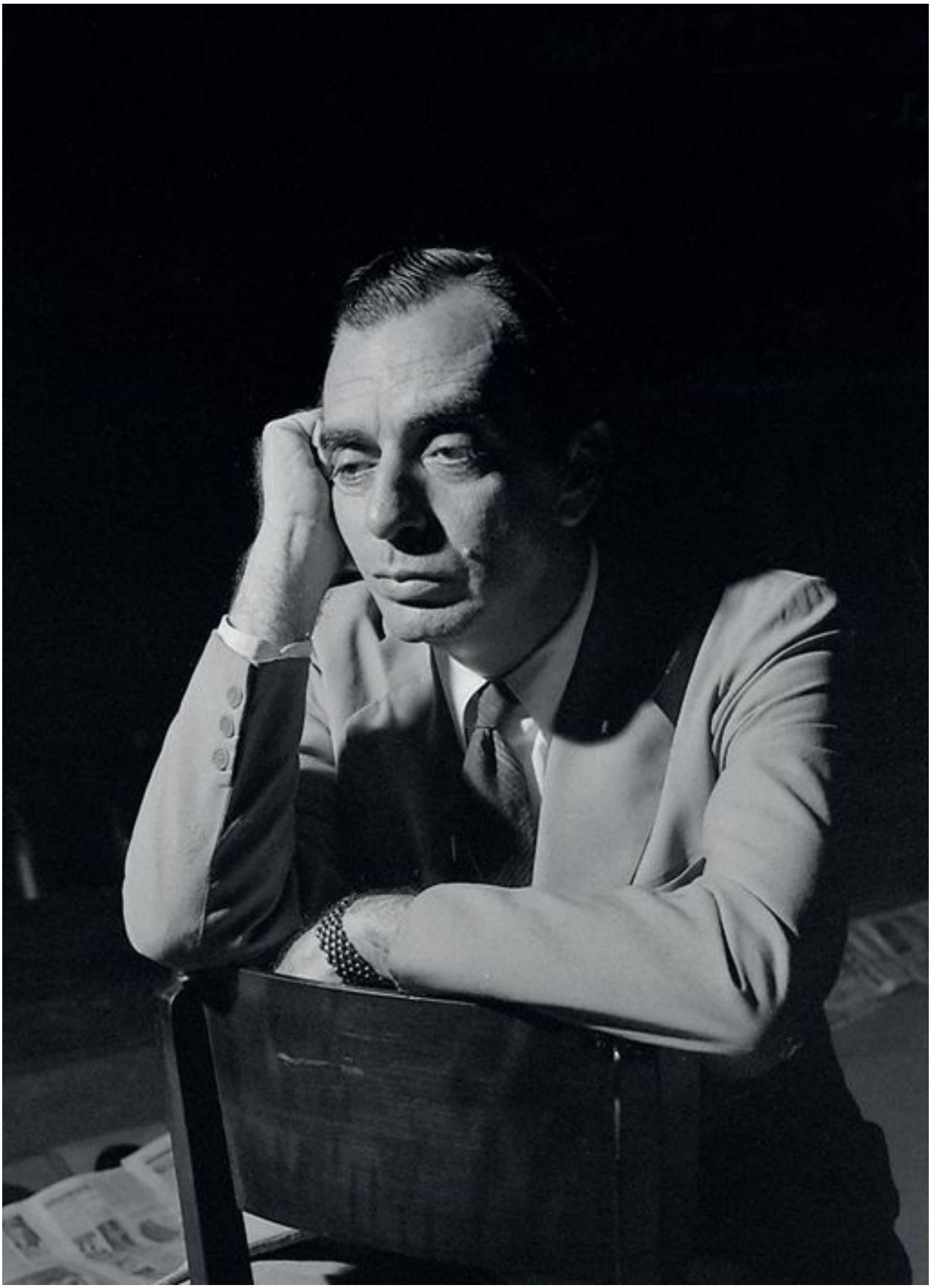


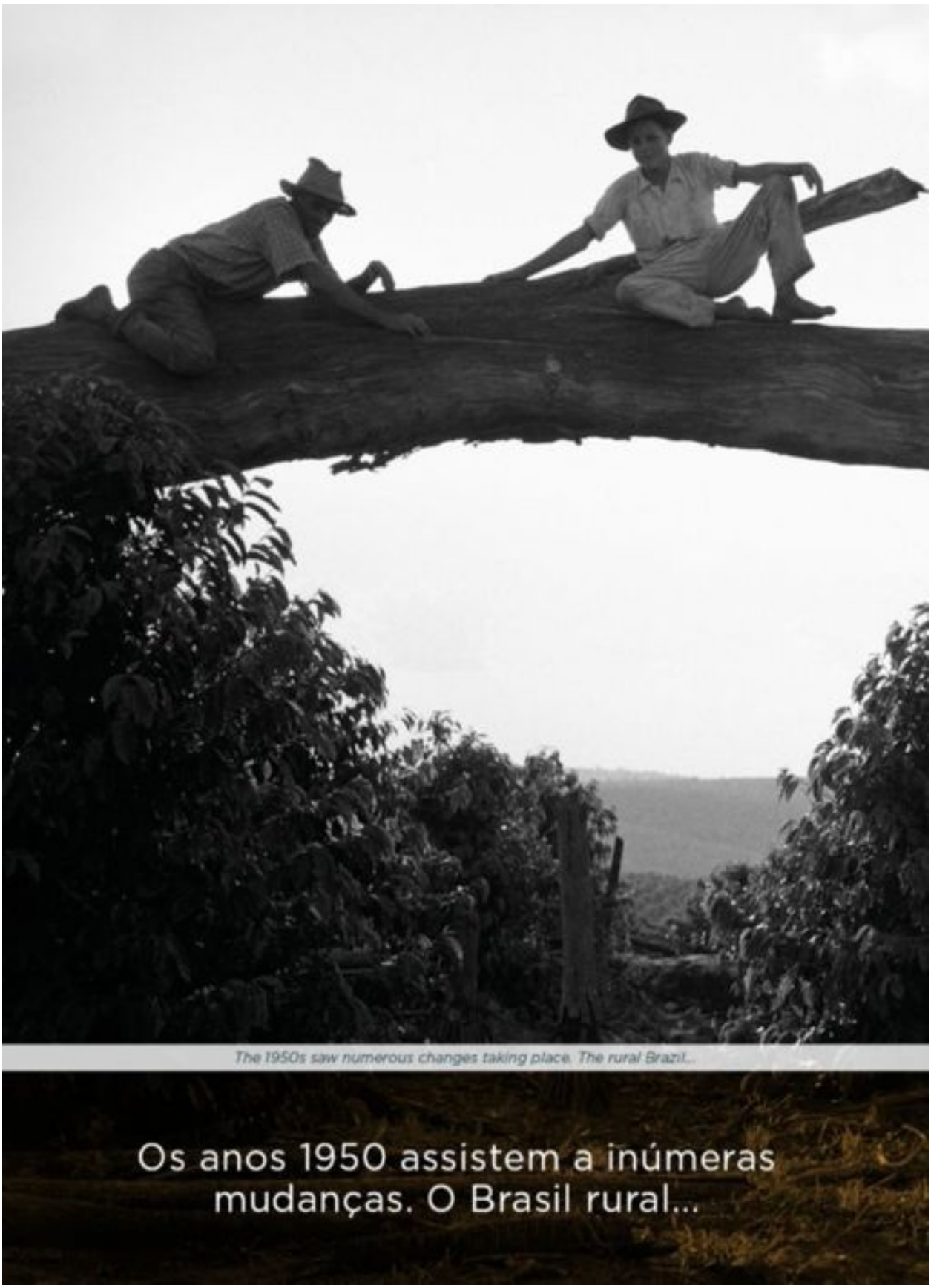
No estádio construído especialmente para sediar jogos do mundial, o Brasil perdeu o título para o Uruguai por 2 a 1.

In the stadium specially built to host the games of the championship, Brazil lost the title in a 2-1 defeat to Uruguay.

O Brasil ainda não se tornou campeão do mundo de teimoso que é.

Brazil is not world champion yet because of its stubbornness.

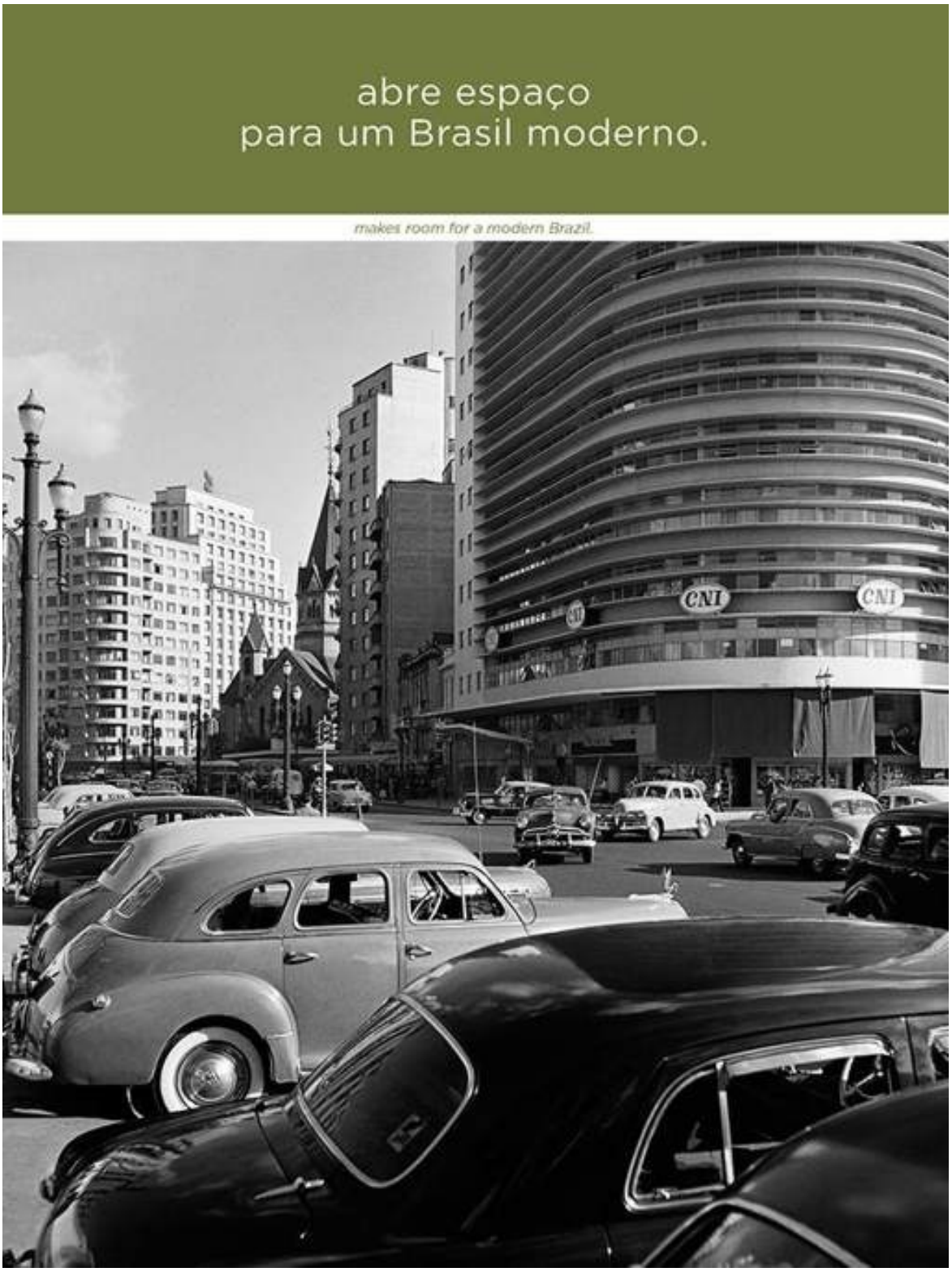



The 1950s saw numerous changes taking place. The rural Brazil...
Os anos 1950 assistem a inúmeras mudanças. O Brasil rural...



Embora o auge do ciclo do café há muito já tivesse ficado para trás, em 1955 ainda é registrada a formação de novos cafezais.

Although the peak of the coffee cycle had been left behind long ago, in 1955 the formation of new coffee farms is still reported.

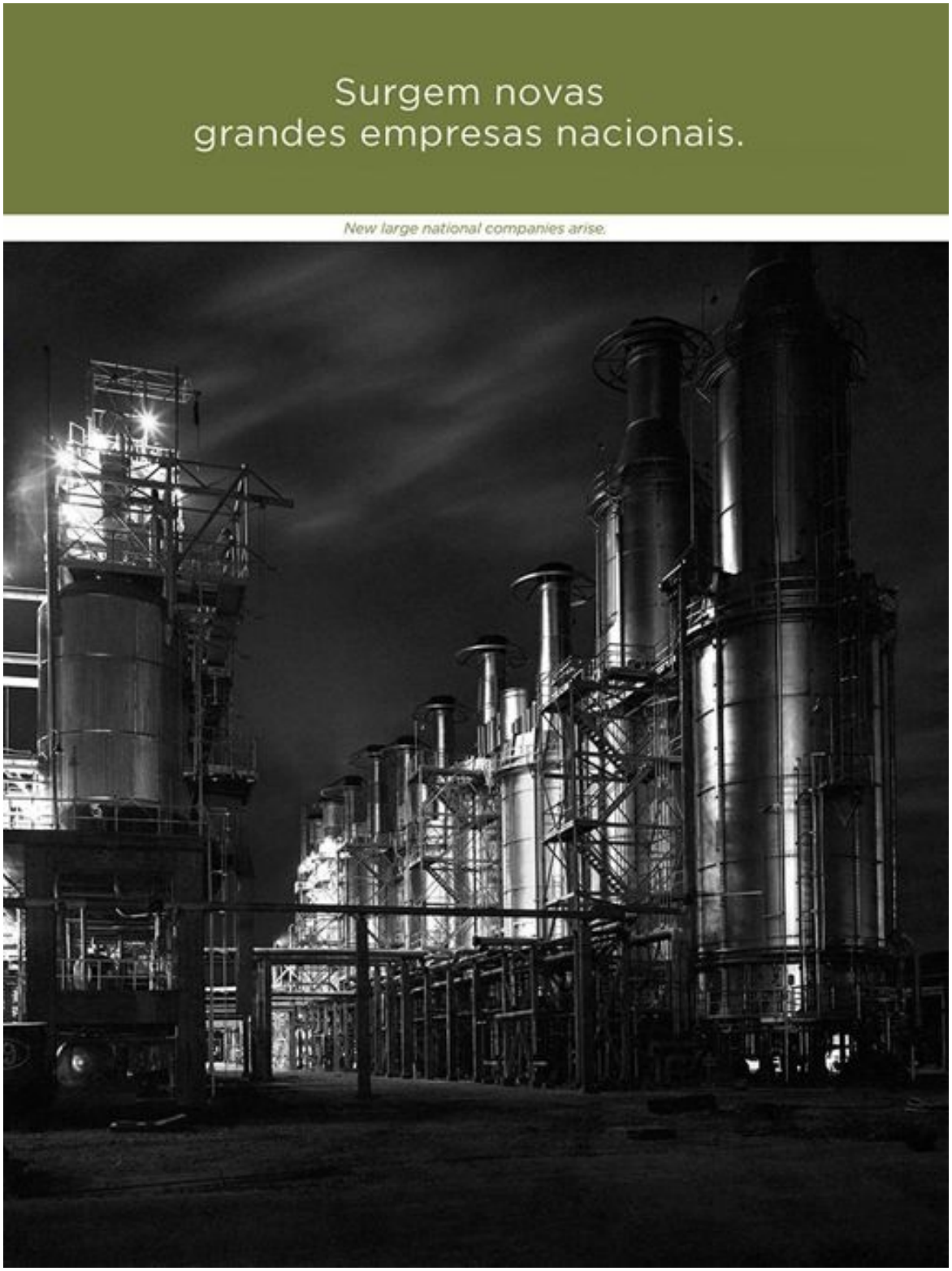


No mesmo ano de 1955, São Paulo já se apresenta como uma metrópole com altos edifícios e grande circulação de automóveis.

In the same year, 1955, Sao Paulo was already a metropolis, with tall buildings and wide circulation of automobiles.

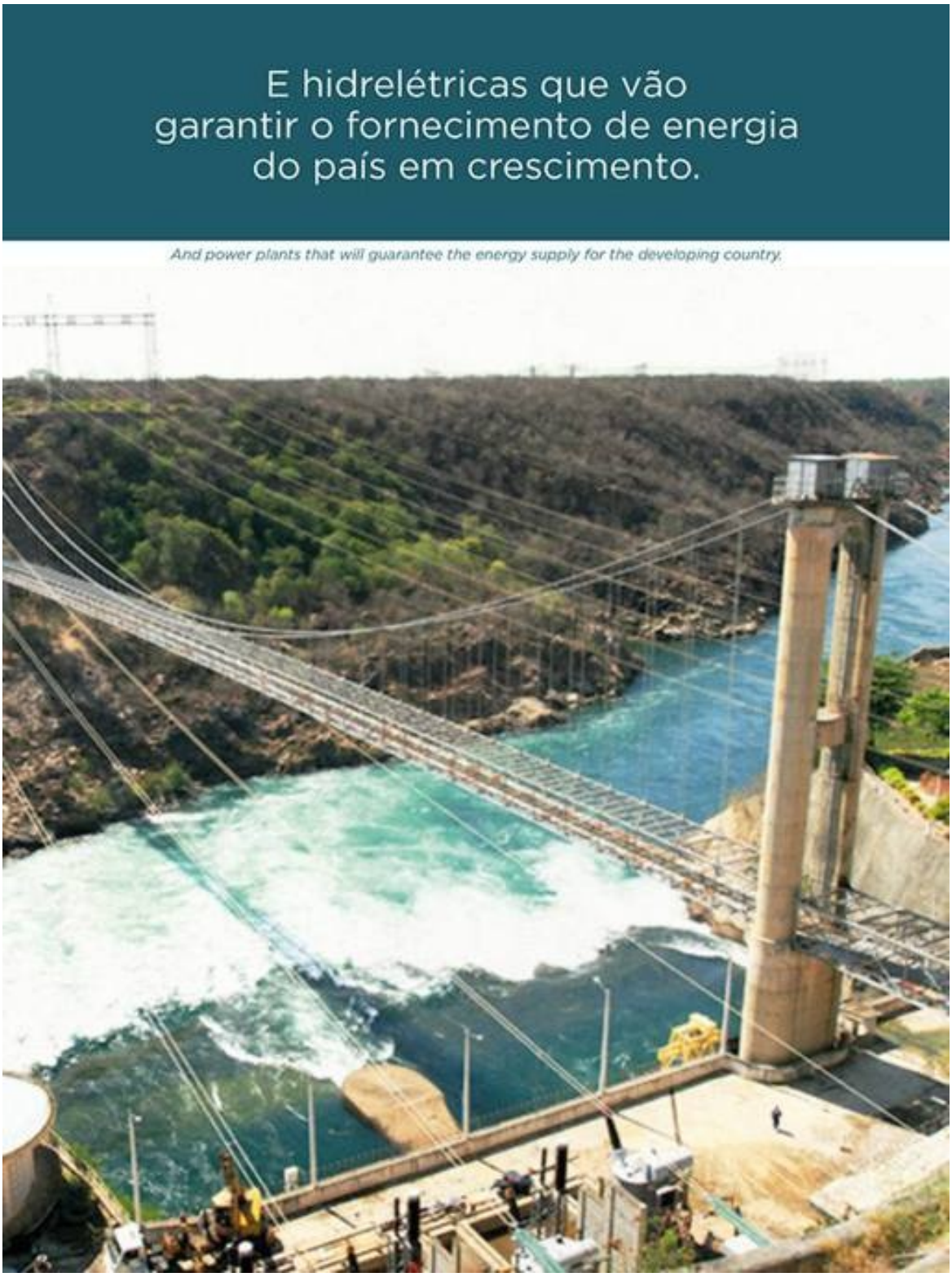
[...] três homens engalfinham-se pelo Brasil. Um deles jura que, no momento, precisa jorrar mais que o petróleo [...].

[...] three men wrestled for Brazil. One of them swears that, at the time, he needs to gush more than the oil [...].



A Petrobras, fundada em 1953, teve sua primeira grande refinaria de petróleo, a Presidente Bernardes, em Cubatão.

Petrobras, founded in 1953, got its first large oil refinery, Presidente Bernardes, in Cubatao.

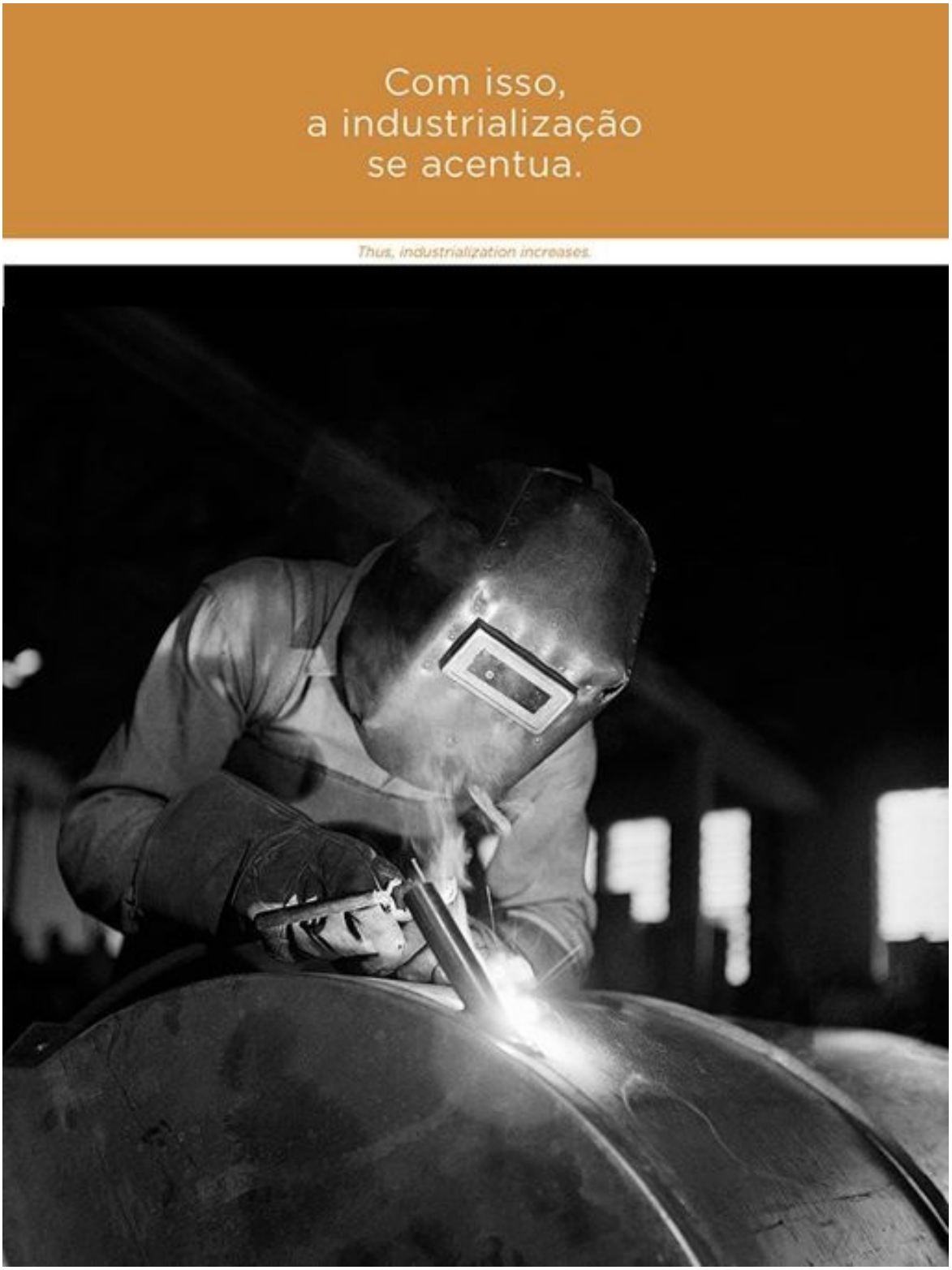


O Complexo Hidrelétrico de Paulo Afonso é considerado um marco da engenharia brasileira. A primeira das usinas, Paulo Afonso I, começa suas atividades em 1954.

Paulo Afonso Hydroelectric Complex is considered a landmark of Brazilian engineering. The first of the power plants, Paulo Afonso I, started its activities in 1954.

Hoje, temos um sociólogo, o Sérgio Lemos, que liga tudo à epopeia industrial. Se a galinha pula a cerca do vizinho, se o caçula tem coqueluche, se usamos cabeleira à Búfalo Bill — está explicado. As coisas acontecem, e só acontecem, porque o Brasil se industrializa.

Nowadays, we have a sociologist, Sergio Lemos, who connects everything to the industrial epic. If the chicken jumps the neighbour's fence, if the youngest kid has whooping cough, if we use our hair in Buffalo Bill style — it is explained. Things happen, and only happen, because Brazil is industrialized.



A Codiq – Construtora de Equipamentos Industriais – contribuiu para a crescente industrialização brasileira a partir de meados do século XX.

The Codiq, portuguese abreviation of Constrution Company for Industrial Equipment (Construtora de Equipamentos Industriais), contributed to the increasing industrialization of Brazil, starting from mid-twentieth century.

Cruza o ônibus, tira um fino de um Aero-Willys. Derrapa, aderna, raspa o meio-fio. Um táxi tem que virar a direção e quase, quase, trepa na calçada.

The bus crosses, passes extremely close to an Aero-Willys. The bus skids, careens, scrapes the curb. A taxi has to turn the steering wheel and almost, almost, climbs on the sidewalk.

Fábricas de automóveis começam a se instalar pelo país...

Car factories begin to settle in the country...





A indústria automobilística se instala no Brasil de meados para fins da década de 1950. Nas fotos, um Fusca, um Aero-Willys e uma frota de Simca Chambords.

The auto industry settles in Brazil from the middle to the end of the 1950s. The pictures show a Volkswagen Beetle, an Aero-Willys and a fleet of Simca Chambords.





Fachada do cinema Odeon, um dos mais tradicionais do Rio de Janeiro, na região que abriga importantes instituições culturais e foi idealizada pelo empresário

Francisco Serrador, que pretendia reunir, num só lugar, história, arte, diversão e lazer. No início dos anos 1950, as populares chanchadas da Atlântida passam a dividir espaço, nessa e em outras salas de cinema do país, com as produções da Vera Cruz, companhia que ambicionava se tornar uma Hollywood nacional. Foi no final dessa mesma década, no entanto, que uma nova tradição da sétima arte efetivamente se fundou no Brasil, com o aparecimento do Cinema Novo.

Facade of Cinema Odeon, one of Rio de Janeiro's most traditional movie theaters, placed in an area that holds important cultural institutions and was idealized by entrepreneur Francisco Serrador, who aimed to unite, in only one place, history, art, recreation and leisure. In the early 1950s, the popular chanchadas *of Atlantica started to share space, at that movie theater and other ones, with Vera Cruz's productions, company that aimed to become a Brazilian Hollywood. It was at the end of that decade, though, that a new tradition actually took place for the seventh art in Brazil, with the arising of Cinema Novo, portuguese for New Cinema.*



Vejo o Brasil como a pátria do gesto, da inflexão, da ênfase, do grande efeito plástico. Direi ainda que o brasileiro é a melhor plateia do mundo. Nas outras terras, o êxito passa rápido e até o último vestígio. A Duse da véspera pode ser a canastrona do dia seguinte.

No Brasil, não. Sendo um espectador nato, o brasileiro tem um potencial generosíssimo de admiração e amor.

> ***I see Brazil as the homeland of gesture, inflection, emphasis, the great plastic effect. I say further that the Brazilians are the best audience in the world. In other lands, success goes fast until the last vestige. Yesterday's Duse[3] may be the next day's bad actress.***
>
> ***But not in Brazil. Being a natural born spectator, the Brazilian has an incredible generous potential for admiration and love.***



Brasil vacila entre o pessimismo mais obtuso e a esperança mais frenética

Hoje, vou fazer do escrete o meu numeroso personagem da semana. Os jogadores já partiram e o Brasil vacila entre o pessimismo mais obtuso e a esperança mais frenética. Nas esquinas, nos botecos, por toda a parte, há quem esbraveje: — “O Brasil não vai nem se classificar!” E, aqui, eu pergunto: — não será esta atitude negativa o disfarce de um otimismo inconfesso e envergonhado?

Eis a verdade, amigos: — desde 50 que o nosso futebol tem pudor de acreditar em si mesmo. A derrota frente aos uruguaios, na última batalha, ainda faz sofrer, na cara e na alma, qualquer brasileiro. Foi uma humilhação nacional que nada, absolutamente nada, pode curar. Dizem que tudo passa, mas eu vos digo: — menos a dor de cotovelo que nos ficou dos 2 x 1. E custa crer que um escore tão pequeno possa causar uma dor tão grande. O tempo passou em vão sobre a derrota. Dir-se-ia que foi ontem, e não há oito anos, que, aos berros, Obdulio arrancou, de nós, o título. Eu disse “arrancou” como poderia dizer: — “extraiu” de nós o título como se fosse um dente.

E, hoje, se negamos o escrete de 58, não tenhamos dúvida: — é ainda a frustração de 50 que funciona. Gostaríamos talvez de acreditar na seleção. Mas o que nos trava é o seguinte: — o pânico de uma nova e irremediável desilusão. E guardamos, para nós mesmos, qualquer esperança. Só imagino uma coisa: — se o Brasil vence na Suécia, se volta campeão do mundo! Ah, a fé que escondemos, a fé que negamos, rebentaria todas as comportas, e sessenta milhões de brasileiros iam acabar no hospício.

Mas vejamos: — o escrete brasileiro tem, realmente, possibilidades concretas? Eu poderia

responder, simplesmente, “não”. Mas eis a ve rdade: — eu acredito no brasileiro, e pior do que isso: — sou de um patriotismo inatual e agressivo, digno de um granadeiro bigodudo. Tenho visto jogadores de outros países, inclusive os ex-fabulosos húngaros, que apanharam, aqui, do aspirante enxertado do Flamengo. Pois bem: — não vi ninguém que se comparasse aos nossos. Fala-se num Puskás. Eu contra-argumento com um Ademir, um Didi, um Leônidas, um Jair, um Zizinho.

A pura, a santa verdade é a seguinte: — qualquer jogador brasileiro, quando se desamarra de suas inibições e se põe em estado de graça, é algo de único em matéria de fantasia, de improvisação, de invenção. Em suma: — temos dons em excesso. E só uma coisa nos atrapalha e, por vezes, invalida as nossas qualidades. Quero aludir ao que eu poderia chamar de “complexo de vira-latas”. Estou a imaginar o espanto do leitor: — “O que vem a ser isso?” Eu explico.

Por “complexo de vira-latas” entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo, no futebol. Dizer que nós nos julgamos “os maiores” é uma cínica inverdade. Em Wembley, por que perdemos? Porque, diante do quadro inglês, louro e sardento, a equipe brasileira ganiu de humildade. Jamais foi tão evidente e, eu diria mesmo, espetacular o nosso vira-

latismo. Na já citada vergonha de 50, éramos superiores aos adversários. Além disso, levávamos a vantagem do empate. Pois bem: — e perdemos da maneira mais abjeta. Por um motivo muito simples: — porque Obdulio nos tratou a pontapés, como se vira-latas fôssemos.



Eu vos digo: — o problema do escrete não é mais de futebol, nem de técnica, nem de tática. Absolutamente. É um problema de fé em si mesmo. O brasileiro precisa se convencer de que não é um vira-latas e que tem futebol para dar e vender lá na Suécia. Uma vez que ele se convença

disso, ponham-no para correr em campo e ele precisará de dez para segurar, como o chinês da anedota. Insisto: — para o escrete, ser ou não ser vira-latas, eis a questão.

Manchete Esportiva, 31/5/1958

Brazil Falters Between The Dullest Pessimism and The Most Frantic Hope

Today, I will turn the team into my pleasant character of the week. The players have already departed, and Brazil falters between the dullest pessimism and the most frantic hope. On street corners, in pubs, everywhere, there are those who rant: — “Brazil will not even qualify!” And, here, I wonder: — can this negative attitude be the disguise of an unconfessed and embarrassed optimism?

Here is the truth, my friends: — since 1950 our soccer is ashamed to believe in itself. The defeat to Uruguay, in the last battle, still makes Brazilians show their suffering in their face and soul. It was a national humiliation that nothing, absolutely nothing, can heal. They say everything passes, but I say: — except the sour grapes from the 2 x 1. And I can hardly believe that such a small score can cause so much pain. Time passed in vain upon the defeat. One would say it was yesterday, and not eight years ago, that, screaming, Obdulio snatched the title from us. I said “snatched” as I could have said: — “extracted” the title from us, as if it were a tooth.

And today, if we deny the team of 1958, don’t we have doubts: — it is still the frustration of 1950 working. Maybe we would like to believe in the team. But what latches us is the following: — the panic of a new and hopeless disillusionment. And we keep any hope to ourselves. I just imagine one thing: — if Brazil wins in Sweden, if it returns as the world champion! Oh, the faith that we hide, the faith that we deny, would blow up all floodgates, and sixty million Brazilians would end up in the asylum.

But let us see: — does the Brazilian team really have concrete possibilities? I could simply say, “no”. But here’s the truth: — I believe in the Brazilian, and worse than that: — I am an aggressive and outmoded patriot, worthy of a mustachioed Grenadier. I have seen players from other countries, including ex-fabulous Hungarians, who were beaten, here, by the grafted aspirant of Flamengo. Well, then: — I saw no one who could compare to our players. They talk about a Puskas. I counterargument with Ademir, Didi, Leonidas, Jair, Zizinho.

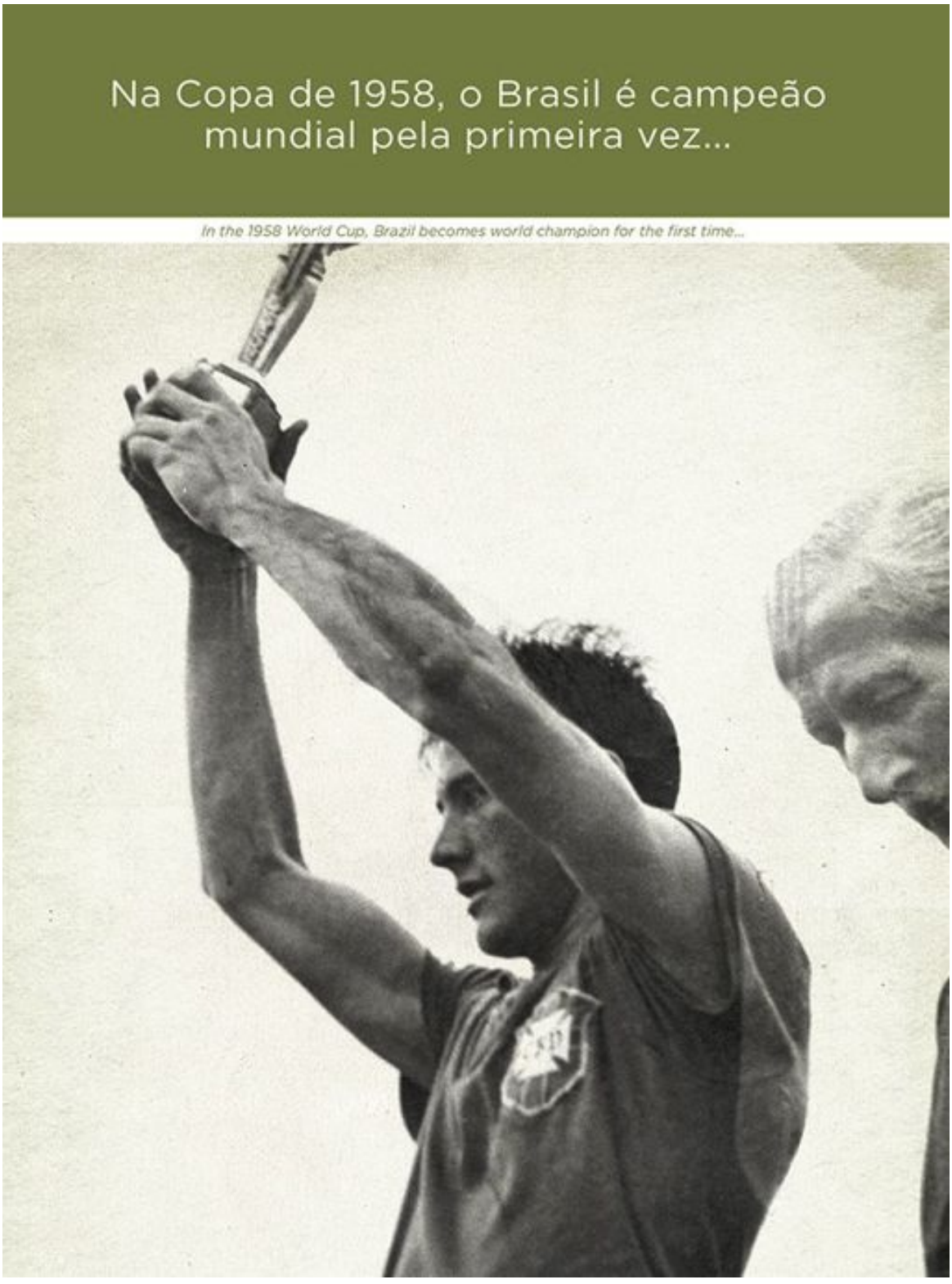
The pure, the holy truth is: — any Brazilian player, when unties his inhibitions and sets himself in state of grace, is something unique in the field of fantasy, improvisation, invention. In short: — we have too many gifts. And there is only one thing in our way, which, sometimes, invalidates our qualities. I refer to what I might call “the mongrel complex”. I can imagine the reader’s surprise: — “What is that?” I will explain.

By “mongrel complex” I call the inferiority in which Brazilians put themselves, voluntarily, before the rest of the world. This happens in all areas and, especially, in soccer. To say that we judge ourselves “the greatest” is a cynical untruthfulness. In Wembley, why did we lose? Because, before the English picture, blond and freckled, the Brazilian team yelped in humility. Never was so evident, and I would even say spectacular, our mongrel feeling. In the aforementioned shame of 1950, we were superior to the opponents. In addition, we had the advantage of the tie. Well then: —

and we lost in the most abject way and for a very simple reason: — because Obdulio kicked us as if we were mongrels.

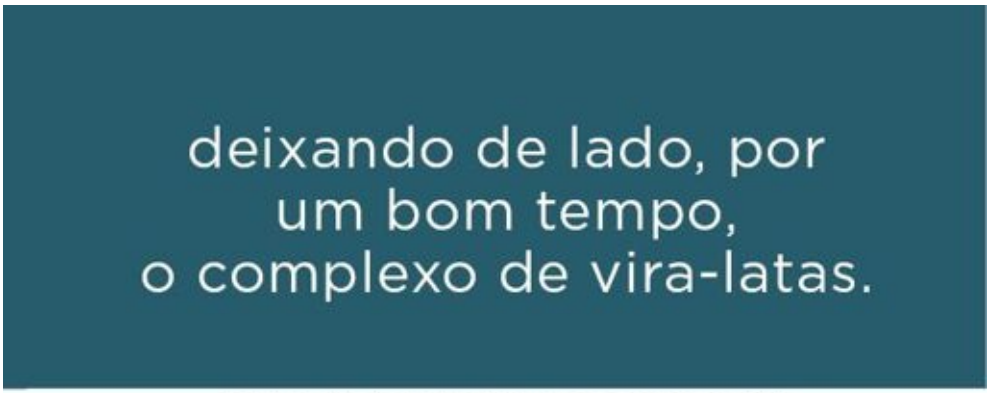
I am telling you: — the team's issue is no longer soccer related, neither of technique, nor tactics. Absolutely. It is an issue of self-faith. The Brazilian must be convinced that he is not a mongrel and that he can play high class soccer in Sweden. Once he is convinced of this, put him to run on the field and he will need ten to hold him, like the Chinese man from the joke. I insist: — for the team, to be or not to be a mongrel, that is the question.

Manchete Esportiva, 5/31/1958



Ao lado de Sir Arthur Drewry, presidente da Fifa, Bellini, o capitão da equipe vencedora, ergue a taça Jules Rimet.

Alongside FIFA's president, Sir Arthur Drewry, Bellini, captain of the winning team, lifts the Jules Rimet trophy.



leaving aside, for a long time, the mongrel complex.

[...] com dois minutos e meio, tínhamos enfiado na Rússia duas bolas na trave e um gol. Aqui em toda a extensão do território nacional, começávamos a desconfiar que é bom, que é gostoso ser brasileiro.

[...] with two and a half minutes, we tucked in Russia two balls on the beam and a goal. Here, to the full extension of the national territory, we began to suspect that it is good, it feels good to be a Brazilian.



No estádio Råsunda, em Estocolmo, o Brasil vence por 5 a 2 a Suécia, país sede do evento.

At the Råsunda Stadium, in Stockholm, Brazil achieves a 5-2 victory over Sweden, the host country.

No início da década de 1960,
a capital federal é transferida para
o Centro-Oeste.

In the early 1960s, the federal district is transferred to the Midwest.

Avança o Brasil na Era Nuclear: Produzido em S. Paulo Urânio Atômicamente Puro

O GLOBO
FUNDAÇÃO DE IRINEU MARINHO

Nasce o Estado da Guanabara

Apoteose na Avenida Rio Branco, Para Saudar o Novo Estado da Federação — Sons, Sirenas, Buzinas, Escolas de Samba e o Grande Côro: Cidade Maravilhosa! (TEXTO NA 11.ª PÁGINA)

MOMENTO HISTÓRICO: MUDA-SE AMANHÃ A CAPITAL DO BRASIL

Entre Tumultos, Entusiasmos e Decepções, Preparava-se Brasília Para Transformar-se na Sede Administrativa do País (Reportagem Nas Páginas 6, 9, 10, 11 e 13)

Uma Advertência

A RENÚNCIA dos ministros Dulce Magalhães e Gladstone Chaves de Melo ao ministério recebida da pior maneira, como protesto contra a orientação da Câmara do Distrito Federal, e um gesto emocionante. Digno de nos lado, como temos de não perdoar com os abusos cometidos na organização local, e solidariza-nos, do outro, pelo que significa de abandono da luta por dois dos melhores e honestos representantes do povo.

A tendência, não obstante o seu revestido nacionalista, não terá nunca um drama semelhante. Pelo contrário, servirá para livrar a melodia desordenada de uma vigarista e de que colhia procedimento e exposição. Estamos em crescendo [illegible] que vigia: e cultivar pouco adiante os presidente Câmara dos Vereadores. É possível que outro seja, pois a insensatez de algumas dos vereadores decidiu dar vereadores evidência total absoluta aos princípios constantes da declaração e do regulo.

Mas, apesar de tudo, as palavras dos vereadores renunciados e dos outros poucos dispostos a não participar com os abusos cometidos para obter a opinião pública. E, dirigidos pelo interesse, ajudarão a reforçar os elementos que [illegible] a verdadeira personalidade dos eleitos em novembro última para a cúpula. Agora, tudo pioram. E mesmo que não seja a oblivião total, pode admitir-se que outras [illegible] se sejam as, Câmara para protestar, será uma prova inegável de solidariedade na luta encetada.

Lamentamos, sinceramente, não apenas a gesto extremo do renúncia, mas, sobretudo, a situação que na Câmara tenha tal decisão. Queremos, na esperança alcançar os eleitores. Desejo de alguns nomes se obtenha outro voz para o cargo dos constituintes do Estado

TUMULTO E SANGUE NA CORÉIA DO SUL



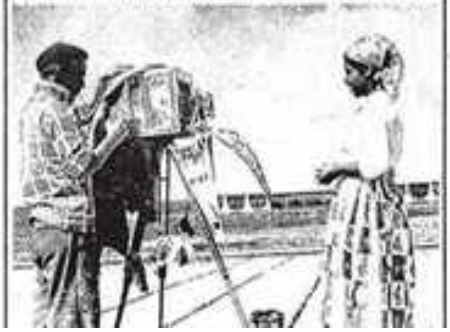
"O GLOBO" AMANHÃ

Amanhã, dividido em [illegible] O GLOBO virá mais cedo aos leitores.

BANDEIRA COM A NOVA ESTRÊLA NO GUANABARA

Levante Militar na Venezuela





Flagrantes de Brasília às Vésperas da Inauguração

BRASÍLIA E GUANABARA EMOCIONAM O PAÍS

Enquanto no Planalto Começam os *Festejos* da Nova Capital, Toma Posse no Rio o Primeiro Governador do Estado da Guanabara – "Esta é Uma Hora de Júbilo e Esperança", Diz o Sr. Sette Câmara, ao Receber o Govêrno da Cidade Das Mãos do Sr. Sá Freire Alvim *(Texto na Décimo Pág.)*

ANO XXXVI — Rio de Janeiro, quinta-feira, 21 de abril de 1960 — N.º 10.427

O GLOBO

FUNDAÇÃO DE IRINEU MARINHO



O Estado da Guanabara nasce sob sinos e primeiro governador dos paulistas reconhecidos. O centro da cidade estava fechado. A festa foi esta. E o governador foi eleito pelos seus conterrâneos numa assembléia de 61 deputados.



Na cerimônia realizada ao meio-dia, no Palácio, em Praia dos Ilhéus, o Presidente e Juscelino Kubitschek leu as notas de Brasília Patrimônio e Vice-Presidente João Goulart, a Sra. Sara Vieira Kubitschek e o Sr. Israel Pinheiro, Prefeito da nova Capital do País

Mensagem Aos Cariocas

NOVA madrugada, por entre a bruma dos anos, o espaço dos ligeiros, o sino do sinos e bronzes, os repiques alívios e as buzinadas festivas anunciadores da mocidade, saúdam a hora carioca e sua hospitalidade histórica ante a demonstração aqui e ao vivo responsabilidade e prosperidade do Estado da Guanabara.

O SOL é de alegria e o CLAMOR unânime fala para dar forma e voz a essa alegria, entusiasmando a cidade e a independência da terra carioca e as manifestações de regozijo com que o povo está recebendo a nova fisionomia da Federação. Mas que nos mesmos sabe-nos a dever de governar que as jubilos populares, por nossa legítima que sejam, jamais significarão se não forem acompanhados da consciência do que agora a Guanabara do Rio de Janeiro, subtraída a condição de Brasil, está sob mãos de governantes.

DEVE ter sido à alguns dias dos fundadores, decidido a governar, pois sua vontade, pela sua crença, pela sua energia, que o primeiro dirigente desta cidade não foi escolhido pelo dos cavalheiros federais e que, afinal, as páginas mais gloriosas da sua história não são as de cavalos e almirantes ou generais, mas as que escreveram os heróis e seu trabalho e o seu amor a este grande e maravilhoso cidade.

BRASÍLIA INAUGURADA

Grandes Festas Assinalam a Instalação da Capital da República no Planalto – Presentes as Mais Altas Autoridades do País, Representantes Diplomáticos e Jornalistas de Todo o Mundo. *(Reportagens Nas Páginas 4, 6, 7, 8, 14, 16, 22, 24 e 25)*



Vista a Brasília a Capital Republicana Central Privilégio



Vista aérea das autoridades na inauguração de Brasília no Praça dos Três Poderes

A Despedida do Catete



DO PAPA JOÃO XXIII AOS BRASILEIROS

Sessão Apostólica

Saudação do Governador ao Povo de Guanabara





Em 1958, candangos constroem o Congresso Nacional.

In 1958 candangos[4] *build the National Congress.*



[...] o paralelepípedo mais analfabeto teria vontade de chorar lágrimas de esguicho ante a beleza de Brasília. Na Praça dos Três Poderes, o brasileiro que não viajou nada, que não passou do Méier, é atravessado pela certeza fanática: — A Praça de São Marcos não chega aos pés da nossa.

[...] Andou bem o coronel Álvaro, do CPOR, em oferecer aos alunos a maravilhosa experiência humana e brasileira que é uma simples visita ao

Planalto. Ir a Brasília é voltar mais brasileiro.

[...] the most illiterate paving stone would cry his eyes out before the beauty of Brasilia. In the Three Powers Square, the Brazilian who did not travel anywhere, who did not go beyond the neighborhood of Meier, suddenly feels the fanatical certainty: — The Piazza San Marco is not as overwhelming as this.

[...] Reserve Officer Training Corps Colonel Alvaro had a great idea offering the students the wonderful human and Brazilian experience which is a simple visit to the Plateau. Going to Brasilia means coming back feeling more as a Brazilian.





O arquiteto Lúcio Costa, escolhido por concurso público, é o responsável pelo traçado da nova cidade. Ao seu lado, outro arquiteto, Oscar Niemeyer, projetou seus

principais prédios públicos.

Architect Lucio Costa, chosen through official examination, is in charge of the new city's layout. By his side, another architect, Oscar Niemeyer, designed its main public buildings.



by the hands of President Juscelino Kubitschek.

Eu poderia falar em Furnas, Três Marias, estradas, Brasília, indústria automobilística, mas não é isso o que importa. Amigos, o que importa é o que Juscelino fez do homem brasileiro. Deu-lhe uma nova e violenta dimensão interior. Sacudiu, dentro de nós, insuspeitadas potencialidades.

A partir de Juscelino, surge um novo brasileiro. Aí é que está o importante, o monumental, o eterno na obra do ex-presidente. Ele potencializou o homem do Brasil.

I could talk about Furnas, Tres Marias, roads, Brasilia, the automobile industry, but that is

not what matters. My friends, what matters is what Juscelino made the Brazilian man to be. He gave him a new and violent inner dimension. He shook, within us, unsuspected potentialities.

From Juscelino on, a new Brazilian is born. Therein lies the important, the monumental, the eternal in the work of the former president. He empowered the man from Brazil.



Brasília é inaugurada no dia 21 de abril de 1960.

Brasilia was inaugurated on April 21, 1960.



Other parts of Brazil also undergo modernization.

O curioso é que nunca mais vira um pé de carambola. Como é que uma fruta pode morrer, sumir? Outra coisa que o espantava é que Burle Marx não põe bananeira nas suas paisagens. Vamos lá: a bananeira não é Brasil?

The curious thing is that he has never seen a starfruit tree again. How can a fruit die, disappear? Another thing that amazed him is that Burle Marx does not put banana trees in his landscapes. Come on: is not the banana tree a part of Brazil?



No Rio de Janeiro, toda a orla do Flamengo é remodelada e aterrada, e ali, em 1965, é inaugurado o Parque Brigadeiro Eduardo Gomes, idealizado por Maria Carlota de Macedo Soares e com projeto paisagístico de Roberto Burle Marx.

In Rio de Janeiro, the whole Flamengo border is remodeled and grounded, and there, in 1965, Brigadeiro Eduardo Gomes Park is opened, designed by Maria Carlota de Macedo Soares and with landscape design by Roberto Burle Marx.



O bonde que povoa
a infância e os textos de
Nelson Rodrigues...

The tram that populates Nelson Rodrigues' childhood and his texts...

[...] o bonde é de outro dia. Há pouquíssimo tempo, varava a cidade em todas as direções. A nossa memória auditiva ainda guarda o estardalhaço dos seus reboques.

E, no entanto, como a figura, o hábito, o uso, o som dos bondes são antigos!

[...] the tram is from another day. Not long ago, it crossed the city in all directions. Our hearing memory still holds the clatter of its trailers.

Yet, how the image, the habit, the use, the sound of the trams are old!

dá lugar ao trólebus.

gives way to the trolleybus.

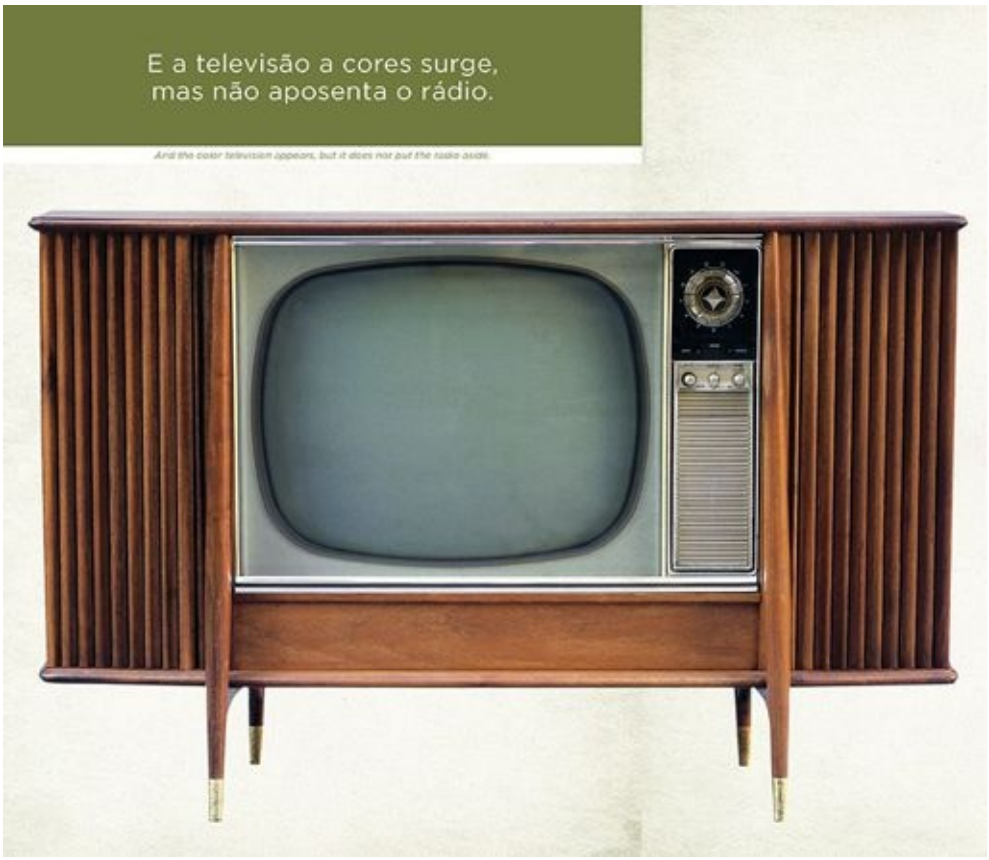




O ônibus elétrico é inaugurado no Rio de Janeiro no dia 31 de agosto de 1962 pelo então governador Carlos Lacerda. Outras cidades do país já usavam esse tipo de

transporte desde a década de 1950, mas foi o Rio que teve a maior frota desses veículos nos anos 1960.

The electric bus is inaugurated in Rio de Janeiro on August 31, 1962, by Carlos Lacerda, governor of the city at the time. Other cities across the country have used this type of transportation since the 1950s, but it was Rio that had the largest fleet of those vehicles in the 1960s.



Embora tenha chegado ao Brasil em 1950, a televisão demorou muito a se popularizar entre nós. Mesmo em 1962, quando a Excelsior fez as primeiras experiências com transmissões em cores, no programa *Moacyr Franco Show,* o rádio continuou sendo um meio de comunicação mais popular.

Although it has arrived in Brazil in 1950, the television took too long to become popular in the country. Even in 1962, when Excelsior station did the first experiments with color transmissions, on the television program Moacyr Franco Show*, the radio remained a more popular means of communication.*

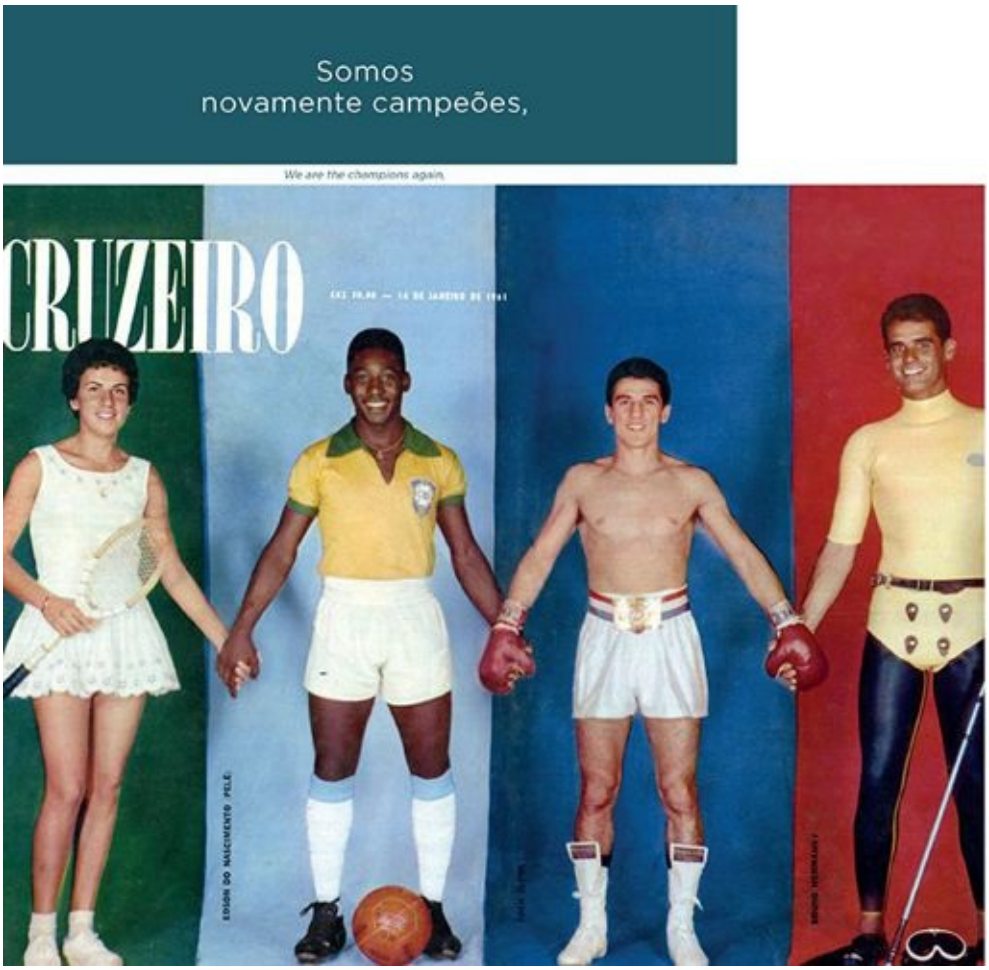
Até aquele momento, o Brasil inteiro, de ponta a ponta, do presidente da República ao apanhador de guimba, o Brasil

estava agonizando, morrendo, ao pé do rádio.

Until that moment, the whole Brazil, from edge to edge, from the President of the Republic to the cigarette butts catcher, was agonizing, dying by the radio.

Quem ruge contra a televisão em cores é o jornal que não tem a televisão, nem as cores. Seja como for, o velho órgão está ventando fogo por todas as narinas.

The one who roars against color television is the newspaper, which has neither television, nor colors. Anyway, the old organ is blowing fire through all nostrils.



A maior tenista brasileira de todos os tempos, Maria Esther Bueno, foi a primeira do ranking mundial em 1959 e 1960, além de ser considerada a melhor tenista do mundo em 1964 e 1966. Edson Arantes do Nascimento, o Pelé, fez parte de três seleções brasileiras campeãs de Copas do Mundo e é seu maior artilheiro. O pugilista Éder Jofre, conhecido como Galinho de Ouro, foi campeão mundial em 1960 na categoria peso-galo e manteve o título até 1965. Bruno Hermanny conquistou duas vezes o campeonato mundial de caça submarina: em 1960, na Itália, e, em 1963, no Rio de Janeiro.

The greatest Brazilian tennis player of all times, Maria Esther Bueno, was the first in the world rankings in 1959 and 1960, besides being considered the best player in the world in 1964 and 1966. Edson Arantes do Nascimento, Pele, was part of three Brazilian World Cup champion teams and is their leading scorer. Boxer Eder Jofre, known as Golden Rooster, was world champion in 1960 in the roosterweight category and held the title until 1965. Bruno Hermanny won the world championship of spearfishing twice: in 1960, in Italy, and in 1963, in Rio de Janeiro.



Não obstante o subdesenvolvimento, que explica tudo, temos campeões mundiais no futebol, no basquete, no hipismo, no tênis, na pesca submarina, no iatismo. Nas exposições de gado, temos vacas premiadas. As nossas caixas de fósforos ganham medalhas. Se houver um campeonato de cuspe a distância, um moleque nosso há de vencê-lo.

Notwithstanding the underdevelopment, which explains everything, we have world champions in soccer, basketball, horseback riding, tennis, fishing underwater, yachting. In the cattle exhibitions, we have prized cows. Our matchboxes win medals. If there is a spitting championship, one of our kids will win it.



A torcida comemora os 3 a 1 do Brasil em cima da Tchecoslováquia, na final do campeonato, carregando nos ombros o goleiro Gilmar com a faixa de “Miss

Copa do Mundo” atravessada no peito.

The crowd celebrates Brazil’s 3-1 over Czechoslovakia in the final game of the championship, carrying on the shoulders the goalkeeper Gilmar with the “Miss World Cup” track on his chest.

A piada imortal

Amigos, eu ando falando muito do Brasil. E muita gente já rosna, com tédio e irritação: — "Você está descobrindo o Brasil?" É exato. Estou, sim, estou descobrindo o Brasil. Eis que, de repente, cada um de nós, cada um dos setenta milhões de brasileiros passa a ser um Pedro Álvares Cabral.

Já descobrimos o Brasil e não todo o Brasil. Ainda há muito Brasil para descobrir. Não há de ser num relance, num vago e distraído olhar, que vamos sentir todo o Brasil. Este país é uma descoberta contínua e deslumbrante. E justiça se faça ao escrete: — é ele que está promovendo, quem está anunciando o Brasil.

A princípio, o sujeito pode pensar que o escrete revelou o Brasil para o mundo. Isso também. Todavia, o mais importante e o mais patético é a descoberta do Brasil para os próprios brasileiros. Pergunto: — o que sabemos nós do Brasil? Pouco ou, mesmo, nada. A partir de 58, o Brasil começou a aparecer aos nossos olhos.

Digo mais: — foi o escrete que ensinou o brasileiro a conhecer-se a si mesmo. Tínhamos uma informação falsa a nosso respeito. Sempre me lembro de um amigo meu que era um bem, um símbolo nacional.

Exuberante como um italiano de Hollywood, um italiano de anedota, o sujeito tinha o gosto do berro e do gesto largo. Se via um vago conhecido, ele abria os braços até o teto e se arremessava com a efusão de um amigo de infância. Tipo gozadíssimo. E o Fulano costumava dizer, aos uivos: — “Eu sou um quadrúpede!” E para evitar dúvidas, ampliava: — “Eu sou um quadrúpede de 28 patas!”

Esta autocrítica jocunda e feroz era o que todos nós fazíamos. O sujeito, aqui, não acreditava nem nos outros, nem em si mesmo. E aquele que se nega está, ao mesmo tempo, negando a própria terra. Quando dissemos: — “Eu sou uma besta!” — estamos vendo bestas por toda parte. Não havia nenhum ufanismo no Brasil. Em absoluto. Como o meu amigo citado, cada um de nós era um Narciso às avessas, que cuspisse na própria imagem.

Em 58, o escrete ainda embarcou desconfiado. Mas já uma dúvida instalava-se em nosso espírito. O sujeito já não sabia se era ou não uma besta chapada ou, na melhor das hipóteses, uma semibesta. A campanha de 58 viria clarificar o problema. Chegamos na Suécia, ainda perplexos. Vencemos a Áustria e empatamos com a Inglaterra. Vem, finalmente, o jogo com a Rússia.

Eu vou dizer o momento exato em que se inaugurou o verdadeiro Brasil. Foi após o Hino Nacional brasileiro. Os jogadores ainda estavam perfilados e trêmulos. A Rússia seria uma prova crucial. Mais do que nunca dava em cada jogador o dilema: — “Ser uma besta ou não ser uma besta?” E, então, soou, naquele escrete contraído, a voz de Garrincha. Com a sua candura triunfal, dizia o Mané para o Nilton Santos: — “Aquele bandeirinha tem a cara do ‘seu’ Carlito!” Houve, então, o riso incoercível, total. Foi o bastante. O escrete tomou-se

de uma nova e feroz potencialidade. E da piada de Garrincha partiu para a vitória.



Num jato da Panair, a equipe brasileira vai para o Chile, onde se consagra bicampeã mundial.

On a Panair jet, the Brazilian team goes to Chile, where it will be consecrated two times World Champion.

Ali, começava o verdadeiro Brasil. Ninguém sabe, mas foi uma piada que derrotou a grande, a colossal, a imbatível Rússia. A mesma piada deu ao brasileiro a

sensação da própria grandeza. Com um quase pânico, o homem do Brasil percebeu que era genial.

Jornal dos Sports, 27/5/1962

The Immortal Joke

Friends, I've been talking a lot about Brazil. And many people already growl with boredom and anger: — "Are you discovering Brazil?" Exactly. Yes, I am, I am discovering Brazil. Suddenly, each one of us among the seventy million Brazilians becomes a Pedro Alvares Cabral.[5]

We have already discovered Brazil and not the entire Brazil. There is still much Brazil to discover. It is not going to be in a glance, in a vague and distracted look, that we will feel all of Brazil. This country is a continuous and stunning discovery. And justice be made to the team: — it is it what is promoting, advertising Brazil.

At first, one may think the team revealed Brazil to the world. That too. However, the most important and the most pathetic is the discovery of Brazil for the Brazilians. I ask: — what do we know about Brazil? We know a little, or close to nothing. Since 1958, Brazil began to appear before our eyes.

I'll say more: — it was the team that taught the Brazilian to know himself. We had false information about ourselves. I always remember a friend of mine who was a fine man, a national symbol.

Exuberant as an Italian from Hollywood, an Italian from a joke, the guy liked to scream and make wide gestures. If he saw a mere acquaintance, he would open his arms up to the sky and hurl the outpouring of a childhood friend. He was a very funny character. And John Doe used to howl: — "I am a quadruped!" And, to avoid any doubts, he magnified: — "I am a 28-legged quadruped!"

This cheerful and fierce self-criticism was what we all did. The guy here did not believe in others nor himself. And he who denies himself is, at the same time, denying his very native land. When we said: — "I'm a dumbass!" — we are seeing dumbasses everywhere. There was no patriotism in Brazil. None whatsoever. As my quoted friend, each one of us was a Narcissus in reverse, spitting in our own image.

In 1958, the team still boarded suspicious. But now one doubt had taken our spirit. The guy did not know whether he was a total dumbass or, best case scenario, a semi dumbass. The campaign of 1958 would clarify the problem. We arrived in Sweden, still baffled. We beat Austria and drew with England. It comes, finally, the game with Russia.

I will tell you the exact moment when the real Brazil was inaugurated. It was after the Brazilian National Anthem. The players were still lined up and trembling. Russia would be a crucial test. More than ever, each player was faced with a dilemma: — "To be or not to be a dumbass?" And then it sounded, on that shy team, the voice of Garrincha. With his triumphant candor, said the Mane to Nilton Santos: — "That linesman looks just like 'Mister' Carlito!" Then there was the irrepressible, full laugh. That was enough. The team took up a new and ferocious potentiality. And, from the joke of Garrincha, it left for the victory.

There started the real Brazil. No one knows, but it was a joke that defeated the great, the colossal, the unbeatable Russia. The same joke gave the Brazilian the feeling of his own greatness. Almost in panic, the Brazilian man realized he was brilliant.

Jornal dos Sports, 5/27/1962


MISS COPA



A canção do Bi

Amigos, hoje é o grande dia. O Brasil joga com México. É a nossa estreia. E, eu vos digo: — estamos todos implicados no jogo. Implicados de uma forma tão direta e pessoal como se estivéssemos de calções e chuteiras, dando botinadas em todas as direções. Neste momento, o Brasil é o escrete. A torcida nacional não comporta os indiferentes, os omissos. Eis a pátria transformada em setenta milhões de Pelés, em setenta milhões de Garrinchas.

Claro está que a angústia sopra, a angústia venta, por toda a parte. Dizia eu que só o mau caráter é que pode bocejar, na hora em que um povo se crispa e sofre. Eu falei em angústia: Mas não pensem que é pessimismo. Nada de pessimismo. É a fé que dói na gente como uma nevralgia. Acreditamos na seleção com uma dessas certezas fanáticas e totais. Ontem, um urubu de Edgar Allan Poe veio crocitar-me ao ouvido: — “E se o Brasil der com os burros n’água?”

A miserável hipótese soou como uma agressão física. Um insucesso viria desencadear neste país uma espécie de Hiroshima sentimental. Seria uma catástrofe hedionda. Mas aí é que está: — só um urubu profissional ousaria insinuar tal vaticínio. Todos nós acreditamos ferozmente. Amigos, não há paixão mais atroz do que a fé. Saímos de casa, hoje, com o Hino Nacional no bolso. Quem não se sente de esporas, quem não se sente de penacho, nesta manhã? Sim, cada um de nós, à espera da irradiação, é um dragão de Pedro Américo e repito: — um dragão de espada erguida.

Outro urubu de Edgar Allan Poe poderá objetar que a nossa exaltação é ridícula. Isso. E eu reafirmo: — só os imbecis têm medo do ridículo, só os idiotas têm medo do grotesco. O sujeito que é portador de uma paixão, de uma fé, é legitimamente ridículo, e

necessariamente grotesco. Não pensem, porém, que a vitória será fácil. Amigos, num bicampeonato não há vitórias fáceis e eu vou mais longe: — as vitórias fáceis desencorajam, desestimulam, deprimem.

Vejam o México. São briosos os seus jogadores. Não têm aqueles chapelões que Hollywood atribuiu aos mexicanos. Eles desenvolveram o seu futebol; aprenderam muito; adquiriram um *métier* internacional. Por outro lado, o simples fato de enfrentar o campeão do mundo dá mais ímpeto a qualquer escrete. O México dará tudo, e muito mais, na batalha de hoje. Só uma coisa espero: — é que os nossos craques não subestimem (pelo amor de Deus!) o adversário.

Amigos, há uma verdade eterna, que desejo repetir aqui, com a ênfase de um profeta: — não existe um inimigo fraco. Qualquer inimigo é sempre uma potência. Fracos e inofensivos são os amigos. Os amigos correm a simples hipótese do perigo. Ao passo que o inimigo nos acompanha, e nos atropela, com a fidelidade e o *élan* do ódio. Pois bem. O que eu queria dizer é o seguinte: — quando dois times se defrontam, e o jogo vai começar, há entre eles a nítida, taxativa, inequívoca divisão do ódio.



Eu vejo o México, esta tarde, como uma ameaça tremenda. Isso não modifica, não diminui a minha fé. Mas é preciso que o Brasil não facilite. Na luta do bi, até o gandula assume uma dimensão inesperada e colossal. Reparem nas declarações dos mexicanos. Eles não falam, absolutamente, em derrota. Querem derrubar os campeões do mundo. Levam para o campo aquele espírito dos paraguaios antigos: “Vencer ou perder.”

E nós? Que esperamos nós do escrete? Esperamos tudo. Eis a verdade: — tudo. Em primeiro lugar, não creio que a chama de 58 tenha passado. É um fogo recente. Quatro anos não bastam para apagar o que nasceu para ser eterno. Aqui, somos setenta milhões de

brasileiros que desejam a vitória. Lá, são onze a construí-la. Amém...

Jornal dos Sports, 30/5/1962

The Song of The Bi

My friends, today is the big day. Brazil plays with Mexico. It is our debut. And I say: — we are all involved in the game. We are involved in a way so direct and personal as if we were wearing shorts and cleats, kicking in all directions. At this moment, Brazil is the team. The national fans do not include the indifferent, the silent ones. Here is the homeland transformed into seventy million of Peles, seventy million of Garrinchas.

It is clear that anxiety blows, anxiety blows everywhere. I said that only the bad tempered can yawn at a time in which a people twitches and suffers. I talked about anguish: but do not think that this is pessimism. No pessimism whatsoever. It is the faith that hurts us as a neuralgia. We believe in the national team with such a fanatical and total certainty. Yesterday, one of Edgar Allan Poe's vultures came cawing in my ear: — "What if Brazil does not succeed?"

The miserable hypothesis sounded like a physical assault. A failure would trigger in this country a kind of sentimental Hiroshima. It would be a hideous catastrophe. But here's the thing: — Just a professional vulture would dare to insinuate such prophecy. We all believe fiercely. My friends, no passion is more atrocious than faith. Today we left home with the National Anthem in our pockets. Who does not feel like wearing spurs and panache this morning? Yes, each one of us, waiting for irradiation, is a dragon from the painture by Pedro Americo, and I repeat: — a dragon with an uplifted sword.

Another Edgar Allan Poe's vulture may object that our exaltation is ridiculous. Yes. And I reaffirm: — only fools are afraid of ridicule, only idiots are afraid of the grotesque. The guy who feels passion, who has faith, is legitimately ridiculous and necessarily grotesque. Do not think, however, that victory will be easy. My friends, in a bichampionship there are no easy victories, and I go further: — easy victories discourage, dismay, depress.

Behold Mexico. Its players are brave. They do not wear those big hats Hollywood ascribed to Mexicans. They developed their soccer; they learned a lot; they acquired an international *métier*. On the other hand, the simple fact they are facing the world champions gives more impetus to any team. Mexico will give it all, and much more, in the battle today. I only hope for one thing: — that our aces do not underestimate (for God's sake!) the opponent.

My friends, there is an eternal truth that I wish to repeat here, with the emphasis of a prophet: — there is no such thing as a weak enemy. Any enemy is always mighty. Weak and harmless are friends. Friends run at the simple hypothesis of danger. While the enemy keeps up with us, and runs us over, with the fidelity and the *élan* of hate. Well, then. What I mean is the following: — when two teams are face to face, and the game is about to start, there is among them the clear, categorical, unequivocal division of hate.

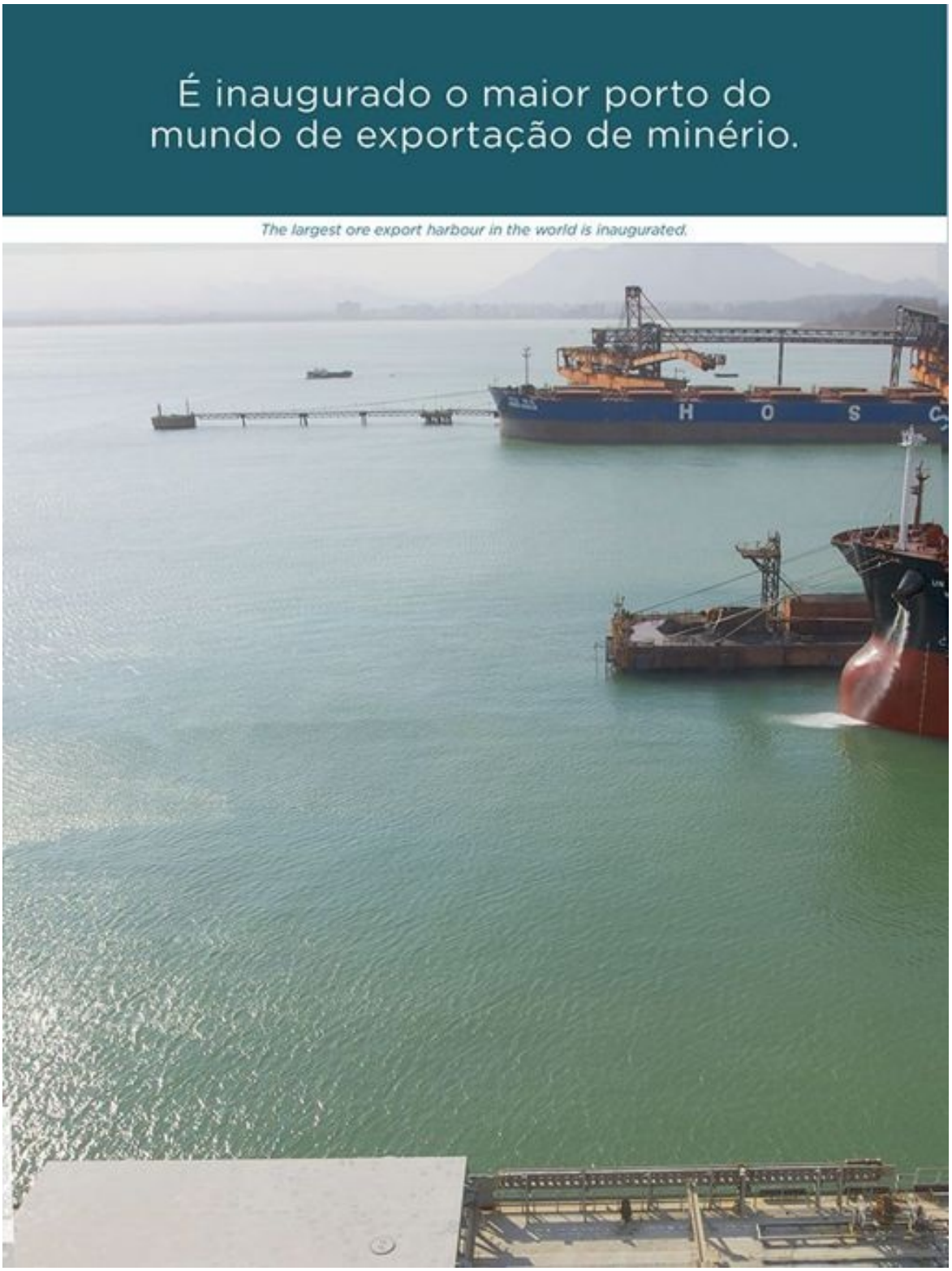
This afternoon, I see Mexico as a tremendous threat. That does not change, it does not diminish my faith. But it is necessary that Brazil does not make it easy. In the battle for bichampionship, even the ball boy takes an unexpected and colossal dimension. Notice the statements of Mexicans. They do not talk about defeat at all. They want to

knock down the world champions. They take to the field that spirit of the former Paraguayans: “Win or lose.”

What about us? What do we expect from the team? We expect it all. Here’s the truth: — everything. First of all, I do not think the flame of 1958 has passed. It is a recent fire. Four years are not enough to erase that which was born to be eternal. Here, we are seventy million Brazilians who wish to win. There, they are eleven to build it. Amen...

Jornal dos Sports, 5/30/1962





O Porto de Tubarão, em Vitória, no Espírito Santo, começa suas atividades em 1966, depois de quatro anos de construção.

The Tubarao Harbour, in Vitoria, state of Espirito Santo, begins its activities in 1966, after four years of construction.





Martha Rocha por pouco não se torna a primeira brasileira a conquistar o título de Miss Universo, em 1954. Na época, espalhou-se a notícia de que o segundo lugar lhe foi atribuído por conta de duas polegadas a mais nos quadris.

Martha Rocha almost became the first Brazilian to win the Miss Universe title, in 1954. At that time, people was told she lost the prize because of two more inches on the hips.

Um dia, acordamos com esta notícia: — a brasileira Martha Rocha tirara o segundo lugar no concurso mundial de beleza. [...]

Saí de casa e, na rua, encontro um amigo. Ele abriu o gesto: — “Nós somos lindos.” [...]

Os ingênuos poderão perguntar: — “Mas, antes da Martha Rocha, não tínhamos as praias, Castelinho, Copacabana, Leblon?” Tínhamos, claro. Nem sempre, porém, a evidência objetiva basta. A gente via e não acreditava no que via. A vitória de Martha Rocha é que foi de um prodigioso impacto.

One day, we woke up to this news: — Brazilian Martha Rocha had taken second place in the global beauty contest. [...] I left my house and, on the streets, I met a friend. He made the gesture: — “We are beautiful.” [...]

The ingenuous ones might ask: — “But, before Martha Rocha, didn’t we have the beaches, Castelinho, Copacabana, Leblon?” Of course we did. Not always, however, the objective evidence is enough. We saw and did not believe what we saw. Martha Rocha’s victory was a prodigious impact.



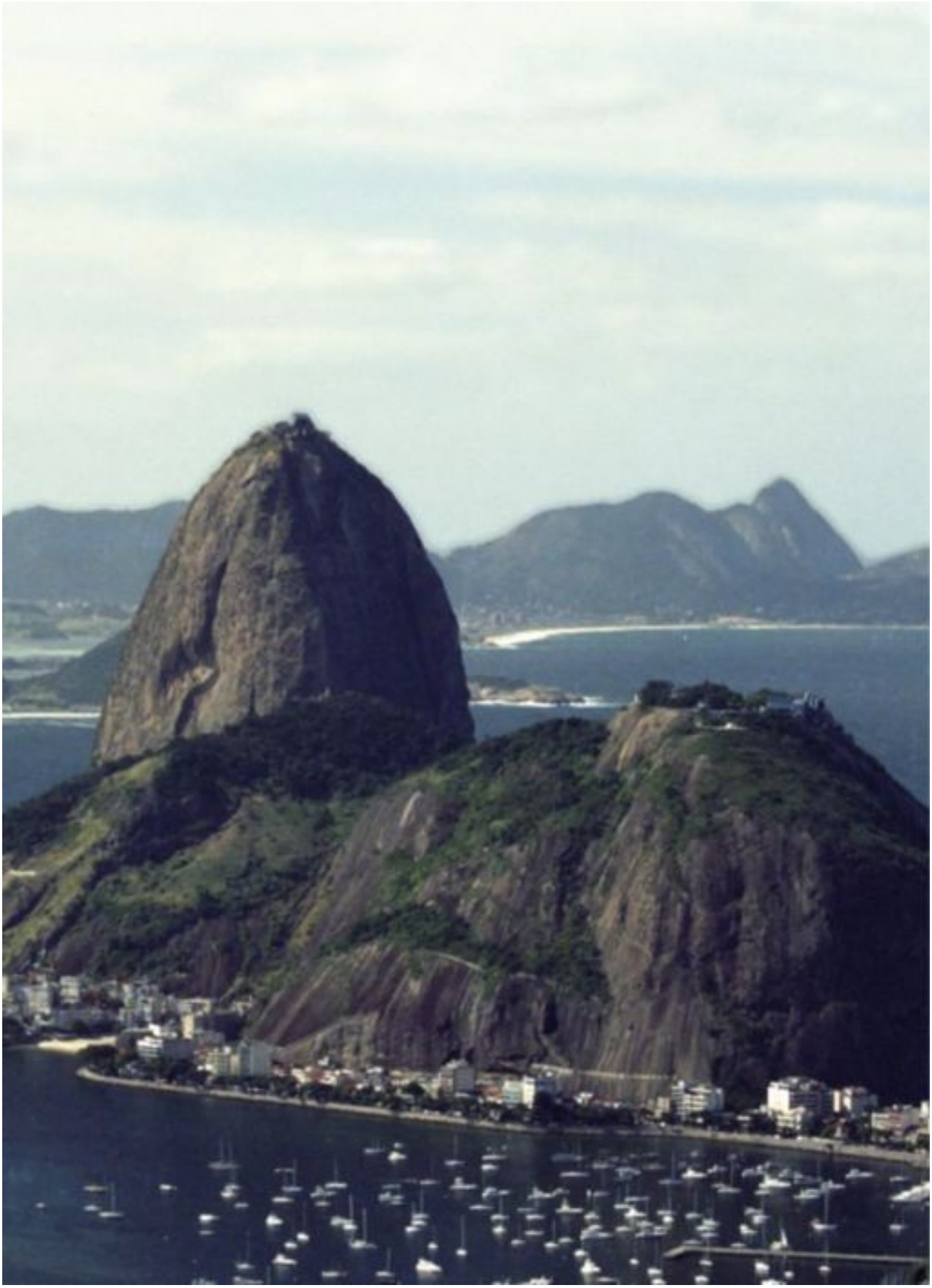
O Miss Universo de 1963 elege Ieda Maria Vargas campeã do concurso, mas, ao que parece, a silhueta das moças dessa década não agrada tanto ao cronista Nelson Rodrigues.

Ieda Maria Vargas was elected Miss Universe in 1963, but it seems the silhouette of the girls in that decade was not very pleasant to chronicler Nelson Rodrigues.

Em nossos dias, cabe a pergunta alarmada: — onde estão os quadris? Não se pode nem falar em “cadeiras”, porque não há mais cadeiras. E, súbito, esbarramos numa realidade

surpreendente: — o tipo manequim. Ele se multiplica por toda a parte. Está na PUC, na praia, nos colégios, nas calçadas. A beleza sem quadris, sem peso, sem busto e, numa palavra, o manequim.

In our days, the alarmed question is appropriate: — where are the hips? One cannot speak of "wide hips" anymore, because there are no more wide hips. And suddenly we bump into a surprising reality: — the mannequin type. It multiplies everywhere. It is at PUC,[6] on the beach, in the schools, on the sidewalks. The beauty without hips, without weight, without bust and, in one word, the mannequin.



Brasileiro,

da cabeça aos sapatos

Amigos, eu diria que qualquer brasileiro, vivo ou morto, já foi português em alguma encarnação passada. Quando ouço um luso, bate em mim não sei que nostalgia auditiva e ponho-me a pensar: — “Eu já tive esse sotaque!” E, além disso, há o Bocage, não o dos sonetos, mas o da anedota. De vez em quando, passa pelas nossas esquinas e nossos botecos o espectro de Bocage, ululante de pornografia.

Repito: — Bocage é o avô de todos os nossos palavrões. E há mais, há mais. A partir do Eça, todas as gerações brasileiras se apaixonaram por Maria Eduarda Maia. E a Inês de Castro que o Camões consagrou com tanto *élan* promocional? Mataram-na a pauladas, como se ela fosse uma ratazana. Mas a doce Inês foi uma das minhas truculentas paixões de colegial.

Por tantos motivos sentimentais, a vitória portuguesa, ontem, inundou de alegria esta cidade. Como se não bastassem as razões citadas, a Hungria é o nosso adversário imediato. E a nossa esperança secreta e maligna era que Portugal lhe desse bola de cachorro. Eu imagino a euforia do velho Camões, com um olho a pingar treva e outro olho a pingar luz.

Mas voltemos ao Brasil. Como se sabe, não é todo mundo que gosta de ser brasileiro. Tenho conhecidos que são brasileiros contrafeitos e quase sob protestos. Pois bem. Eis o milagre do escrete: — faz de cada um de nós um brasileiro, da cabeça aos sapatos. E há pior: — normalmente, o patriotismo num terreno baldio e na presença única de uma cabra vadia e contemplativa. Mas o escrete começou a vencer. E não dou um passo sem esbarrar num patriota de bigodões; mais um passo e é uma patriota de penacho.

Graças à seleção, descobrimos o Brasil. Tenho um amigo que é um dos tais brasileiros rubros de vergonha. Dizia-me: — “Junto da europeia, a nossa paisagem faz vergonha.” Mas ele dizia isso porque jamais olhara a nossa paisagem. O escrete, porém, derrotou o seu esnobismo hediondo. Depois da vitória sobre a Bulgária, ele viu, pela primeira vez, o Cristo do Corcovado. E veio me dizer, de olho rútilo: — “Parece que temos aí um morro que promete, um tal de Pão de Açúcar!”

Ah, se não fosse o amado time do Brasil a nossa alienação não teria cura assim na terra, como no céu. Somos hoje um povo em tensão dionisíaca. Se, em tarde de jogo, cair uma bomba de hidrogênio, ali, na Avenida, ninguém vai largar o seu radinho de pilha. Todos achamos que, uma vez consumado o Tri, o mundo pode acabar imediatamente (e já acabou tarde). A seleção é a nova fé, o novo fanatismo, uma espécie de nova Canudos triunfal.



Antes, o brasileiro tinha medo do próprio otimismo. O jornal, o rádio, a TV — recomendavam a maior depressão. E os nossos espíritos andavam a meio-pau. Veio o escrete e espantou o urubu que estava sentado na alma brasileira. A nossa palidez cadavérica sumiu. E nossa pele está agora ótima, sem uma espinha, um cravo, uma brotoeja. Por outro lado, as relações humanas, no Brasil, melhoraram como da água para o vinho. O querido Geraldo Mascarenhas, do Banco Mineiro da Produção, não pensará nos meus títulos até a decisão da Copa.

E como o escrete merece ser admirado e amado por oitenta milhões de brasileiros! Os búlgaros entraram, em campo, para caçar os brasileiros a patadas. E foi aí que Denílson, com sua dignidade racial de príncipe zulu, baixou a pau, em revide. Que dizer de Pelé? Não é à toa

que ele tem uma coxa plástica, elástica, vital como uma anca de cavalo árabe. Quando ele ou Denílson disparava o pontapé, o resto do escrete brasileiro tinha uma sensação de onipotência.

O Globo, 14/7/1966

Brazilian, From Head to Shoes

My friends, I would say that any Brazilian, alive or dead, has already been a Portuguese in some past incarnation. When I hear a Portuguese, some hearing nostalgia hits me and I don't know where it comes from, and I start thinking: — "I've had that accent before!" Besides, there is Bocage, not the one from the sonnets, but that from the anecdotes. From time to time, the spectrum of Bocage passes through our corners and our pubs, howling pornography.

I repeat: — Bocage is the grandfather of all of our swearing. And there is more, there is more. Since Eça, all Brazilian generations fell in love with Maria Eduarda Maia. How about Ines de Castro, who Camoëns consecrated with so much promotional *élan*? She was beaten to death with a stick, as if she were a large rat. But the sweet Ines was one of my truculent passions as a schoolboy.

For so many sentimental reasons, the Portuguese victory, yesterday, flooded this city with joy. As if the reasons stated were not enough, Hungary is our immediate opponent. And our secret and evil hope was that Portugal gave them a poisoned ball. I can imagine the euphoria of the old Camoëns, with one eye dripping darkness and another one dripping light.

But let us go back to Brazil. As we know, not everyone likes to be a Brazilian. I have acquaintances who are counterfeit Brazilians, almost under protest. Well, then. Behold the miracle of the team: — it makes each of us a Brazilian, from head to shoes. And it gets worse: — usually, the patriotism in a vacant lot with the sole presence of an unoccupied and contemplative goat. But the team started to win. And I do not take a step without bumping into a patriot with a big moustache; another step and it is a patriot with a panache.

Thanks to the soccer national team, we discovered Brazil. I have a friend who is one of such Brazilians who are crimson with shame. He told me: — "In comparison with the European landscape, ours is a shame." But he said that because he had never looked at our landscape. The team, however, defeated its heinous snobbishness. After the victory over Bulgaria, he saw, for the first time, the Christ of Corcovado. And he came to tell me, with bright eyes: — "It seems that we have here a promising hill, the Sugarloaf Mountain!"

Oh, if not for the beloved team of Brazil, our alienation would not heal as on Earth as it is in Heaven. Today we are a nation in Dionysian tension. If, in the afternoon of a game, a hydrogen bomb falls over an avenue, nobody is going to drop his small radio. We all think that, once the Tri is consummated, the world could end immediately (good riddance). The Brazilian national team is the new faith, the new fanaticism, a sort of triumphant new Canudos.[7]

Before, the Brazilian was afraid of his own optimism. The newspaper, the radio, the TV — they recommended the greater depression. And our spirits went mourning. The team came and startled the vulture that was sitting in the Brazilian soul. Our corpse-like paleness disappeared. And our skin is great now, without a pimple, a blackhead, a hash. On the other hand, human relations in Brazil definitely improved. Dear Geraldo Mascarenhas, of the Banco Mineiro da Produção, will not think about my titles until the decision of the Cup.

And how the team deserves to be admired and loved by eighty million Brazilians! Bulgarians entered the field to hunt and kick the Brazilians. And it was then that Denilson, with his racial dignity of a Zulu prince, wrestled in retaliation. What about Pele? No wonder he has a plastic elastic thigh, as vital as the hip of an Arabian horse. When he or Denilson kicked out, the rest of the Brazilian team had a feeling of omnipotence.

O Globo, 7/14/1966

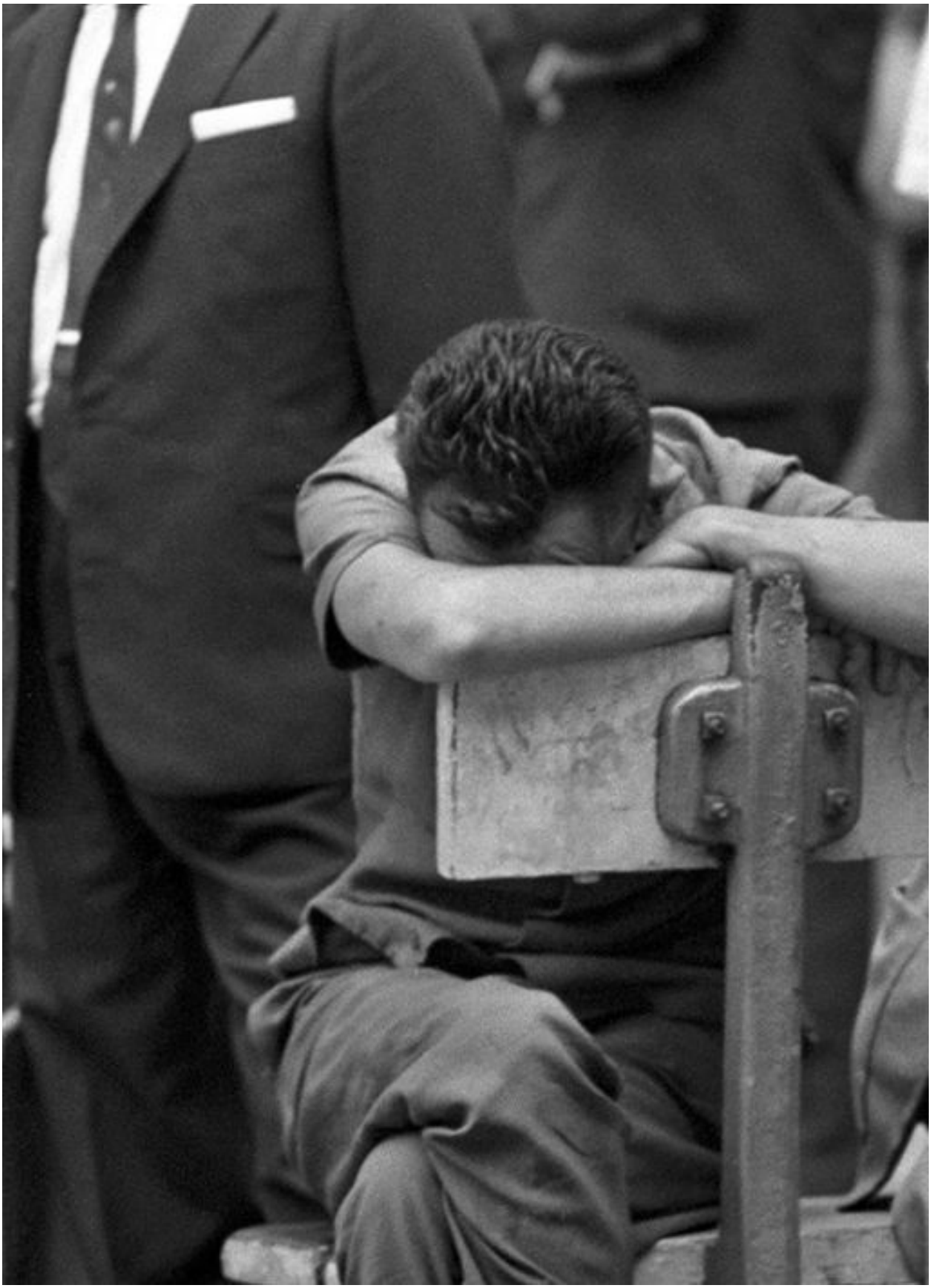
Tais conquistas, porém,
dão lugar a uma grande decepção
com a seleção de 1966...

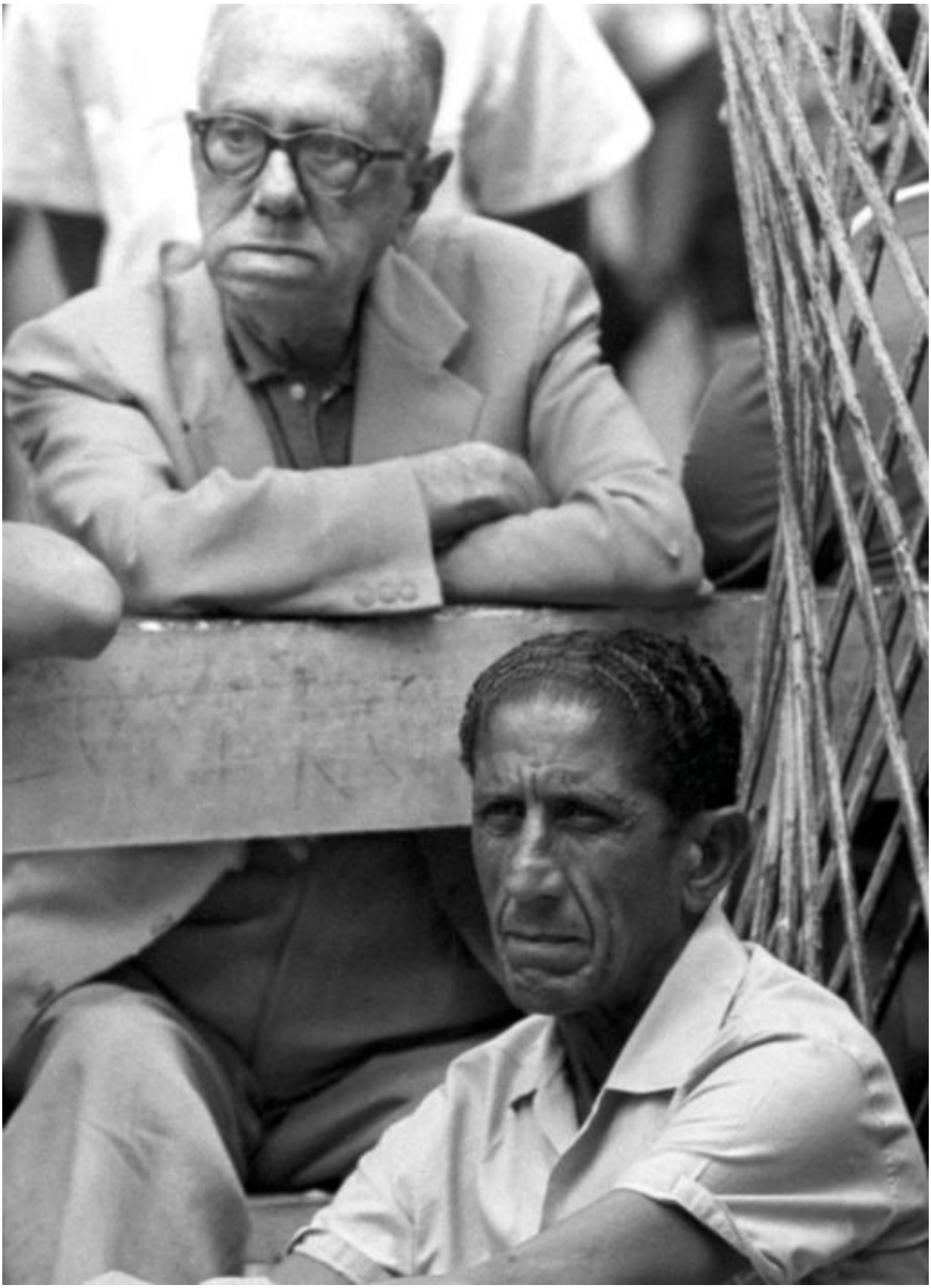
Those achievements, however, make room to a major disappointment with 1966 Brazilian national team...



Amigos, eis 80 milhões de brasileiros numa humilhação feroz. Eu diria que a vergonha de 50 foi mais amena, mais cordial. Naquela ocasião, não tínhamos o bicampeonato.

My friends, here are eighty million Brazilians in a fierce humiliation. I would say the shame of 1950 was kinder, more cordial. At that time, we did not have the bichampionship.





Ano que é marcado também por enchentes catastróficas no Rio de Janeiro.

A year that was also marked by catastrophic floods in Rio de Janeiro.





As enchentes de 1966 e 1967 no Rio de Janeiro foram responsáveis pela morte de inúmeras pessoas, inclusive de Paulo, um dos irmãos de Nelson Rodrigues.

The 1966 and 1967 fl oods in Rio de Janeiro caused the deaths of countless people, including Paulo, one of Nelson Rodrigues' brothers.



[...] enquanto os outros passavam exalando uma ira misteriosa, o camelô só faltava virar cambalhotas de alegria total. Não tem um dente ou, melhor dizendo, tem uma antologia de focos dentários. O pior vem agora.

O sujeito está berrando:

— A Nova Prostituição do Brasil! A Nova Prostituição do Brasil!

E erguia um folheto, só faltava esfregar o folheto na cara da pátria. Todavia, não me espanto, ninguém se espanta. As pessoas passam e nem olham. Há qualquer coisa de *vacum* no lerdo escoamento da multidão. O camelô continua empunhando o folheto como um estandarte dionisíaco:

— A Nova Prostituição do Brasil! A Nova Prostituição do Brasil!

[...]

Um turista que por ali passasse havia de anotar no seu caderninho: “O Brasil acaba de promulgar a sua nova prostituição.” Para mim, era uma experiência inédita: — pela primeira vez, via uma prostituição promovida como sabonete, coca-cola ou grapete. Já na outra calçada, estaco. O que eu reclamava de mim mesmo era todo o espanto que não sentia. Sim, eu devia estar espantado, todos deviam estar espantados. De outra calçada, ainda vejo o camelô com sua euforia absurda. E o povo passando. Que nem todos parassem, vá lá. Mas alguém, alguém devia parar. Um funcionário, um soldado, um marinheiro ou um velhinho de camisa fina e imaculada. Mas todos seguiam seu caminho, inclusive uma mulata de Gauguin. Portanto, eu e os outros que passavam éramos também irreais, tão irreais como o camelô.

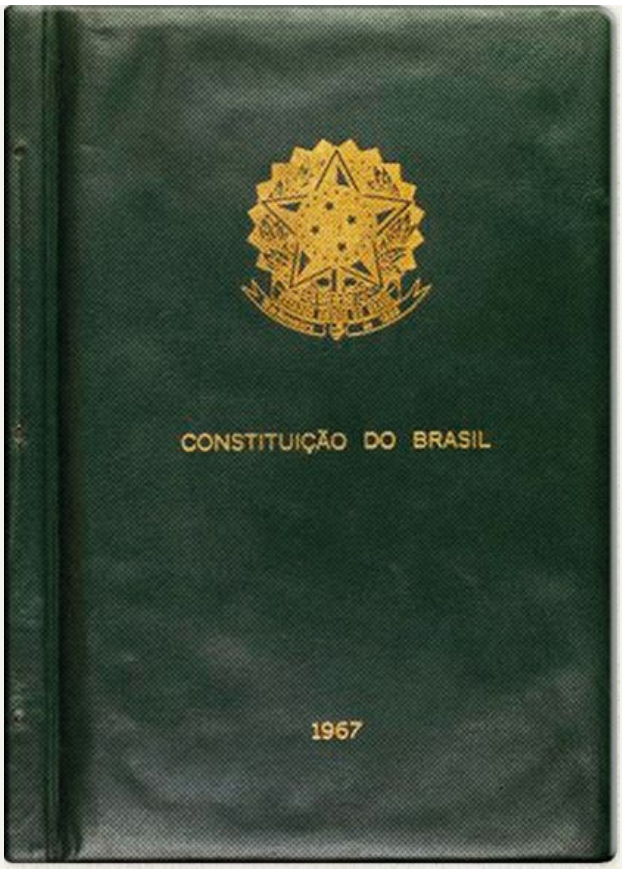
Quando o sinal abre para os pedestres, decido: — “Vou voltar.” E volto. O que me põe doente é a falta de espanto. Preciso me espantar com a maior urgência. Já atravessei o cruzamento e estou, de novo,

na esquina do camelô, junto ao próprio. Posso apalpá-lo, posso farejá-lo. Talvez compre o folheto da nova prostituição do Brasil.

Depois de cuspir para trás, por cima do próprio ombro, o homem recomeça:

— A Nova Constituição do Brasil! A Nova Constituição do Brasil!

Só então percebo o monstruoso engano auditivo. Onde é que meus ouvidos estavam com a cabeça? Ah, uma incorreção acústica pode levar o sujeito a sair por aí derrubando bastilhas e decapitando marias antonietas.



[...] while the others passed by, exuding a mysterious anger, the street vendor was almost turning cartwheels of full joy. He does not have a single teeth or, better saying, he has an anthology of dental foci. The worst comes now.

The guy is screaming:

— The New Prostitution of Brazil! The New Prostitution of Brazil!

And he lifted a flyer, almost rubbing it in the face of the nation. However, I am not surprised, no one is surprised. People pass by and don't even look. There is a vacuum in the sluggish flow of the crowd. The street vendor keeps clutching the flyer as a Dionysian standard:

— The New Prostitution of Brazil! The New Prostitution of Brazil!

[...]

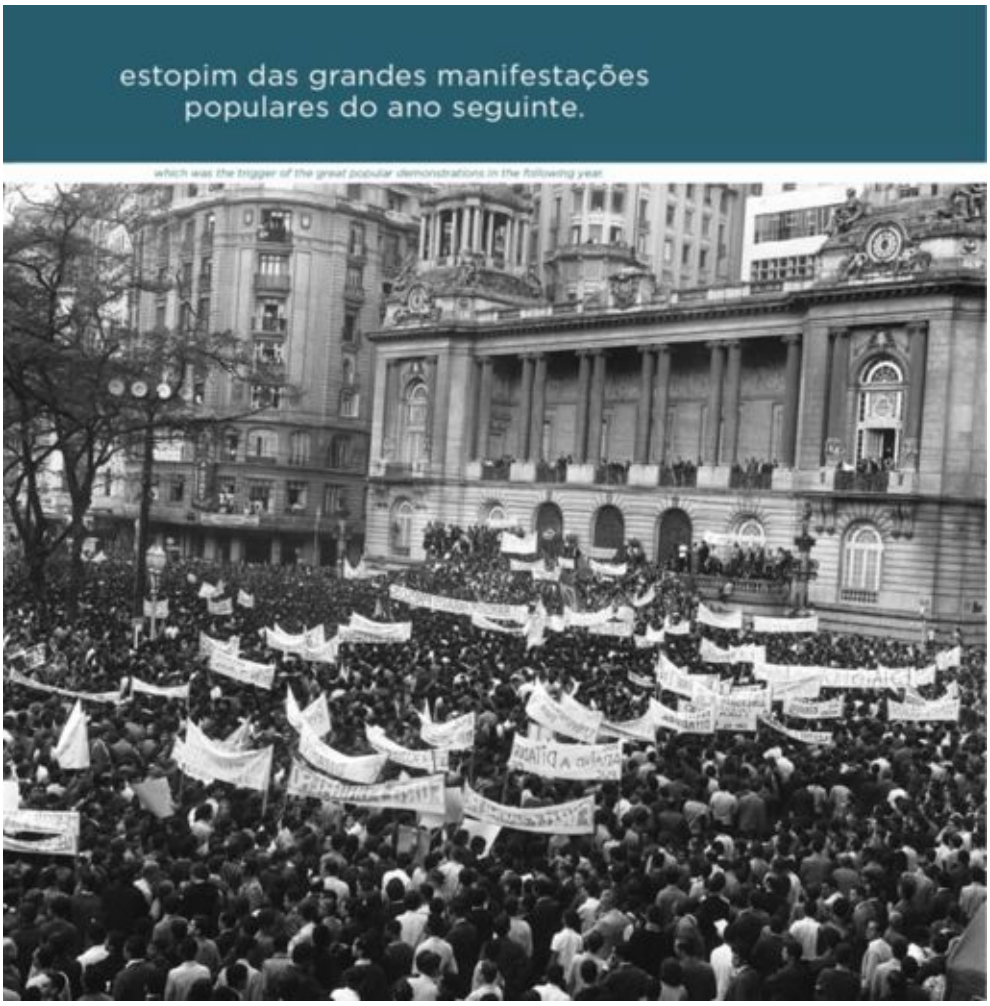
A tourist who passed through there would write down in his notebook: “Brazil has just promulgated its new prostitution.” For me, it was an unprecedented experience: — for the first time, I saw prostitution promoted as soap, Coke or Grapette. Already in the opposite sidewalk, I suddenly stopped. What I complained about myself was all the astonishment I did not feel. Yes, I should be astonished, everyone should. On the other sidewalk, I can still see the street vendor with his preposterous euphoria. And people keep passing by. That not all of them stopped, it is okay. But someone should. An employee, a soldier, a sailor or an old man with a thin and immaculate shirt. But everyone followed their own path, including one mulatto woman from Gauguin. So, I and others who passed were as unreal as the street vendor.

When the traffic light opens for pedestrians, I make a decision: — “I am coming back.” And I do. What makes me sick is the lack of amazement. I need to get amazed with the utmost urgency. I have already crossed the intersection and I am, again, at the corner of the street vendor, along with him. I can grope him, I can smell him. I may buy the booklet of the new prostitution in Brazil.

After spitting backwards over his own shoulder, the man starts again:

—The New Constitution of Brazil! The New Constitution of Brazil!

Only then I realized the monstrous hearing mistake. What were my ears thinking? Oh, one acoustic incorrectness may lead a guy to go around knocking bastilles and decapitating marie antoinettes.



No dia 26 de junho de 1968, o Rio de Janeiro foi palco da Passeata dos Cem Mil, manifestação que reuniu estudantes, artistas, intelectuais e outros representantes da sociedade civil, que protestavam contra a ditadura militar no país.

On June 26, 1968, Rio de Janeiro hosted the March of One Hundred Thousand, a demonstration that brought together students, artists, intellectuals and other representatives of the civil society, who protested against the military dictatorship in the country.

Lembro-me então de uma das recentes passeatas, justamente a mais concorrida, a dos “Cem

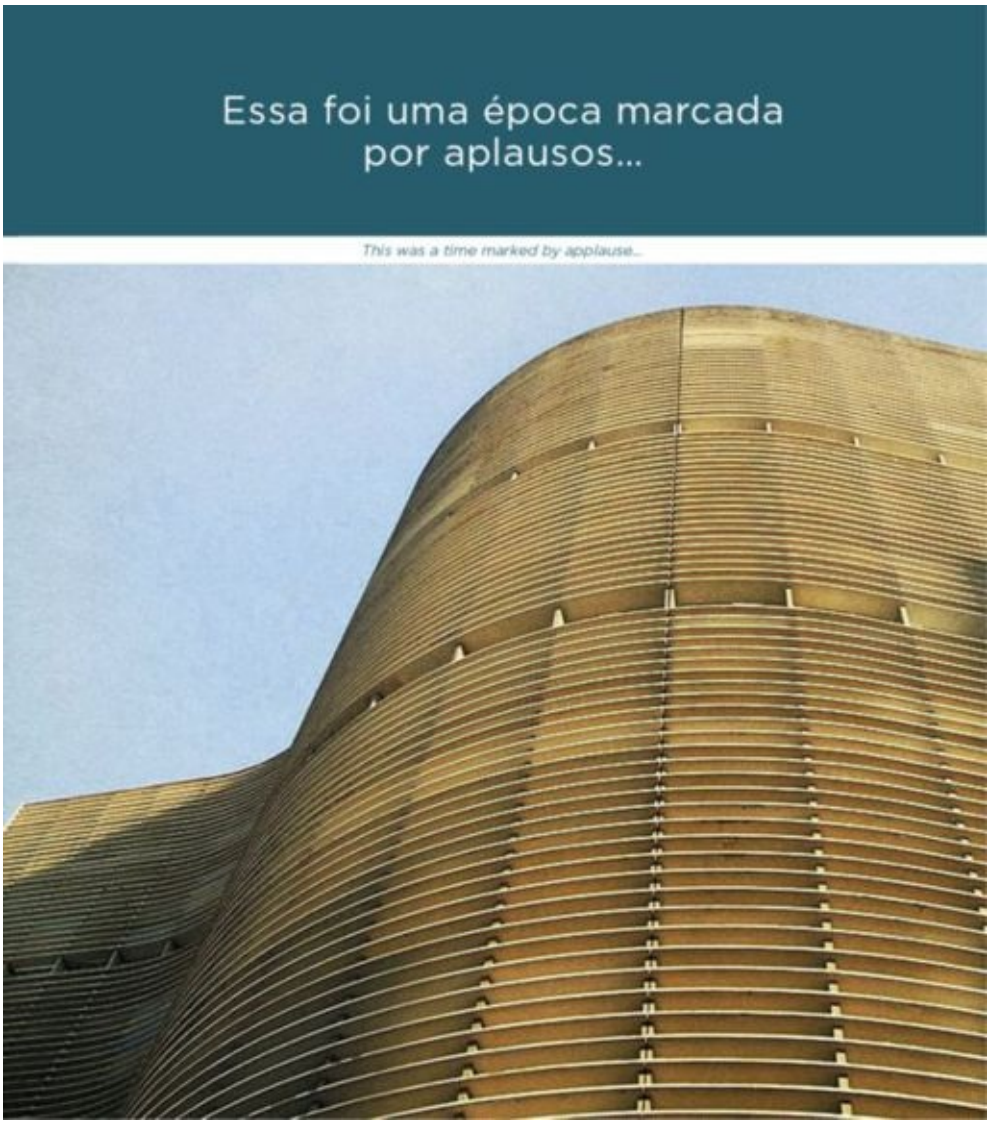
Mil”. Estavam, ali, eretas as nossas elites. Eram estudantes, poetas, romancistas, professores, sacerdotes, arquitetos, médicos, sociólogos, intelectuais de todos os tipos, cineastas. Do alto de uma sacada, um observador podia imaginar: — “São os que pensam.” E, de fato, era o Brasil pensante que desfilava. Pasmado, cochichei para o meu companheiro Raul Brandão, o pintor das igrejas e das grã-finas: — “Vai haver o diabo.”

O meu raciocínio era justo. Cem mil brasileiros não se juntam para nada.

Then I remember one of the recent marches, precisely the most hotly contested, the “Hundred Thousand” one. There they were, standing tall, our elites. They were students, poets, novelists, teachers, priests, architects, doctors, sociologists, intellectuals of all kinds, film makers. From a high balcony, an observer could imagine: — “These are the ones who think.” And, indeed, it was the thinking Brazilian that paraded. Astonished, I whispered to my companion Raul Brandao, the

painter of churches and rich women: — “This is going to be hell.”

My reasoning was fair. A hundred thousand Brazilians do not get together for nothing.



Oscar Niemeyer é considerado um dos nomes mais importantes da arquitetura brasileira e mundial. O edifício Copan, que projetou em 1951, representa a São Paulo moderna e as linhas sinuosas que tanto fascinavam seu criador.

Oscar Niemeyer is considered one of the most important names of the Brazilian and world architecture. The Copan building, which he designed in 1951, represents the modern Sao Paulo and the sinuous lines that fascinated so much its creator.

[...] assisti, no último sábado, à entrega dos prêmios do Museu

da Imagem e do Som. A cerimônia ia ser televisada. [...]

Sala Cecília Meireles. Como o Governo da Guanabara estava ligado aos prêmios, compareceu o governador Negrão de Lima. Ele, em pessoa, faria a entrega. E, para maior ênfase do acontecimento, puseram lá uma banda de música. Um dos premiados era Oscar Niemeyer. Outro: Glauber Rocha; outro ainda: Pelé.

E, de repente, o ator Sérgio Cardoso diz o nome de Oscar Niemeyer. A plateia quase veio abaixo. O nome de Pelé foi muito menos aplaudido. E, no entanto, para o gosto popular, as botinadas estão muito mais próximas do sublime do que a arquitetura.

[...] Por que esse amor súbito e ululante por um arquiteto? Desde quando a arquitetura

teve, no Brasil, um Frank Sinatra? Estava vendo a hora em que os presentes, de pé, iam berrar como nos comícios do Brigadeiro: — "Já ganhou! Já ganhou!" Mas por que essa ovação de Cauby Peixoto? Era a pergunta que continuava sem resposta.

E, súbito, percebo toda a verdade. Não era o arquiteto, era o gênio.

[...] last Saturday, I attended to the award ceremony of the Museum of Image and Sound. The ceremony was to be broadcasted. [...]

Cecilia Meireles Hall. As the Government of Guanabara was linked to the awards, Governor Negrao de Lima attended the ceremony. He himself would deliver the prizes. And, for emphasis of the event, they hired a music band. One of the awarded was Oscar Niemeyer. Another: Glauber Rocha; one more: Pele.

Then, all of a sudden, actor Sergio Cardoso said Oscar Niemeyer's name. The audience almost came crashing down. Pele's name was much less applauded. However, for the popular taste, the kicks are much closer to the sublime than the architecture.

[...] Why this sudden and howling love for an architect? Since when has the Brazilian architecture had a Frank Sinatra? I was waiting for the time the audience would stand up and scream, as at the rallies of the Brigadier: — "He already won! He already won!" But why was he ovationated Cauby Peixoto[8] style? It was a question that remained unanswered.

And suddenly, I realize the whole truth. It was not the architect, but the genius.



Mas vejamos o sr. Caetano Veloso. A vaia selvagem com que o receberam já me deu uma certa náusea de ser brasileiro. Dirão os idiotas da objetividade que ele estava de salto alto, plumas, peruca, batom *etc. etc.* Era um artista. De peruca ou não, era um artista. De plumas, mas artista. De salto alto, mas artista. [...]

No *tape* de sábado tivemos, pela fúria de Caetano Veloso, um momento da consciência brasileira.

But let's take a look at Mister Caetano Veloso. The wild boo he was received with already gave me some nausea to be Brazilian. The idiots of the objectivity will say he was wearing high heels, feathers, a wig, lipstick, etc. etc. But he

is an artist. Wig or not, he is an artist. With feathers, but an artist. In high heels, but an artist. [...]

On Saturday's tape, we had, judging by Caetano Veloso's fury, a moment of the Brazilian consciousness.



No III Festival Internacional da Canção Popular, Caetano Veloso, que interpretaria "É proibido proibir", naquele dia 15 de setembro de 1968, foi recebido pelo público com uma intensa vaia, ao que reagiu fazendo um discurso inflamado em que criticava a juventude por sua postura conservadora.

On the III International Popular Song Festival, Caetano Veloso, who would interpret "E proibido proibir" (It is forbidden to forbid) on September 15, 1968, was received

by the audience with an intense boo, to what he reacted making a fiery speech in which he criticized the youth for its conservative attitude.

Por grandes feitos nacionais...

By great national deeds...





Em janeiro de 1969 têm início as obras da construção da Ponte Rio-Niterói, só inaugurada em 1974.

In January, 1969, the construction of the Rio-Niteroi Bridge is started, but it is only inaugurated in 1974.



Neil Armstrong, astronauta dos Estados Unidos, torna-se o primeiro homem a pisar na Lua, em 20 de julho de 1969, sob olhares perplexos e por vezes incrédulos de espectadores do mundo todo.

Neil Armstrong, U.S. astronaut, becomes the first man on the moon, on July 20, 1969, under puzzled and sometimes incredulous looks of viewers worldwide.

“Precisamos mudar de Deus”, disse ele. Naquele momento, um bilhão e seiscentos milhões de pessoas tremiam de beleza. E, ali, num apartamento da Vieira

Souto, o “padre de passeata” repetia, fremente de certeza: — “Precisamos mudar de Deus!” Cercado de grã-finas por todos os lados, o sacerdote (um dos “100 mil”) via o Homem na Lua.

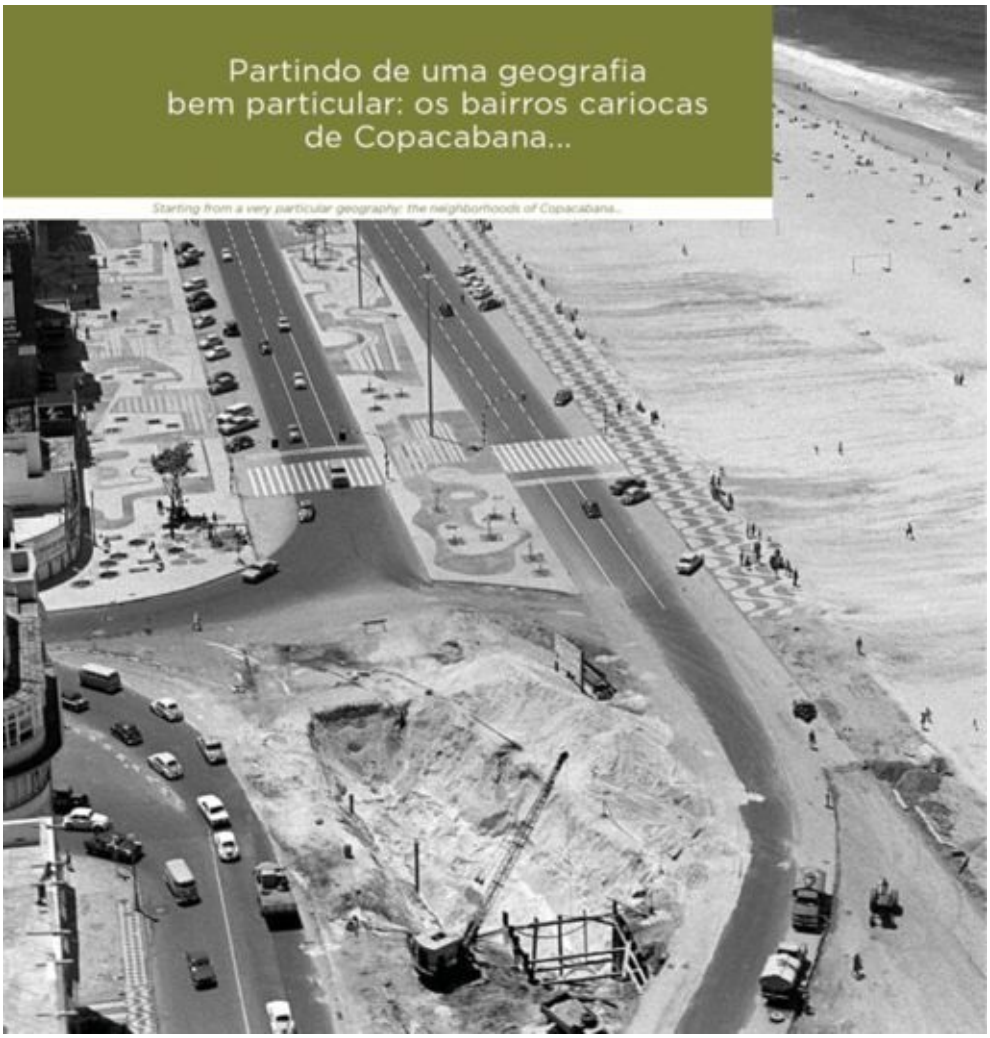
Armstrong na Lua dava saltos de canguru. No vídeo, ele e o companheiro eram figuras diáfanas, espectrais. [...] Ninguém era o mesmo da véspera. [...] o voo lunar cavara, entre a véspera e o dia seguinte, uma distância infinita, milenar.

“We need to change Gods”, he said. At that moment, one billion six hundred million people trembled with beauty. And there, in an apartment in Vieira Souto Street, the “Father of March” repeated, trembling with certainty: — “We need to change Gods!” Surrounded by wealthy women everywhere, the priest (one of the “hundred thousand”) saw the Man on the Moon.

Armstrong on the Moon was giving kangaroo jumps. In the video, he and his companion were diaphanous, spectral figures. [...] Nobody was the same of the day before. [...] the lunar flight dug, between Eve and the following day, an infinite, millennial distance.

Partindo de uma geografia
bem particular: os bairros cariocas
de Copacabana...

Starting from a very particular geography: the neighborhoods of Copacabana...





A avenida Atlântica e a praia de Copacabana sofrem obras de reurbanização no início dos anos 1970.

Avenida Atlantica and Copacabana Beach undergo redevelopment works in the early 1970s.

Eu só sei viver com minha língua e minha pátria. Sou um homem da minha rua. Quando vou muito longe me sinto um peixe fora d´água. Eu sou um brasileiro absoluto e não gosto de sair de Copacabana.

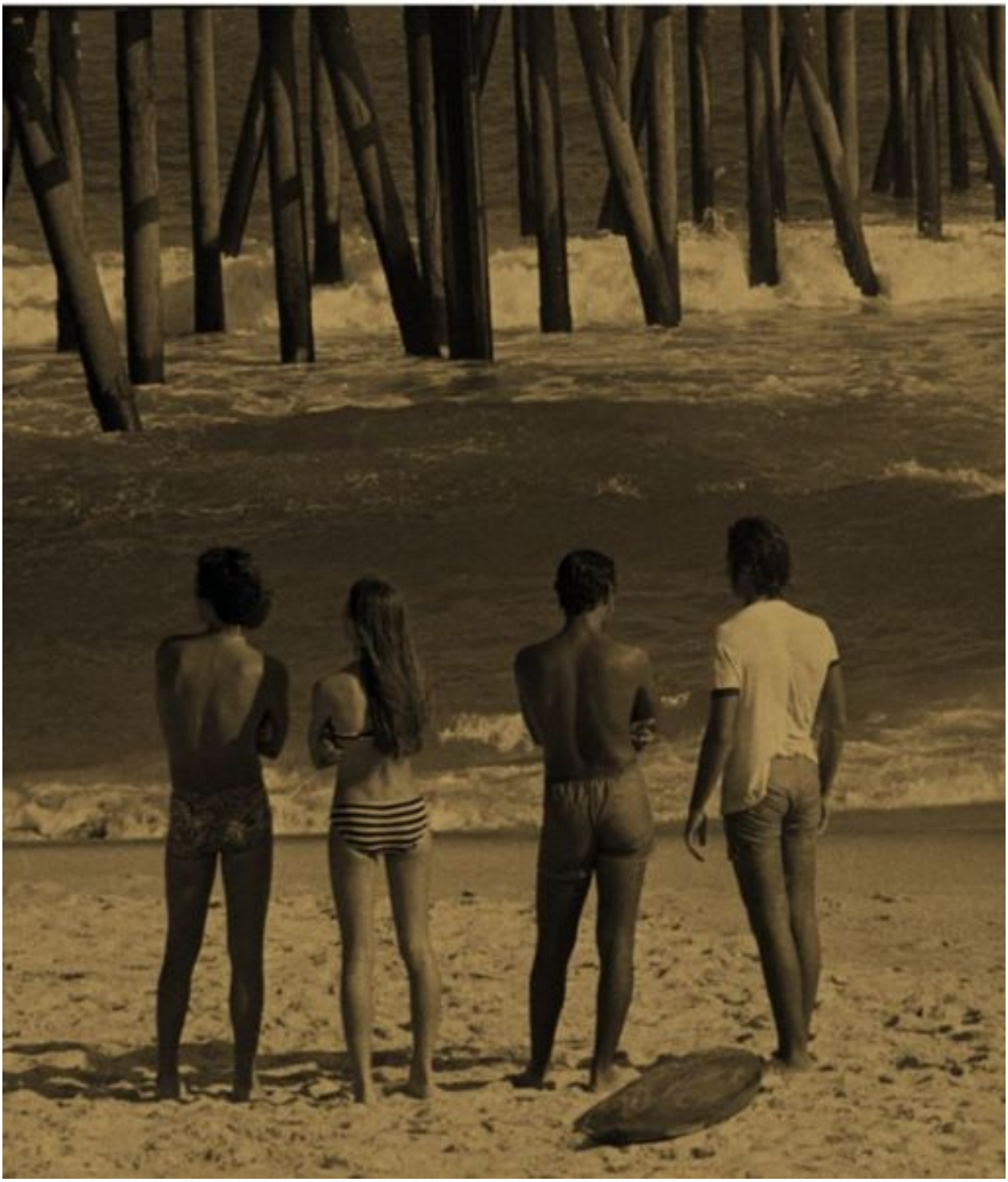
I only know how to live with my language and my homeland. I am a man of my street. When I go too far, I feel like a fish out of water. I am an absolute Brazilian and I do not like to leave Copacabana.





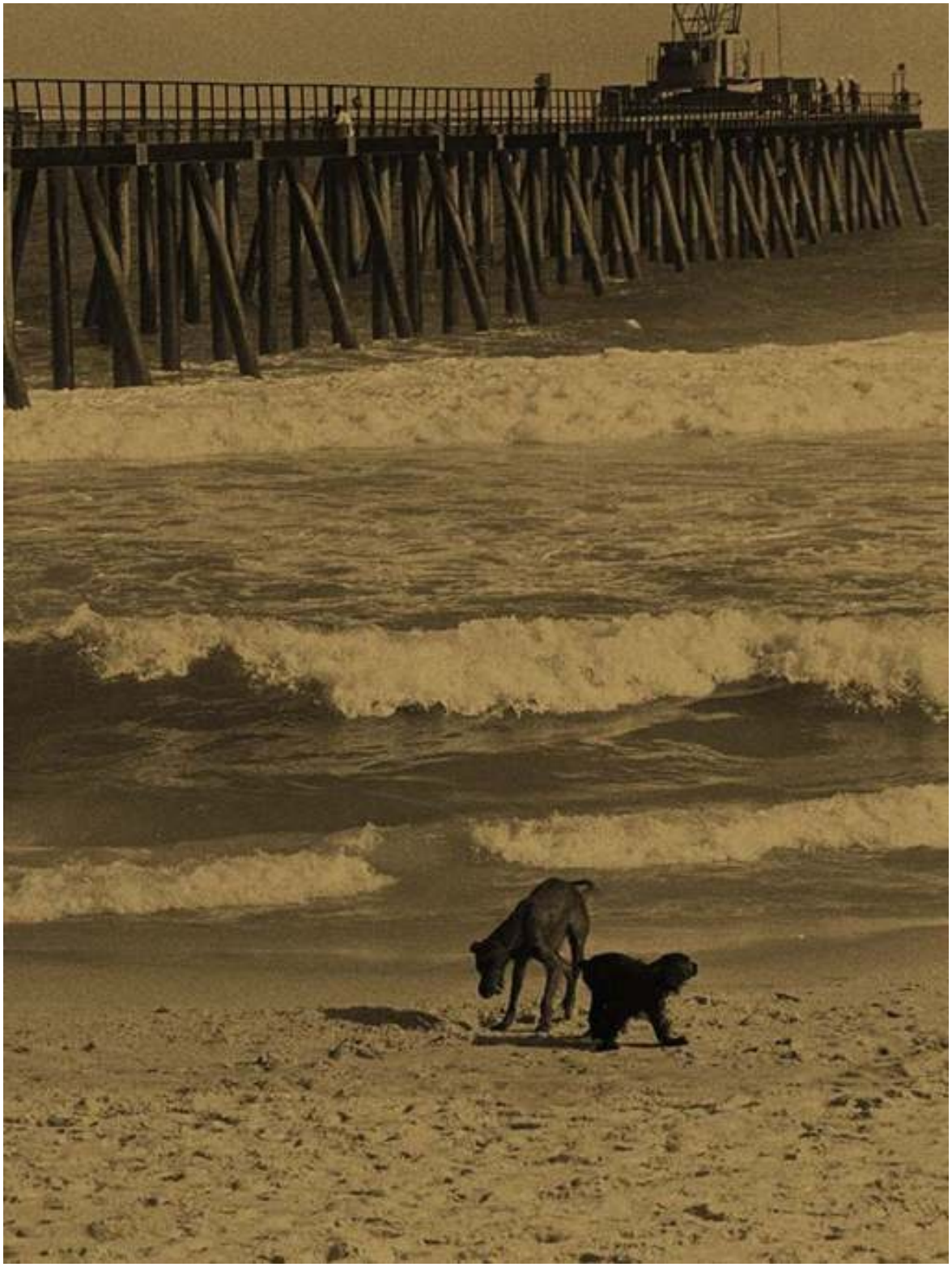
e de Ipanema...

and Ipanema...



Hoje, não há mais louro no Brasil. Todo mundo é moreno. E quando falta uma praia, há sempre um Sol, à mão. Vem o Sol e lambe e bronzeia, e lustra qualquer um. Somos oitenta milhões de havaianos e de havaianas. Dirão que há garotas de cabelos dourados. Não importa. No Brasil atual, mesmo as louras são morenas.

Nowadays, there are no more blond people in Brazil. Everyone is brunet. And when the beach is missing there is always a Sun at hand. The Sun comes and licks and tans, and polishes anyone. We are eighty million Hawaiian man and woman. They will say that there are girls with golden hair. It does not matter. In the current Brazil, even blondes are brunettes.



O programa de saneamento de Ipanema no início dos anos 1970 incluiu a construção de um emissário submarino. Os andaimes da obra ficaram conhecidos como o píer de Ipanema, ponto de encontro de surfistas, intelectuais, artistas e jornalistas.

In Ipanema, the sanitation program, in the early 1970s, included the construction of a submarine outfall. The scaffolding of the work was known as pier of Ipanema, a meeting point for surfers, intellectuals, artists and journalists.



Ajoelhado, o jogador Jairzinho comemora o seu gol final da Copa do Mundo de 1970, no México, contra a Itália. O Brasil era o primeiro país do mundo a se tornar

tricampeão mundial.

Down on his knees, player Jairzinho celebrates his final goal of the 1970 World Cup, in Mexico, against Italy. Brazil was the first country to become three times world champion.


7

três vezes vencedor.

three times a winner.



Claro que muitos leitores abominam o futebol [...]. Há um momento, porém, em que o futebol passa a ser a paixão unânime. É quando está em cena o escrete. Mesmo os que nunca viram uma bola entendem que o escrete é a pátria em calções e chuteiras, a dar botinadas em todas as direções.

Of course many readers abominate soccer [...]. There is a moment, however, when soccer becomes the unanimous passion. It is when the national team is on scene. Even those who have never seen a ball understand that the team is the nation in shorts and cleats, kicking in all directions.




CBD

Brasil, Brasil, Brasil

Amigos, foi a vitória mais linda. Ontem, quando acabou o jogo, o Espectro de 50 foi varrido a pontapés. Desculpem. Está certo varrido a pontapés? Se não está certo, paciência. Vai assim mesmo. Eu não estou aqui para escrever certo, estou aqui para escrever Brasil, Brasil, Brasil.

Meu Deus, como é gostoso ser patriota. Digo patriota, à maneira antiga, como nos tempos em que se tomava rapé. Nós torcemos, ontem, com as costeletas, os bigodões, o penacho e as esporas do perfeito Dragão do Pedro Américo. Depois da vitória, eu vi a grã-fina das narinas de cadáver, também de penacho e também de esporas. Quanto aos bigodões, Rivelino já os usava.

Vocês viram a cidade? Claro que viram. A cidade explodiu, a cidade voou pelos ares. Pela primeira vez, desde Pero Vaz de Caminha, os turistas viram janelas patriotas. Das sacadas, pendia a nossa doce bandeira. Cinco milhões de homens, mulheres e crianças beijaram a bandeira. Os idiotas da objetividade rosnam: — "É ridículo beijar a bandeira!" Não faz mal. Vamos assumir, nobremente, o nosso ridículo. Cada povo e cada homem têm sua dimensão de ridículo. Preservemos o nosso.

Vejam vocês como é dura a nossa profissão de estilista. Comecei falando do Espectro de 50 e me esqueci do espectro. O que eu queria dizer é que ele, o Espectro, foi varrido a pontapés. Havia em nós uma chaga já velha, senil chaga. A vitória de ontem a tapou. Não resta nem a cicatriz. Ontem, vocês devem ter reparado que a alegria é mais profunda que a dor.

Vocês viram as buzinas, a histeria das buzinas, a loucura das buzinas. Viram a formidável procela de

bandeiras? Pelo amor de Deus, não me venham falar que o escrete começou tremendo. Justamente porque treme é que o escrete se consagrou como o maior da “Copa”. O Brasil desmontou o mito burlesco do futebol-força. Os entendidos, querendo humilhar o futebol brasileiro, punham o Europeu nas nuvens. Nós estávamos atrasados trinta anos. Só eles tinham velocidade, ao passo que nós andávamos de velocípede. Eu próprio cheguei a acreditar que os europeus tinham uma saúde de vaca premiada. Com perdão da metáfora, as vacas premiadas somos nós.

Vocês querem saber por que trememos nos primeiros minutos? Porque somos artistas e os artistas têm uma larga, uma generosa, uma insuperável emotividade. Nós marcamos um gol e choramos. E daí? E vocês gostariam de ser uns impotentes do sentimento como Belzebu, o Abominável Pai da Mentira? A maior frustração de Satã é não ter, em sua biografia, uma única e escassa lágrima.

Quando vocês tiverem comovidos, não façam cerimônia: — sentem-se no meio-fio e comecem a chorar. Claro que é uma dureza disputar uma semifinal com o Uruguai. E mais ainda quando o juiz é um Raffles de galinheiro que nos negou dois pênaltis ululantes. Num deles, o segundo, Pelé ia entrando com bola e tudo. Foi calçado miseravelmente e o Arsênio Lupin não deu penalidade máxima.



Mas eu dou-lhes a minha palavra de honra: — esse escrete brasileiro, que vocês têm visto, em Guadalajara, é o melhor que olhos mortais já contemplaram. O jogo de ontem foi maravilhosamente concebido e executado. Eu sempre dizia que a velocidade é burra. O escrete, quando se tornou senhor dos próprios nervos, andava dentro de campo. Nada de correrias irracionais. O brasileiro trabalha a jogada. O nosso gol, antes de ser bola nas redes, é obra de arte. Em campo, nosso escrete faz suas obras-primas e passeia por entre obras-primas. Só uma coisa eu deploro, na partida de ontem — é que não tenha entrado o quarto gol, de Pelé. Com uma ginga, driblou o goleiro uruguaio. Correu, apanhou a bola e, com o gol escancarou, encheu o pé. A bola, rente à grama, tirou um fininho da trave inimiga.

Agora mesmo, o Vadinho Dolabela bate o telefone para mim. Soluça: — “E as hienas? E os abutres? E os urubus? E os ‘entendidos’?” Ah, os entendidos devem mudar de ofício, imediatamente. Por que não vão ser bombeiros hidráulicos? Devem entender mais de desentupir pias do que de futebol.

O Globo, 18/6/1970

Brazil, Brazil, Brazil

My friends, it was the most beautiful victory. Yesterday, when the game was over, the 1950 Spectrum was swept away with kicks. Excuse me, is that correct, swept away with kicks? If it is not, whatever. It will stay like that. I am not here to write right, I am here to write Brazil, Brazil, Brazil.

Oh, God, how wonderful it is to be a patriot. I say patriot in the old-fashioned way, as in the days when we smelled snuff. We cheered, yesterday, with the sideburns, the big moustaches, the panache and the spurs of a perfect Pedro Americo's Dragon. After the victory, I saw the rich woman with corpse nostrils also with panache and spurs. As for the big moustaches, Rivelino already wore them.

Have you seen the city? Of course you have. The city exploded, the city flew through the air. For the first time since Pero Vaz de Caminha,[9] the tourists saw patriotic windows. Our sweet flag hung from the balconies. Five million men, women and children kissed the flag. The idiots of objectivity roar: — "It is ridiculous to kiss the flag!" It does not matter. Let's assume, nobly, our ridicule. Every nation and every man has its dimension of ridicule. Let us preserve ours.

You see how hard our stilyst profession is. I started talking about the 1950 Spectrum and forgot about the spectrum. What I wanted to say is that the Spectrum was swept away with kicks. We had in ourselves this old, senile wound. Yesterday's victory covered it and left not even a scar. Yesterday, you may have noticed that joy is deeper than pain.

You saw the horns, the hysteria of the horns, the madness of the horns. Have you seen the formidable tempest of flags? For the love of God, do not tell me the team started trembling. Precisely because it trembles the team has been established as the best of the "Cup". Brazil has debunked the burlesque myth of soccer-strength. The experts, wanting to humiliate the Brazilian soccer, gave great importance to the European people. We were thirty years late. Only they had speed, whereas we pedaled a tricycle. I myself came to believe that the Europeans were as healthy as a prize cow. Sorry about the metaphor, but the prize cows are us.

Do you want to know why we trembled during the first minutes? Because we are artists, and artists have a wide, generous, an unsurpassed emotionality. We score a goal and cry. So what? And would you like to be sentimentally helpless like Beelzebub, the Abominable Father of Lies? The biggest frustration of Satan is not to have, in his whole biography, a single and scarce tear.

When you are touched, make no ceremony: — sit down on the curb and start crying. Of course it is hard to play a semifinal with Uruguay. And even more when the judge is a poulterer Raffles who denied us two howling penalties. In one of them, the second one, Pele was coming through with the ball. He was miserably booted and that Arsenio Lupin did not give maximum penalty.

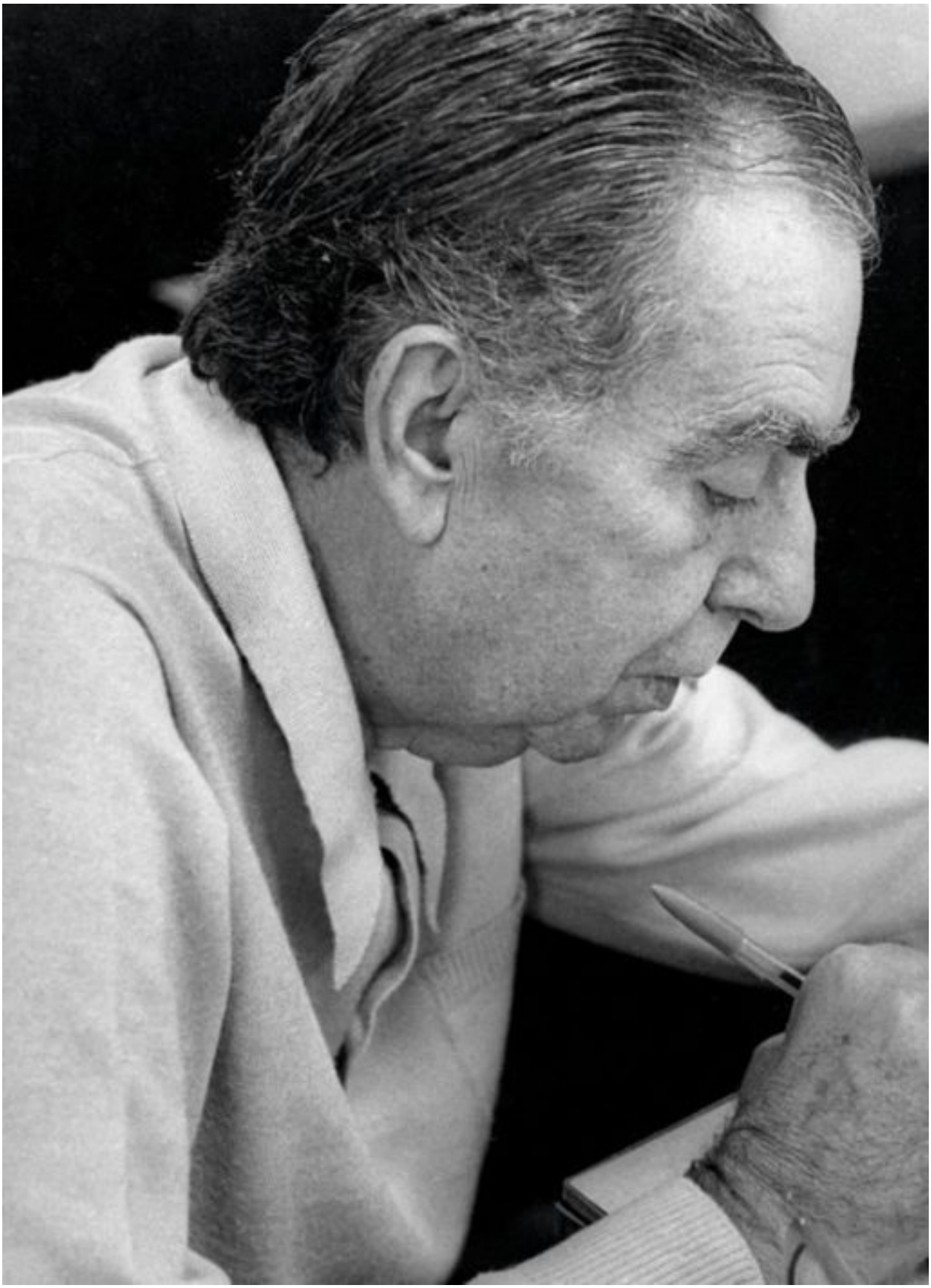
But I give you my word of honor: — this Brazilian team you have been seeing in Guadalajara is the best the mortal eyes have ever beheld. Yesterday's game was wonderfully conceived and executed. I always said that speed is dumb. The team, when it became lord of its own nerves, walked inside the field. No irrational running around. The Brazilians work the move. Our goal, before being ball on nets, is a work of art. In the

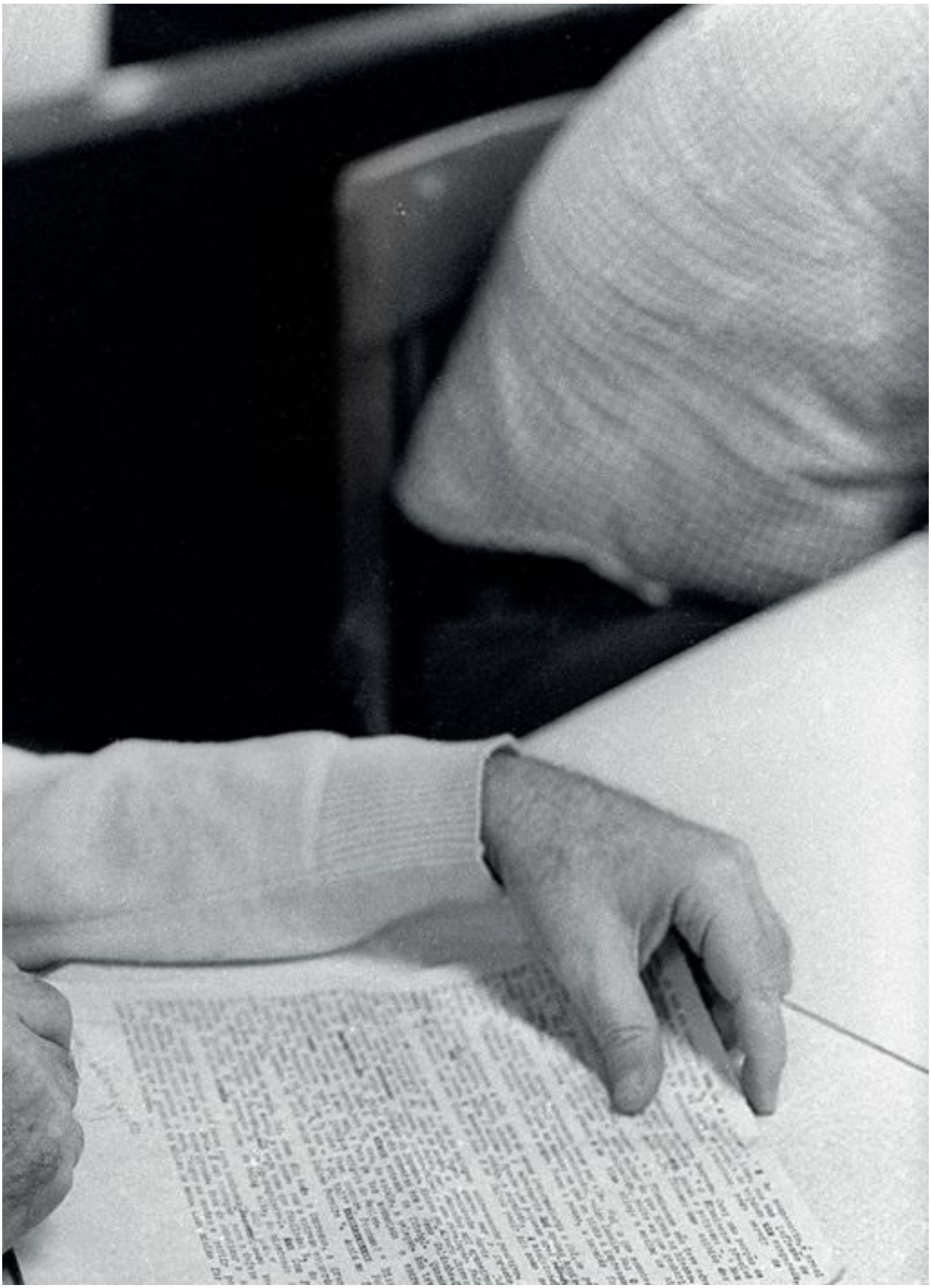
field, our team makes its masterpieces and strolls in masterpieces. Only one thing I regret in the match yesterday — is that Pele has not scored the fourth goal. With one swing, he dribbled the Uruguayan goalkeeper. He ran, caught the ball, and with the goal flung open, kicked in the mood. The ball, close to the grass, passed very close to the enemy beam.

Right now, Vadinho Dolabela calls me on the phone. He sobs: — “And the hyenas? And the vultures? And the ‘experts’?” Oh, the experts must change craft immediately. Why don’t they become plumbers? They must know more about unclogging sinks than they do about soccer.

O Globo, 6/18/1970


ORDEM E PRO





Há todo um Brasil por fazer. Sim, todos os dias, o Brasil espera que nós o façamos.

There is a whole Brazil to be made. Yes, everyday, Brazil expects us to make it.

REFERÊNCIAS

p. 3 e 106 — Selo criado para esta publicação a partir de foto do jogador Jairzinho na Copa do México tirada por Rodolpho Machado e pertencente à Agência O Globo.

p. 12 — Nelson Rodrigues na redação do jornal *O Globo*, em 1975. | Agência O Globo.

p. 13 — A crônica "Abaixo a humildade!" foi publicada em *O berro impresso das manchetes* (Nova Fronteira, 2007, p. 82-84) e originalmente em *Manchete Esportiva* (19/5/1956).

p. 14-15 — Vista aérea do estádio do Maracanã, no Rio de Janeiro, no dia 16 de julho de 1950. | Latinstock | dpa | Corbis | Corbis (DC).

p. 17-19 — Final da Copa do Mundo de 1950, no Maracanã, registrada pelo fotógrafo José Santos. | Agência O Globo.

p. 18 — "No Maracanã inaugurado...": trecho retirado da crônica "No Brasil, o futebol é que faz o papel da ficção", do livro *Brasil em campo* (Nova Fronteira, 2012, p. 14), originalmente publicada em *O Globo*, s/d.

p. 20 — Menino na arquibancada do Maracanã na final da Copa do Mundo de 1950. Foto de José Medeiros. | Acervo Instituto Moreira Salles.

p. 20 — "Em 50, quase houve um suicídio...": trecho retirado da crônica "Pelé, colega de Miguel Ângelo, Homero e Dante", publicada em *A pátria de chuteiras* (Nova Fronteira, 2013, p. 39) e originalmente em *Manchete Esportiva*, em janeiro de 1959.

p. 21 — Nelson Rodrigues em 1956. | Acervo Funarte — Centro de Documentação.

p. 21 — "O Brasil ainda não se tornou...": trecho da crônica "Vitórias do Brasil", publicada em *O berro impresso das manchetes* (Nova Fronteira, 2007, p. 253), e originalmente em *Manchete Esportiva* (22/6/1957).

p. 22-23 — Formação do cafezal na colônia Mineira, Paraná, 1955. Foto de Haruo Ohara. | Acervo Instituto Moreira Salles.

p. 24 — Edifício Montreal, na avenida Ipiranga, por volta de 1955. Foto de Francisco Albuquerque. | Convênio Museu da Imagem e do Som — SP. | Acervo

Instituto Moreira Salles.

p. 25 — Refinaria de petróleo da Petrobras em Cubatão, SP, 1957. Foto de Francisco Albuquerque. | Convênio Museu da Imagem e do Som — SP. | Acervo Instituto Moreira Salles.

p. 25 — “[...] três homens engalfinham-se pelo Brasil...”: trecho do romance *Asfalto selvagem — Engraçadinha, seus amores e seus pecados* (Nova Fronteira, 2008, cap. 51, p. 299).

p. 26 — Complexo hidrelétrico de Paulo Afonso, fotografado no dia 1º de dezembro de 2007 por Maria Hsu. | Acervo Wikimedia Commons.

p. 27 — Codiq — Construtora de Equipamentos Industriais, em 1953. Foto de Francisco Albuquerque. | Convênio Museu da Imagem e do Som — SP. | Acervo Instituto Moreira Salles.

p. 27 — “Hoje, temos um sociólogo, o Sérgio Lemos, que...”: trecho do livro *Memórias: A menina sem estrela* (Nova Fronteira, 2009, cap. 13, p. 80-81).

p. 28 — Campanha para o automóvel Fusca, da Volkswagen, em 1964. Foto de Francisco Albuquerque. | Convênio Museu da Imagem e do Som — SP. | Acervo Instituto Moreira Salles.

p. 28 — “Cruza o ônibus, tira um fino de um Aero-Willys...”: trecho do romance *O casamento* (Nova Fronteira, 2006, p. 141).

p. 29 — Aero-Willys no Salão do Automóvel de São Paulo, 1962. | Agência O Globo.

p. 29 — Campanha “Novo toque de bom gosto na moderna paisagem brasileira”, Simca Chambord, em Brasília, DF, por volta de 1960. Foto de Francisco Albuquerque. | Convênio Museu da Imagem e do Som — SP. | Acervo Instituto Moreira Salles.

p. 30-31 — Cinema Odeon, no centro do Rio de Janeiro, em 29 de agosto de 1960. Foto de Arquivo. | Agência O Globo.

p. 31 — “Vejo o Brasil como a pátria do gesto...”: trecho da crônica “Um ator persegue uma plateia”, publicada em *O óbvio ululante* (Nova Fronteira, 2007, p. 317) e originalmente em *O Globo* (26/4/1968).

p. 32 e 38-39 — Final da Copa do Mundo de 1958, na Suécia. Jogadores brasileiros dão a volta olímpica depois de vencer por 5 a 2 o país anfitrião, no

estádio Råsunda, em Estocolmo. Em primeiro plano: Gilmar, Bellini, Zagallo, Garrincha, Nilton Santos, Vavá, Zito, Hilton Gosling (médico), não identificado e Pelé (mais atrás). Foto de Indaiassú Leite. | Agência O Globo.

p. 33 — “Brasil vacila entre o pessimismo mais obtuso e a esperança mais frenética”: título sugerido pela edição do livro *Brasil em campo* (Nova Fronteira, 2012, p. 25-26) para a crônica publicada originalmente na coluna “Meu personagem da semana”, de *Manchete Esportiva* (31/5/1958, sem título).

p. 35 — Máspoli, goleiro do Uruguai, consola Augusto, jogador da seleção brasileira, na final da Copa do Mundo de 1950, no Maracanã. Foto de José Medeiros. | Acervo Instituto Moreira Salles.

p. 37 — Em 1958, Bellini, o capitão da seleção brasileira, ergue a taça Jules Rimet ao lado do presidente da Fifa, Sir Arthur Drewry. | Agência O Globo.

p. 38 — “[...] com dois minutos e meio, tínhamos...”: trecho da crônica “Meu personagem da semana: Garrincha”, publicada em *O berro impresso das manchetes* (Nova Fronteira, 2007, p. 397) e originalmente em *Manchete Esportiva* (21/6/1958).

p. 40 — Página de abertura do jornal *O Globo*, do dia 20 de abril de 1960, anunciando a criação do Estado da Guanabara, com a transferência da capital federal para Brasília.

p. 41 — Página de abertura do jornal *O Globo*, do dia 21 de abril de 1960, anunciando a inauguração de Brasília.

p. 42-43 — Construção do Congresso Nacional em Brasília, DF, por volta de 1958. Foto de Marcel Gautherot. | Acervo Instituto Moreira Salles.

p. 43 — “[...] o paralelepípedo mais analfabeto teria...”: trecho da crônica “A derrota dos cretinos”, publicada no livro *Brasil em campo* (Nova Fronteira, 2012, p. 43) e originalmente no jornal *Última Hora* (22/4/1960).

p. 44-45 — Ministérios em construção, em Brasília, DF, por volta de 1958. Foto de Marcel Gautherot. | Acervo Instituto Moreira Salles.

p. 46 — “Eu poderia falar em Furnas, Três Marias...”: trecho da crônica publicada no livro *Brasil em campo* (Nova Fronteira, 2012, p. 46) e originalmente em *Brasil em Marcha* (10/2/1961).

p. 46-47 — O presidente Juscelino Kubitschek hasteia a bandeira nacional durante a inauguração de Brasília. À esquerda, Armando Falcão, à direita, Ranieri Mazzilli. | Agência O Globo.

p. 48 — “O curioso é que nunca mais vira um pé de carambola...”: trecho retirado do romance *O casamento* (Nova Fronteira, 2006, p. 30), em que o personagem Sabino, partindo de uma simples reflexão sobre a dificuldade de se encontrar uma fruta outrora comum, aborda questões do Brasil da época. Note-se que foi Burle Marx quem projetou os jardins do parque do Aterro do Flamengo, inaugurado em 1965, um ano antes da publicação do romance de Nelson Rodrigues.

p. 48-49 — Construção do Aterro do Flamengo, na avenida Infante Dom Henrique. Foto de arquivo. | Agência O Globo.

p. 50-51 — Bonde circulando em rua do Rio de Janeiro na década de 1950. Foto de José Medeiros. | Acervo Instituto Moreira Salles.

p. 51 — “[...] o bonde é de outro dia. Há pouquíssimo tempo...”: trecho de crônica publicada no livro *O óbvio ululante* (Nova Fronteira, 2007, p. 203) e originalmente no jornal *O Globo* (19/3/1968).

p. 52-53 — Inauguração do ônibus elétrico no Rio de Janeiro (31/8/1962). | Agência O Globo.

p. 54-55 — Televisão dos anos 1950, seguindo a moda do pé palito. Foto de Lawrence Manning. | Acervo Corbis (RF) | Latinstock.

p. 55 — “Até aquele momento, o Brasil inteiro...”: trecho da crônica “Meu personagem da semana: Pelé”, publicada em *O berro impresso das manchetes* (Nova Fronteira, 2007, p. 400) e originalmente em *Manchete Esportiva* (24/6/1958).

p. 55 — “Quem ruge contra a televisão em cores...”: trecho da crônica “O sotaque”, publicada em *A cabra vadia* (Nova Fronteira, 2007, p. 41) e originalmente em *O Globo* (9/8/1968).

p. 56-57 — Capa da revista *O Cruzeiro*, em 14 de janeiro de 1961, com os campeões mundiais Maria Esther Bueno, Pelé, Éder Jofre e Bruno Hermanny. | Arquivo O Cruzeiro EM | Acervo D. A. Press.

p. 57 — “Não obstante o subdesenvolvimento, que explica tudo...”: trecho da crônica “Os defuntos literários”, publicada em *A cabra vadia* (Nova Fronteira, 2007, p. 90) e originalmente em *O Globo* (13/8/1968).

p. 58 e 63 — No estádio Nacional de Santiago, na final da Copa do Mundo de 1962, a torcida comemora com o goleiro Gilmar (carregado nas costas) o título de bicampeão conquistado pelo Brasil. Foto de Arquivo. | Agência O Globo.

p. 59 — A crônica "A piada imortal" foi publicada em *A pátria de chuteiras* (Nova Fronteira, 2013, p. 25-26) e originalmente no *Jornal dos Sports* (27/5/1962).

p. 61 — Seleção brasileira embarcando num jato da Panair para disputar a Copa do Mundo de 1962 no Chile. Da esquerda para a direita: Zequinha, Djalma Santos, Jair Marinho, Hilton Gosling, Pepe, Mauro, Mengálvio, Jair da Costa e Carlos Nascimento. Foto de Arquivo. | Agência O Globo.

p. 64 e 69 — Na Copa do Mundo de 1962, torcedores brasileiros comemoram na Cinelândia, Centro do Rio de Janeiro, a vitória sobre o Chile por 4 a 2. | Agência O Globo.

p. 65 — A crônica "A canção do Bi", inédita em livro, foi publicada no *Jornal dos Sports* (30/5/1962).

p. 67 — Torcida brasileira nas ruas do Rio de Janeiro, em 30 de maio de 1962, dia dos primeiros jogos da Copa do Mundo sediada pelo Chile. O Brasil estreou nesse dia ganhando de 2 a 0 do México. Foto de Arquivo. | Agência O Globo.

p. 70-71 — Vista parcial do Porto de Tubarão, em Vitória, ES, retratada em 15 de setembro de 2008. | Foto de John Stanmeyer | VII | Latinstock | Corbis | Corbis (DC).

p. 72-73 — Martha Rocha, a Miss Brasil 1954, concorreu ao título de Miss Universo no mesmo ano, mas perdeu para Mirian Stevenson, representante dos Estados Unidos. Na época, o jornalista João Martins, da revista *O Cruzeiro*, noticiou que a derrota se dera por causa de duas polegadas a mais nos quadris da brasileira. No entanto, essa história, que virou até marchinha de Carnaval, parece ter sido apenas uma criação para consolar o orgulho dos compatriotas da beldade, que, em sua biografia, de 1993, afirmou: "Nem eu mesma soube se essa história das duas polegadas teria sido verdade mesmo. Ninguém me apresentou uma versão convincente sobre o detalhe que ficaria famoso — aquele que foi sem talvez nunca ter sido. Nos Estados Unidos, nunca ninguém me tirou as medidas". Foto de Theopompo do Amaral. | Agência O Globo.

p. 73 — “Um dia, acordamos com esta notícia...”: trecho da crônica “O grã-fino não quer nada com o Brasil”, publicada em *Brasil em campo* (Nova Fronteira, 2012, p. 56) e originalmente em *O Globo* (31/5/1975).

p. 74-75 — A candidata do Rio Grande do Sul, Ieda Maria Vargas, é eleita Miss Brasil 1963. | Agência O Globo.

p. 75 — “Em nossos dias, cabe a pergunta alarmada...”: trecho da crônica “Velhos espartilhos”, publicada em *A cabra vadia* (Nova Fronteira, 2007, p. 419) e originalmente em *O Globo* (12/2/1968).

p. 76 e 78-79 — Vista do Pão de Açúcar em 27 de junho de 1994. Foto de Ricardo Mello. | Agência O Globo.

p. 77 — A crônica “Brasileiro, da cabeça aos sapatos”, inédita em livro, foi publicada em *O Globo*, no dia 14 de julho de 1966. O título é uma sugestão desta publicação.

p. 81 e 82-83 — Torcedores desolados com a derrota do Brasil na Copa do Mundo de 1966 para a seleção da Hungria, que venceu por 3 a 1 o jogo da primeira fase do campeonato, sediado pela Inglaterra. | Agência O Globo.

p. 82 — “Amigos, eis 80 milhões de brasileiros numa humilhação feroz...”: trecho da crônica “A vergonha”, publicada em *À sombra das chuteiras imortais* (Companhia das Letras, 1993, p. 145) e originalmente em *O Globo* (20/7/1966).

p. 84-85 — Em 1966, o Rio de Janeiro foi atingido por um dos maiores temporais da história da cidade. Na foto, carros parados na avenida Francisco Bicalho. Foto de arquivo. | Agência O Globo.

p. 86 — “[...] enquanto os outros passavam exalando uma ira misteriosa...”: trecho do primeiro capítulo do livro *Memórias: A menina sem estrela* (Nova Fronteira, 2009, p. 20-21).

p. 87 — Capa da Constituição do Brasil de 1967. | Acervo Arquivo Nacional.

p. 88-89 — A Passeata dos Cem Mil, no dia 26 de junho de 1968, no Rio de Janeiro, reuniu estudantes, artistas, intelectuais e religiosos contra a ditadura. | Agência O Globo.

p. 89 — “Lembro-me então de uma das recentes passeatas...”: trecho da crônica “O único De Gaulle”, publicada em *A cabra vadia* (Nova Fronteira, 2007, p. 298-299) e originalmente em *O Globo* (27/9/1968).

p. 90 — O edifício Copan, projetado em 1951 por Oscar Niemeyer, era a imagem da São Paulo moderna nos anos 1950, 1960, 1970. Encomendado para o IV Centenário da cidade, que seria comemorado em 1954, ficou com as obras paradas até 1957, por questões financeiras. Insatisfeito por ver o prédio apenas no terceiro piso na época das comemorações do quarto centenário de São Paulo, Niemeyer entregou o projeto a Carlos Lemos e se dedicou à construção de Brasília. A foto retrata o edifício em 2008. | Acervo Wikimedia Commons.

p. 91 — "[...] assisti, no último sábado, à entrega dos prêmios...": trecho da crônica "A vaca premiada", publicada em *A cabra vadia* (Nova Fronteira, 2007, p. 125-126) e originalmente em *O Globo* (23/1/1968).

p. 92 — "Mas vejamos o sr. Caetano Veloso...": trecho da crônica "Os centauros", publicada em *A cabra vadia* (Nova Fronteira, 2007, p. 278-279) e originalmente em *O Globo* (26/9/1968).

p. 92-93 — Caetano Veloso no III Festival Internacional da Canção Popular (26/9/1968). | Agência O Globo.

p. 94-95 — Construção da Ponte Rio-Niterói. | Arquivo G. Ermakoff.

p. 96-97 — A imagem da pegada de Buzz Aldrin, integrante da missão Apollo 11, representa um dos primeiros passos dados na Lua. Neil Armstrong e Buzz Aldrin andaram na Lua em 20 de julho de 1969. Foto de Buzz Aldrin. | NASA.

p. 97 — "'Precisamos mudar de Deus', disse ele...": trecho da crônica "Pior deserto que a solidão lunar", publicada na coluna "As confissões de Nelson", em *O Globo* (27/7/1969). Nelson Rodrigues criava personagens-tipo para caracterizar determinado grupo social e os mencionava em diversos textos seus. É o caso do "padre de passeata", religioso que, no fim dos anos 1960, participava de manifestações de rua contra a ditadura militar em trajes civis. Daí a menção à Passeata dos Cem Mil. Em entrevista à revista *Manchete*, em agosto de 1977, Nelson define esse personagem também como "o falso padre, o sujeito que trai a Igreja, que trai Cristo, trai Deus. Este é o padre de passeata". O religioso da crônica está cercado de grã-finas num dos endereços mais chiques do Rio de Janeiro, a avenida Vieira Souto, o que aponta para mais uma característica desabonadora sua: o apego material.

p. 98-99 — Vistas da avenida Atlântica e da praia de Copacabana, no Rio de Janeiro. Obra de reurbanização da avenida Atlântica pela Sursan

(Superintendência de Urbanização e Saneamento). Foto de Eurico Dantas. | Agência O Globo.

p. 100 — “Eu só sei viver com minha língua e minha pátria...”: trecho de entrevista concedida por Nelson Rodrigues à TVE, em 1973.

p. 100-101 — Nelson Rodrigues na avenida Atlântica, Copacabana, Rio de Janeiro, em 8 de janeiro de 1976. Foto de Anibal Philot. | Agência O Globo.

p. 102-103 — Píer construído para as obras de saneamento em Ipanema, Rio de Janeiro. Na imagem, banhistas com cachorro retratados no dia 28 de abril de 1971. Foto de Paulo Moreira. | Agência O Globo.

p. 103 — “Hoje, não há mais louro no Brasil. Todo mundo é moreno...”: trecho da crônica “O bom padre”, publicada em *A cabra vadia* (Nova Fronteira, 2007, p. 407) e originalmente em *O Globo* (2/7/1968).

p. 104-105 — O jogador Jairzinho (camisa 7) comemora o seu gol na final da Copa do Mundo do México. Foto de Rodolpho Machado. | Agência O Globo.

p. 106 — “Claro que muitos leitores abominam o futebol...”: trecho da crônica “A solidão negra”, publicada em *A cabra vadia* (Nova Fronteira, 2007, p. 59) e originalmente em *O Globo* (28/8/1969).

p. 107 — Homem enfeita rua com bandeira do Brasil para torcer pela seleção na Copa do Mundo de 1970. | Agência O Globo.

p. 108 — Peças do acervo do Museu do Futebol (Maracanã, RJ): rede usada no jogo do milésimo gol de Pelé e camisa da seleção de Garrincha. Foto de Ivo Gonzalez. | Agência O Globo.

p. 109 — A crônica “Brasil, Brasil, Brasil”, inédita em livro, foi publicada em *O Globo*, no dia 18 de junho do 1970. O título é uma sugestão desta publicação.

p. 111 — A seleção tricampeã desfila no carro do Corpo de Bombeiros, em São Paulo, na volta da Copa do Mundo do México, em junho de 1970. | Agência O Globo.

p. 113 — Bandeira do Brasil. Foto de Lawrence Manning. | Corbis.

p. 114-115 — Nelson Rodrigues na redação do jornal *O Globo*, Rio de Janeiro, retratado em 4 de abril de 1975. Foto de Arquivo. | Agência O Globo.

p. 115 — “Há todo um Brasil por fazer...”: trecho da crônica “Agonia da palavra”, publicada em *A cabra vadia* (Nova Fronteira, 2007, p. 379) e

originalmente em *O Globo* (5/3/1968).

REFERENCES

p. 3 and 106 — Stamp created for this publication out of a photo of the player Jairzinho at the Mexico World Cup, shooted by Rodolpho Machado and owned by O Globo Agency.

p. 12 — Nelson Rodrigues in *O Globo*'s editorial room, Rio de Janeiro, April 4, 1975. Archive photo. | O Globo Agency.

p. 14-15 — Aerial view of Maracana stadium, situated in the city of Rio de Janeiro, on July 16, 1950. | Latinstock. | dpa. | Corbis. | Corbis (DC).

p. 16 — The chronicle "Down With The Humility!" was published in the book *The Printed Scream of The Headlines* [*O berro impresso das manchetes*] (Nova Fronteira, 2007, p. 82-84), and formerly in the magazine *Manchete Esportiva* (5/19/1956).

p. 17-19 — Final match of the 1950 World Cup, at Maracana stadium, shooted by photographer Jose Santos. | O Globo Agency.

p. 18 — "At the inaugurated Maracana...": stretch out of the chronicle "In Brazil, Soccer Plays The Role of Fiction", from the book *Brazil in Field* [*Brasil em campo*] (Nova Fronteira, 2012, p. 14), and formerly published in the newspaper *O Globo*, s/d.

p. 20 — Boy on Maracana bleachers in the final game of 1950 World Cup. Photo by Jose Medeiros. | Moreira Salles Institute Collection.

p. 20 — "In 1950, there was almost a national suicide...": stretch out of the chronicle "Pele, Michelangelo, Homer and Dante's Colleague", published in the book *The Homeland in Cleats* [*A pátria de chuteiras*] (Nova Fronteira, 2013, p. 39), and formerly published in the magazine *Manchete Esportiva*, on January, 1959.

p. 21 — Nelson Rodrigues in 1956. | Documentation Center — Funarte Collection.

p. 21 — "Brazil is not world champion yet...": stretch out of the chronicle "Brazil's Victories", published in the book *The Printed Scream of The Headlines* [*O berro*

impresso das manchetes] (Nova Fronteira, 2007, p. 253), and formerly published in the magazine *Manchete Esportiva*, on June 22, 1957.

p. 22-23 — Formation of a coffee farm in a colony in the state of Parana, 1955. Photo by Haruo Ohara. | Moreira Salles Institute Collection.

p. 24 — Montreal Building, on Ipiranga Avenue, at about 1955. Photo by Francisco Albuquerque. | Museum of Image and Sound Convention. | Moreira Salles Institute Collection.

p. 25 — Petrobras oil refinery in Cubatao, state of Sao Paulo, 1957. Photo by Francisco Albuquerque. | Museum of Image and Sound Convention. | Moreira Salles Institute Collection.

p. 25 — "[...] three men wrestled for Brazil...": stretch out of the novel *Wild Asphalt — Engraçadinha, Her Loves and Her Sins* [*Asfalto selvagem — Engraçadinha, seus amores e seus pecados*] (Nova Fronteira, 2008, cap. 51, p. 299).

p. 26 — Paulo Afonso Hydroeletric Complex, shooted in December 1st, 2007. Photo by Maria Hsu. | Wikimedia Commons Collection.

p. 27 — Codiq, portuguese abreviation of Constrution Company for Industrial Equipment (Construtora de Equipamentos Industriais), in 1953. Photo by Francisco Albuquerque. | Museum of Image and Sound Convention. | Moreira Salles Institute Collection.

p. 27 — "Nowadays, we have a sociologist, Sergio Lemos, who...": stretch out of the book *Memoirs: The Girl Without a Star* [*Memórias: A menina sem estrela*] (Nova Fronteira, 2009, cap. 13, p. 80-81).

p. 28 — Advertising campaign for the Volkswagen Beetle, 1964. Photo by Francisco Albuquerque. | Moreira Salles Institute Collection.

p. 28 — "The bus crosses, passes extremely close to an Aero-Willys...": stretch out of the novel *The Wedding* [*O casamento*] (Nova Fronteira, 2006, p. 141).

p. 29 — Aero-Willys at the Sao Paulo's Automobile Hall, 1962. | O Globo Agency.

p. 29 — Advertising campaign "New well-tasted touch in the Brazilian modern landscape" for the Simca Chambord automobile, in Brasilia, DF, at about 1960.

Photo by Francisco Albuquerque. | Museum of Image and Sound Convention. | Moreira Salles Institute Collection.

p. 30-31 — Cinema Odeon, in downtown Rio de Janeiro, on August 29, 1960. Archive Photo. O Globo Agency.

p. 31 — “I see Brazil as the homeland of gesture...”: stretch out of the chronicle “An Actor Looks For An Audience” [“Um ator persegue uma plateia”], published in the book *The Howling Obvious* [*O óbvio ululante*] (Nova Fronteira, 2007, p. 317), and formerly published in the newspaper *O Globo* (4/26/1968).

p. 32 and 38-39 — Final match of the 1958 World Cup, in Sweden. Brazilian players run the victory lap after winning the host country by 5-2 at the Råsunda Stadium, in Stockholm. Foreground: Gilmar, Bellini, Zagallo, Garrincha, Nilton Santos, Vava, Zito, Hilton Gosling (doctor), someone unidentified and Pele (a little way behind). Photo by Indaiassu Leite. | O Globo Agency.

p. 35 — Uruguayan goalkeeper Maspoli comforts Brazilian player Augusto in the final game of 1950 World Cup, at Maracana stadium. Photo by Jose Medeiros. | Moreira Salles Institute Collection.

p. 36 — “Brazil Falters Between the Dullest Pessimism and The Most Frantic Hope”, title suggested by the edition of the book *Brazil in Field* [*Brasil em campo*] (Nova Fronteira, 2012, p. 25-26) to the chronicle formerly published in the maganize *Manchete Esportiva*’s section “My Character of The Week” (5/31/1958, no title).

p. 37 — In 1958, Bellini, national Brazilian team’s capitain, raises the Jules Rimet trophy alongside Fifa’s president Sir Arthur Drewry. | O Globo Agency.

p. 38 — “[...] with two and a half minutes, we tucked...”: stretch ou of the chronicle “My Character of The Week: Garrincha” [“Meu personagem da semana: Garrincha”], published in the book *The Printed Scream of The Headlines* [*O berro impresso das manchetes*] (Nova Fronteira, 2007, p. 397), and formerly published in the magazine *Manchete Esportiva* (6/21/1958).

p. 40 — Cover of the newspaper *O Globo*, in April 20, 1960, announcing the creation of the state of Guanabara and the transference of the federal district to the city of Brasilia.

p. 41 — Cover of the newspaper *O Globo*, in April 21, 1960, announcing the foundation of Brasilia.

p. 42-43 — Construction of the National Congress, in Brasilia, DF, at about 1958. Photo by Marcel Gautherot. | Moreira Salles Institute Collection.

p. 43 — "[...] the most illiterate paving stone would...": stretch out of the chronicle "The Cretins Defeat" ["A derrota dos cretinos"], published in the book *Brazil in Field* [Brasil em campo] (Nova Fronteira, 2012, p. 43), and formerly published in the newspaper *Ultima Hora* (4/22/1960).

p. 44-45 — Construction of the ministries in Brasilia, DF, at about 1958. Photo by Marcel Gautherot. | Moreira Salles Institute Collection.

p. 46 — "I could talk about Furnas, Tres Marias...": stretch out of a chronicle published in the book *Brazil in Field* [*Brasil em campo*] (Nova Fronteira, 2012, p. 46), and formerly published in *Brasil em Marcha* (2/10/1961).

p. 46-47 — President Juscelino Kubitschek raises the national flag during the foundation of Brasilia. At the left, Armando Falcao, at the right, Ranieri Mazzilli. | O Globo Agency.

p. 48 — "The curious thing is that he has never seen a starfruit tree again...": stretch out of the novel *The Wedding* [*O casamento*] (Nova Fronteira, 2006, p. 30), in which the character Sabino, through a mere reflection about the difficulty to find a once ordinary fruit, broach questions about Brazil at that time. It is not to be forgotten that Burle Marx projected the gardens of the Flamengo Embankment park, inaugurated in 1965, one year before the release of the Nelson Rodrigues' novel.

p. 48-49 — Construction of the Flamengo Embankment, on Infante Dom Henrique Avenue. Archive photo. | O Globo Agency.

p. 50-51 — Tram moving in a street of the city of Rio de Janeiro in the 1950s. Photo by Jose Medeiros. | Moreira Salles Institute Collection.

p. 51 — "[...] the tram is from another day. Not long ago...": stretch out of the chronicle published in the book *The Howling Obvious* [*O óbvio ululante*] (Nova Fronteira, 2007, p. 203), and formerly published in the newspaper *O Globo* (3/19/1968).

p. 52-53 — Inauguration of the electric bus in Rio de Janeiro (8/31/1962). | O Globo Agency.

p. 54-55 — Television of the 1950s, following the spindly legs style. Photo by Lawrence Manning. | Corbis Collection (RF). | Latinstock.

p. 55 — “Until that moment, the whole Brazil...”: stretch out of the chronicle “My Character of The Week: Pele” [“Meu personagem da semana: Pelé”], published in the book *The Printed Scream of The Headlines* [*O berro impresso das manchetes*] (Nova Fronteira, 2007, p. 400), and formerly published in the magazine *Manchete Esportiva* (6/24/1958).

p. 55 — “The one who roars against color television...”: stretch out of the chronicle “The Accent” [“O sotaque”], published in the book *The Tramp Goat* [*A cabra vadia*] (Nova Fronteira, 2007, p. 41), and formerly published in the newspaper *O Globo* (8/9/1968).

p. 56-57 — Cover of the magazine *O Cruzeiro*, in January 14, 1961, with the world champions Maria Esther Bueno, Pele, Eder Jofre and Bruno Hermanny. | O Cruzeiro Archive EM. | D. A. Press Collection.

p. 57 — “Notwithstanding the underdevelopment, which explains everything...”: stretch out of the chronicle “The Literary Deceased” [“Os defuntos literários”], published in the book *The Tramp Goat* [*A cabra vadia*] (Nova Fronteira, 2007, p. 90), and formerly published in the newspaper *O Globo* (8/13/1968).

p. 58 and 63 — At the National Stadium of Santiago, in the final game of 1962 World Cup, the crowd celebrates with the goalkeeper, Gilmar (carried upon shoulders) the Brazilian bichampionship. Archive photo. | O Globo Agency.

p. 61 — Brazilian national team getting on a Panair jet to compete in the 1962 World Cup, in Chile. From left to right: Zequinha, Djalma Santos, Jair Marinho, Hilton Gosling, Pepe, Mauro, Mengalvio, Jair da Costa and Carlos Nascimento. Archive photo. | O Globo Agency.

p. 62 — The chronicle “The Immortal Joke” [“A piada imortal”] was published in *The Homeland in Cleats* [*A pátria de chuteiras*] (Nova Fronteira, 2013, p. 25-26) and formerly published in the newspaper *Jornal dos Sports* (5/27/1962).

p. 64 and 69 — In 1962 World Cup, Brazilian crowd cheers at Cinelandia Square, downtown Rio de Janeiro, the victory against Chile, by 4-2. | O Globo Agency.

p. 67 — Brazilian crowd at Rio de Janeiro streets, on May 30, 1962, day of the first games in the World Cup hosted by Chile. Brazil started winning at that day,

by 2-0 against Mexico. Archive Photo. | O Globo Agency.

p. 68 — The chronicle “The Song of The Bi” [“A canção do Bi”] was never published in a book, only in the newspaper *Jornal dos Sports* (5/30/1962).

p. 70-71 — Partial view of the Tubarao Harbour, in Vitoria, Espirito Santo state, shooted in September 15, 2008. | Photo by John Stanmeyer | VII | Latinstock | Corbis | Corbis (DC).

p. 72-73 — Martha Rocha, the 1954 Miss Brazil, applied for the post of Miss Universe in the same year, but lost to Mirian Stevenson, United States’ constestant. At that time, the journalist Joao Martins, from the magazine *O Cruzeiro*, wrote the defeat was caused by two more inches in the hips of the Brazilian. However, this story, which has even become a Carnival song, seems to be only an invention to save the national pride. The beautiful Martha, in her biography, published in 1993, said: “I have never known whether this story about the two inches was true or not myself. Nobody showed me a convincing version about that detail which would get famous — and maybe never happened. In United States, nobody took my measurements.” Photo by Theopompo do Amaral. | O Globo Agency.

p. 73 — “One day, we woke up to this news...”: stretch out of the chronicle “The Snob Man Wants Nothing to Do With Brazil” [“O grã-fino não quer nada com o Brasil”], published in the book *Brazil in Field* [*Brasil em campo*] (Nova Fronteira, 2012, p. 56), and formerly published in the newspaper *O Globo* (5/31/1975).

p. 74-75 — The Rio Grande do Sul competitor, Ieda Maria Vargas, is nominated 1963 Miss Brazil. | O Globo Agency.

p. 75 — “In our days, the alarmed question is appropriate...”: stretch out of the chronicle “Old Corsets” [“Velhos espartilhos”], published in the book *The Tramp Goat* [*A cabra vadia*] (Nova Fronteira, 2007, p. 419), and formerly published in the newspaper *O Globo* (2/12/1968).

p. 76 and 78-79 — Sugarloaf Montain (morro Pão de Açúcar, in portuguese), in June 27, 1994. Photo by Ricardo Mello. | O Globo Agency.

p. 80 — The chronicle “Brazilian, From Head to Shoes” [“Brasileiro, da cabeça aos sapatos”] was never published in a book, only in the newspaper *O Globo* (7/14/1966). The title is a suggestion of this publication.

p. 81 and 82-83 — Crowd desolated with the Brazilian defeat in the 1966 World Cup to the Hungarian national team, which won, by 3-1, a game of the first phase of the championship, hosted by England that year. | O Globo Agency.

p. 82 — “My friends, here are eighty million Brazilians in a fierce humiliation...”: stretch out of the chronicle “The Shame” [“A vergonha”], published in *In the Shade of the Immortal Cleats* [*À sombra das chuteiras imortais*] (Companhia das Letras, 1993, p. 145), and formerly published in the newspaper *O Globo* (7/20/1966).

p. 84-85 — In 1966, Rio de Janeiro suffered one of the biggest storms in the history of the city. In the photo, cars stopped on Francisco Bicalho Avenue. Archive photo. | O Globo Agency.

p. 87 — “[...] while the others passed by, exuding a mysterious anger...”: stretch out of the first chapter of the book *Memoirs: The Girl Without a Star* [*Memórias: A menina sem estrela*] (Nova Fronteira, 2009, p. 20-21).

p. 87 — Cover of the 1967 Brazilian Constitution. | National Archive Collection.

p. 88-89 — The March of One Hundred Thousand (6/26/1968), in the city of Rio de Janeiro, has united students, artists, thinkers and religious people against the dictatorship. | O Globo Agency.

p. 89 — “Then I remember one of the recent marches...”: stretch out of the chronicle “The Only De Gaulle” [“O único De Gaulle”], published in the book *The Tramp Goat* [*A cabra vadia*] (Nova Fronteira, 2007, p. 298-299), and formerly published in the newspaper *O Globo* (9/27/1968).

p. 90 — The Copan Building, designed in 1951 by Oscar Niemeyer, was the image of the modern city of Sao Paulo in the 1950s, 1960s and 1970s. Ordered because of the IV Centenarian of the city, which was celebrated in 1954, the construction works stood still until the year of 1957, because of financial issues. Discontent to see the building only constructed until the third floor by the time of the celebrations of the Sao Paulo centenarian, Niemeyer gave the project up to Carlos Lemos and devoted himself to build Brasilia. The photo shows the building in 2008. | Wikimedia Commons Collection.

p. 91 — “[...] last Saturday, I attended to the award ceremony...”: stretch out of the chronicle “The Rewarded Cow” [“A vaca premiada”], published in the book *The Tramp Goat* [*A cabra vadia*] (Nova Fronteira, 2007, p. 125-126), and formerly published in the newspaper *O Globo* (1/23/1968).

p. 92 — “But let’s take a look at Mister Caetano Veloso...”: stretch out of the chronicle “The Centaurs” [“Os centauros”], published in the book *The Tramp Goat* [*A cabra vadia*] (Nova Fronteira, 2007, p. 278-279), and formerly published in the newspaper *O Globo* (9/26/1968).

p. 92-93 — Caetano Veloso in the III International Popular Song Festival (9/26/1968). | O Globo Agency.

p. 94-95 — The construction of Rio-Niteroi Bridge. | G. Ermakoff Archive.

p. 96-97 — One of the first steps taken on the Moon, this is an image of Buzz Aldrin’s bootprint from the Apollo 11 mission. Neil Armstrong and Buzz Aldrin walked on the Moon on July 20, 1969. Photo by Buzz Aldrin. | NASA.

p. 97 — “‘We need to change Gods’, he said...”: stretch out of the chronicle “A Desert Worse Than The Lunar Solitude” [“Pior deserto que a solidão lunar”], published in the section “Nelson’s confessions” [“As confissões de Nelson”] of the newspaper *O Globo* (7/27/1969). Nelson Rodrigues used to create flat characters to describe a given social group. He also used to refer to them in many of his texts. It is the case of the “Father of March”, religious man who, by the end of the 1960s, took part in street protests against the militar dictatorship dressed in civilian clothes. Hence, Nelson mentions the march of One Hundred Thousand. In an interview to the magazine *Manchete*, in August, 1977, Nelson also defined this character as a “fake priest, that one who betrays Church, Christ and God. The Father of the March”. The religious man of this chronicle is surrounded by rich women in one of the most elegant adresses of Rio de Janeiro, the Vieira Souto Avenue, situation that points to one more trait that descredits him: he is attached to material goods.

p. 98-99 — Views of Atlantica Avenue and Copacabana Beach, in Rio de Janeiro. Works to reurbanize Atlantica Avanue, by Sursan (Superintendência de Urbanização e Saneamento), the portuguese abreviation for Urbanism and Sanitation Superintendency. Photo by Eurico Dantas. | O Globo Agency.

p. 100 — “I only know how to live with my language and my homeland...”: stretch out of an interview Nelson Rodrigues has given to TVE, a Brazilian TV station, in 1973.

p. 100-101 — Nelson Rodrigues in the Atlantica Avenue, Copacabana, Rio de Janeiro (1/8/1976). Photo by Anibal Philot. | O Globo Agency.

p. 102-103 — Pier built to the sanitation works in Ipanema, Rio de Janeiro. In the photo, bathers with a dog in April 28, 1971. Photo by Paulo Moreira. | O Globo Agency.

p. 103 — “Nowadays, there are no more blond people in Brazil. Everyone is brunet...”: stretch out of the chronicle “The Good Priest” [“O bom padre”], published in the book *The Tramp Goat* [*A cabra vadia*] (Nova Fronteira, 2007, p. 407), and formerly published in the newspaper *O Globo* (7/2/1968).

p. 104-105 — Player Jairzinho (shirt number seven) celebrates his goal in the final game of Mexico World Cup. Photo by Rodolpho Machado. | O Globo Agency.

p. 106 — “Of course many readers abominate soccer...”: stretch of the chronicle “The Black Solitude” [“A solidão negra”], published in the book *The Tramp Goat* [*A cabra vadia*] (Nova Fronteira, 2007, p. 59), and formerly published in the newspaper *O Globo* (8/28/1969).

p. 107 — Man decorates street with a Brazilian flag to cheer for the national team in 1970 World Cup. | O Globo Agency.

p. 108 — Pieces in Soccer Museum (Maracana, RJ): net used in the game when Pele scored his thousandth goal and Garrincha’s shirt of Brazilian national team. Photo by Ivo Gonzalez. | O Globo Agency.

p. 111 — Brazilian national team, three times world champion, parades in Fire Departament’s car, in Sao Paulo, after coming back to the country from Mexico World Cup, in June, 1970. | O Globo Agency.

p. 112 — The chronicle “Brazil, Brazil, Brazil” [“Brasil, Brasil, Brasil”] was never published in a book, only in the newspaper *O Globo* (6/18/1970). The title is a suggestion of this publication.

p. 113 — Flag of Brazil. Photo by Lawrence Manning. | Corbis.

p. 114-115 — Nelson Rodrigues in *O Globo*’s editorial room, Rio de Janeiro, April 4, 1975. Archive photo. | O Globo Agency.

p. 115 — “There is a whole Brazil to be made...”: stretch out of the chronicle “Word’s Agony” [“Agonia da palavra”], published in the book *The Tramp Goat* [*A cabra vadia*] (Nova Fronteira, 2007, p. 379), and formerly published in the newspaper *O Globo* (3/5/1968).

EDITORA RESPONSÁVEL

Maria Cristina Antonio Jeronimo

PRODUÇÃO

Adriana Torres

Thalita Ramalho

PRODUÇÃO EDITORIAL

Janaína Senna

PESQUISA DE TEXTOS E IMAGENS

Janaína Senna

VERSÃO PARA O INGLÊS E REVISÃO

Milena Martins

Sigrid Ribeiro

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Sérgio Campante

MÍDIAS DIGITAIS

Letícia Lira

Mariana Mello e Souza

Aniele Xavier

1 *CBD are the initials of Confederação Brasileira de Desportos (Brazilian Confederation of Sports), agency that took care of all active sports in Brazil at that time. Later, CBD changed its name to Confederação Brasileira de Futebol (Brazilian Confederation of Soccer), current entity in charge of soccer in the coutry. The other active sports are, nowadays, coordinated by COB (Comitê Olímpico Brasileiro — Brazilian Olympic Committee).*

2 *The most famous Brazilian popsicle, which completed 65 years in 2012, Chicabon was the country's first ice cream and the second one to be released by Kibon, in 1942, right after Eski-bon. To this day, the ice cream on a stick keeps the same formula, which differentiates it from mere chocolate ice cream: apart from milk and chocolate there is also malt in its formula.*

3 *Eleonora Duse (1858-1924) was a worldwide recognized italian actress, considered a genius by audiences and critics. She was also praised by Anton Chekhov and George Bernard Shaw as one of the greatest actress of her time.*

4 Candango*is a word that designates the people who worked building the city of Brasilia, Brazil's new federal district.*

5 *The Portuguese sailor who arrived in Brazil by the year of 1500 to take office of the territory in the name of the Portuguese King D. Manuel, the first.*

6 *PUC is a private Catholic University in Brazil.*

7 *Canudos was a sociological and religious movement leaded by Antonio Conselheiro, which united thousands of countrymen and former slaves in the countryside of the state of Bahia.*

8 *Cauby Peixoto is a well-known Brazilian singer, extremely famous in the country by the time this text was writen. Cauby, as he is called until today, was also known by his success with the female audience.*

9 *Pero Vaz de Caminha was the scrivener of Pedro Alvares Cabral's fleet when they arrived in Brazil, by the year 1500. It was Caminha who wrote the first letter to the Portuguese King D. Manuel, the first, telling how the Brazilian land looked like.*